

actas



Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa





Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa

Ed. Rodrigo de Balbín Behrmann



La colección DOCUMENTOS PAHIS está integrada por las publicaciones promovidas por la Dirección General de Patrimonio Cultural de la Consejería de Cultura y Turismo en las que se recopila las líneas estratégicas, los programas y acciones desarrollados sobre el patrimonio cultural de Castilla y León de acuerdo con las previsiones establecidas en el Plan PAHIS 2004-2012.

La información, criterios, opiniones y propuestas que recogen las publicaciones han surgido en trabajos y encargos gestionados y supervisados por diferentes servicios técnicos y programados en el seno de la Dirección General de Patrimonio Cultural, y pretenden servir de difusión y de reflexión de las intervenciones, de las metodologías empleadas y de las previsiones sobre los bienes culturales en sus diferentes aspectos y tipologías.

La redacción de los textos, las imágenes y documentación gráfica es responsabilidad de cada uno de los autores, a quienes corresponde su propiedad intelectual.

© 2008 de esta edición:
Junta de Castilla y León
Consejería de Cultura y Turismo

ISBN: 978-84-9718-592-9

Depósito Legal: S. 843-2009

Diseño y Arte final: dDC, Diseño y Comunicación

Imprime: Gráficas Varona, S.A.

Printed in Spain. Impreso en España

António Martinho Baptista

Arqueólogo, IGESPAR
ambaptista@mail.telepac.pt

Mário Reis

Arqueólogo do IGESPAR

Prospecção da arte rupestre no Vale do Côa e Alto Douro português: ponto da situação em julho de 2006

Resumo

Apresenta-se um ponto da situação relativamente ao conhecimento da Arte do Côa até Julho de 2006, com um histórico da sua evolução desde os primórdios, com as primeiras e quase ignoradas referências dos anos 30 e 40, salientando-se a importância da prospecção sistemática para o recente salto quantitativo na quantidade de rochas decoradas conhecidas. Circunscreve-se e caracteriza-se geomorfologicamente a sua área de distribuição, centrada na junção entre os rios Côa e Douro. Caracterizam-se as metodologias de prospecção utilizadas e os diferentes

constrangimentos que enfrentam, e apresenta-se uma descrição sumária da geomorfologia e da arte rupestre de cada um dos sítios conhecidos, assim como uma caracterização geral dos quatro grandes períodos cronológicos aqui representados. Conclui-se com a certeza que os 36 diferentes sítios e as 644 rochas inventariadas até esta altura são apenas uma fracção do total, e que muito falta ainda por descobrir e interpretar do extraordinário conjunto de gravuras e pinturas da abrangentemente chamada Arte do Côa.

Palavras chave

Prospecção, Arqueologia rupestre, Arte do Vale do Côa, Arte Paleolítica, Arte da Idade do Ferro, Alto Douro português, Filiformes.

Introdução

A Arte do Vale do Côa foi revelada ao público em Novembro de 1994, desencadeando de imediato uma intensa polémica, que muito rapidamente atingiu uma dimensão internacional, uma vez que se encontrava na zona de afectação da projectada Barragem do Côa, então em plena construção, tendo-se colocado com apaixonada intensidade a questão da escolha entre a preservação da arte rupestre e a conclusão daquele empreendimento.

O desfecho é bem conhecido: em finais de 1995 as obras da barragem foram suspensas, enquanto se esperava pela conclusão de uma primeira fase de trabalhos científicos, de modo a aferir com maior rigor a real valia científica e patrimonial do conjunto rupestre. Concluído este trabalho, foi tomada a decisão política de cancelar as obras da barragem e de preservar e divulgar o extraordinário conjunto de arte rupestre do Côa. Com este objectivo, foi criado em 10 de

Agosto de 1996 o Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC), seguido da criação em Maio de 1997 do Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART), o qual, tendo por função o estudo e protecção da arte rupestre de todo o território nacional, foi sediado em Vila Nova de Foz Côa, bem no coração do mais importante complexo rupestre em território nacional. A decisão de optar pela preservação da Arte do Côa foi plenamente secundada pela classificação desta, em 2 de Dezembro de 1998, como Património Mundial pela UNESCO.

Desde finais de 1991 até aos nossos dias que as descobertas de arte rupestre na área do actual PAVC se sucedem a um ritmo acelerado e, apesar da grande quantidade de rochas historiadas presentemente conhecidas, mais de seis centenas, ainda estamos muito longe de conhecer o fim das descobertas e o número total de rochas decoradas aqui

existentes. O objectivo deste trabalho é apresentar um ponto da situação (em Julho de 2006) respeitante ao número de rochas conhecidas e aos seus enquadramentos cronológicos, e também apresentar um breve historial da evolução do conhecimento da Arte do Côa desde os seus primórdios, na primeira metade do século xx. Faremos também uma breve caracterização da geomorfologia da região e das características da prospecção arqueológica desenvolvida pelo CNART, especificamente orientada para a arte rupestre, salientando particularmente a importância do início da prospecção sistemática e do seu decisivo contributo para um pleno conhecimento da realidade rupestre de toda esta região.

A evolução das descobertas

OS ANTECEDENTES: ANTES DE 1988

As primeiras referências escritas

A primeira referência conhecida sobre a Arte do Côa data de 1938, na monumental obra do Abade de Baçal sobre a História e Arqueologia do distrito de Bragança. Embora Vila Nova de Foz Côa se situe fora deste distrito, fica ainda assim na sua periferia e merece a espaços algumas referências ao longo dos onze volumosos tomos que formam o conjunto da obra. Assim, no Tomo X, encontram-se numa só página 3 brevíssimas referências à existência de gravuras rupestres no termo de Vila Nova de Foz Côa (F. M. ALVES, 1938: 282), todas com origem na mesma fonte, o médico da vila, “grande benemérito Dr. José Silvério de Campos Henriques Salgado de Andrade, abastado proprietário de Vila Nova de Foz de Côa”, segundo as palavras do próprio Abade.

A mais extensa destas referências fala da descoberta em 1932 do que é hoje conhecido como o “muro dos Namorados”, no interior da aldeia de Castelo Melhor, por ocasião das obras de desentulho do caminho bordejado por este muro para o adaptar ao trânsito automóvel. É indicada já nesta altura a tipologia destas gravuras, basicamente constituída por motivos geométricos, vegetalistas e algumas mais raras figurações zoomórficas e antropomórficas, dizendo-se para além disso que se encontram mais algumas pedras gravadas em outros sítios de Castelo Melhor, nomeadamente em muros e paredes de casas. Refere-se também que nove destas pedras foram enviadas por Silvério de Andrade para o Museu de Bragança, actualmente conhecido como Museu Abade de Baçal. Conhecemos hoje cerca de oitenta destas pedras em Castelo Melhor, que poderão ter integrado um antigo edifício entretanto demolido, talvez de cariz religioso, com uma possível cronologia entre finais do século xv e o século

xvi, ou talvez até já do século xvii (M. GARCÍA DIEZ, L. LUÍS, 2003: 213-216).

As duas outras referências são muito curtas e pouco detalhadas. A primeira indica simplesmente que “No termo de Vila Nova de Foz Côa, sítio chamado Caminho de Santa Bárbara, há duas ferraduras gravadas num fragueiro”. Não conhecemos hoje estas hipotéticas gravuras, eventualmente já destruídas ou tapadas, muito provavelmente situadas no caminho alcatroado que passa ao lado da capela de Santa Bárbara, perto da antiga cerca tardo-medieval de Vila Nova de Foz Côa.

Logo a seguir, afirma-se: “e no denominado Canada do Inferno está gravada noutra fraga uma cruz reproduzida na figura 38”. Efectivamente, é apresentado um desenho de uma cruz cristã, incluindo a figuração muito esquematizada de Cristo crucificado, representado unicamente por um coração do qual saem dois braços estendidos para os braços da cruz. Curiosamente, nas agora bem conhecidas gravuras da Canada do Inferno, desconhece-se a existência de tal motivo, tal como é representado, se bem que na Rocha 7 se encontrem duas cruces picotadas com características algo similares. Isto não será de espantar, sabendo-se do pouco rigor dos levantamentos rupestres de então. Quase seguramente uma das cruces da Rocha 7 terá sido o modelo original, com o desenho provavelmente feito à vista, misturando-se características das duas cruces, negligenciando-se alguns detalhes e recriando-se um ou outro pormenor secundário.

Num último comentário sobre esta referência do Abade de Baçal à Canada do Inferno, pode afirmar-se que ela é tão interessante por aquilo que diz como, sobretudo, pelo que omite. Em primeiro lugar, se aceitarmos que foram as cruces da Rocha 7 que estiveram na origem desta notícia, é interessante repararmos que existem numerosos outros motivos nesta rocha, todos picotados e bem visíveis, e todos igualmente de época moderna. Ali estão duas datas (1753 e 1758), as duas cruces, uma pomba, um sol, uma assinatura, uma figura antropomórfica, entre outros motivos, mas apenas uma das cruces é mencionada na notícia. Por outro lado, é curioso que se refira a Rocha 7, que está longe de ser a mais notável das rochas com gravuras de época moderna da Canada do Inferno, e não se refira por exemplo a extraordinária Rocha 24, um grande painel situado na pequena praia que existia na Canada do Inferno, de acesso relativamente fácil, na confluência desta pequena linha de água com o Côa, logo abaixo dos moinhos aqui existentes, e repleto de figuras picotadas de época moderna, configurando o que se poderá considerar como um dos conjuntos gravados de época moderna mais notáveis e interessantes, não só do Côa, mas de todo o país (A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1997: 241-244, 287). Por fim,

à luz do que hoje sabemos da arte paleolítica do Côa e da Canada do Inferno em particular, e tendo em conta que a Rocha 7 se encontra imediatamente em frente da conhecida Rocha 1, é bem notória a ausência de referências sobre a existência dos motivos paleolíticos da Canada do Inferno, particularmente os picotados, salientando assim o aspecto, bem conhecido de qualquer investigador, de que normalmente só se descobre e se observa aquilo de que se está à espera de encontrar...

Se esta breve notícia tem por origem informações prestadas por Silvério de Andrade, não tendo o próprio Abade de Baçal chegado alguma vez a visitar pessoalmente as gravuras ali referidas, é o mesmo Silvério de Andrade que pouco depois, num texto dedicado genericamente a apresentar Vila Nova de Foz Côa e os seus monumentos, publica uma breve referência a umas gravuras em Castelo Melhor: “Há meses foi chamada a atenção de quem estas linhas escreve para umas pedras gravadas com desenhos representando flôres, plantas e animais ali encontradas. Alguns, feitos com notável perfeição, especialmente um peixe, umas serpentes e uma cabeça de cavalo arreado, assim como uma ave em atitude de levantar vôo, revelavam intuição artística da parte do lapicida. É evidente que se trata de petróglifos de época muito remota, para ali arremessados, à revelia, dignos de detalhado estudo.” (J. S. Andrade, 1940: 504). Estas linhas foram recentemente consideradas como a evidência de que teria sido Silvério de Andrade o primeiro descobridor das gravuras paleolíticas do Côa, nomeadamente as da Penascosa, uma vez que são estas que se encontram no termo da povoação de Castelo Melhor (A. Parafita, 2000; 2003). Diz-se também que Silvério de Andrade teria custeado do seu bolso a deslocação a Vila Nova de Foz Côa do conhecido fotógrafo Domingos Alvão, de que teriam resultado pelo menos dois álbuns de fotografias (incluindo, em princípio, fotografias de gravuras da Canada do Inferno), os quais, aparentemente, nunca terão chegado a ser publicados e estão dados como desaparecidos.

Do que conhecemos da vida e obra de Silvério de Andrade, não duvidamos que fosse um excelente representante do que se pode chamar um erudito local, uma pessoa com um amplo espectro de interesses, integrando um tipo de figura que pelas suas múltiplas actividades e publicações, ainda que geralmente de carácter amador, se destacaram de alguma forma no cinzento panorama cultural do salazarismo (e são hoje de extrema utilidade), de alguma forma complementando e até por vezes substituindo as actividades de investigação científica, infelizmente tão parcas ao longo de grande parte do século xx português.

No entanto e como já foi referido (L. Luís, 2005: 31, J. Zilhão, 2004a: 169), não se pode dizer que Silvério de

Andrade seja o “descobridor” das gravuras paleolíticas do Côa, uma vez que é claro, para quem quer que conheça as gravuras do muro dos Namorados, que é a estas que o cronista se refere e não às da Penascosa, onde não há quaisquer motivos paleolíticos que se possam paralelizar com a descrição que é feita, e para os quais a frase “para ali arremessados, à revelia”, não faz sentido, uma vez que as gravuras da Penascosa se encontram *in situ*, ao contrário dos blocos soltos e deslocados dos Namorados.

Para além destas referências escritas, as pedras gravadas dos Namorados são conhecidas *de facto* pela comunidade científica desde 1995 e, localizadas dentro da aldeia de Castelo Melhor, não estavam sequer ameaçadas pela construção da barragem do Côa. Quanto à descrição que é apresentada, apenas a “ave em atitude de levantar vôo” não tem paralelo no que conhecemos (talvez esta gravura em particular possa ser uma das nove pedras que foram enviadas por Silvério de Andrade para Bragança, e que ainda não tivemos ocasião de observar). As restantes, motivos vegetalistas, geométricos, serpentes, peixe e cavalo, tudo tem explicação possível e provável nas gravuras presentemente conhecidas do muro de Castelo Melhor. Assim, temos de considerar que o verdadeiro descobridor das gravuras paleolíticas do Côa foi quem primeiro as viu e reconheceu como tal, o arqueólogo Nelson Rebanda em finais de 1991, e que o primeiro reconhecimento da sua existência, pelo público e pela comunidade científica, se fez nos finais do ano de 1994 e ao longo de 1995.

A BARRAGEM DO POCINHO E AS PRIMEIRAS DESCOBERTAS EM 1982

No longo período que medeia entre a publicação destas duas breves referências e as primeiras descobertas da Arte do Côa, ou seja, entre os anos 40 e os anos 80, o Vale do Côa cai no total esquecimento da arqueologia portuguesa, reflectindo muito apropriadamente a pobreza da disciplina em todo o Estado Novo e nos primeiros e conturbados anos do pós 25 de Abril.

Será em 1982 que o ciclo rupestre do Côa verdadeiramente nasce para a ciência, por ocasião da construção da Barragem do Pocinho, concluída precisamente nesse ano, sendo um dos últimos empreendimentos construídos do sistema de barragens em cascata do Douro português.

Ainda que tardios e muito incompletos, reflectindo aliás a falta de sistematização dos Estudos de Impacte Ambiental (EIA) por esta altura, fazem-se alguns trabalhos de minimização dos impactes arqueológicos, e descobre-se então o primeiro dos núcleos da abrangentemente chamada Arte do Côa, no sítio do Vale da Casa, um terraço fluvial na margem esquerda do Douro, localizado sensivelmente a meio do espaço entre o paredão da barragem do Pocinho

e a foz do Côa. Uma equipa da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, coordenada por Francisco de Sande Lemos, descobria em meados de 1982 as primeiras cinco rochas gravadas, e no mês de Setembro foi levada a cabo uma campanha de salvamento, chefiada por um de nós (AMB), permitindo a descoberta e estudo de 23 afloramentos historiados neste sítio. Estas rochas apresentavam um leque variado de gravuras de diferentes períodos, com alguns motivos picotados da Pré-História recente, e outros de época moderna/contemporânea, mas salientando-se particularmente um amplo conjunto de rochas com numerosos motivos incisos da IIª Idade de Ferro. Era a primeira vez que gravuras deste tipo específico apareciam e eram estudadas em território português. Valerá a pena referir que o Vale da Casa é, ainda hoje, uma das mais notáveis concentrações de arte da IIª Idade do Ferro em toda esta região, onde é justo destacar a sua importantíssima Rocha 10, um painel inteiramente deste período e sem paralelo em toda o ciclo rupestre do Côa. Devemos (AMB) por isso corrigir a disparatada cronologia e paralelos com Mazouco (!) que o nosso colega e amigo Mário Varela GOMES resolveu atribuir a esta rocha considerando serem as suas “numerosas gravuras filiformes de estilo claramente paleolítico” !!!! (M. V. GOMES, 2002: 164). Qualquer leitor minimamente informado em arte rupestre pré e proto-histórica reconhecerá que ali nada há de paleolítico, o que poderá confirmar-se a partir do desenho integral daquela rocha publicado em A. M. Baptista, 1999: 174-175.

Na mesma altura, foram também descobertas as primeiras seis rochas do núcleo da Foz do Côa, todas com picotados de época moderna/contemporânea, localizadas sobre o Douro, em cotas logo abaixo da linha férrea, perto do pilar da ponte ferroviária que aqui faz a travessia do Côa. Digase, por fim, que todas estas rochas se encontram presentemente submersas nas águas da barragem do Pocinho, apenas sendo conhecidas pelos levantamentos então feitos (a primeira publicação destes trabalhos, com a apresentação das rochas do Vale da Casa, e a referência à descoberta das gravuras da Foz do Côa, encontra-se em A. M. BAPTISTA, 1983).

O ESTUDO PRELIMINAR DOS IMPACTES DA BARRAGEM DO CÔA

Se bem que o despacho final que aprovava a construção da barragem do Côa seja datado de 28 de Fevereiro de 1992 (F. S. LEMOS 1995: 154), os trabalhos preliminares tinham-se iniciado já em 1989, e entre eles está o primeiro estudo preliminar dos impactes arqueológicos do empreendimento, realizado por Francisco Sande Lemos, da então Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (F. S. LEMOS 1995).

Este relatório não foi publicado na altura, tendo sido entregue pelo autor ao IPPAR e às entidades promotoras da obra. Mais tarde, com o desencadear da polémica arqueológica de 1995, o autor entendeu promover ele próprio a sua publicação. Este estudo, realizado com poucos meios e, sobretudo, num tempo curto, em apenas duas semanas, pretendia apenas ser uma primeira abordagem não exaustiva sobre o património arqueológico afectado pelo empreendimento. Quanto à arte rupestre, o autor identificou então três sítios diferentes [João Zilhão refere que Sande Lemos teria também nesta altura descoberto as duas primeiras rochas com gravuras incisas de Vale de Moinhos (J. ZILHAO, 2004a: 168-169), mas é certamente um lapso, pois Sande Lemos não o refere no seu relatório; a descoberta destas gravuras ocorrerá de facto em 1992 pela equipa de Nelson Rebanda], destacando-se em primeiro lugar a descoberta do importantíssimo núcleo da Faia, tendo então sido registadas as quatro primeiras rochas com pinturas de tipologia neolítica e/ou calcolítica. Quanto a gravuras, identificaram-se nesta altura apenas duas rochas: uma, em Vale de Figueira, com alguns motivos profundamente incisos, do tipo “unhadas do diabo” e que, pela fotografia apresentada, sabemos corresponder à superfície hoje registada como Rocha 3; a outra situa-se na zona da foz da Canada do Inferno, e o autor não fornece grandes detalhes sobre esta rocha e os seus motivos, a não ser que eram de traço fino, considerando que seriam semelhantes às gravuras do Vale da Casa. Ou seja, Francisco de Sande Lemos identifica nesta altura gravuras incisas na Canada do Inferno, quase seguramente paleolíticas, mas não as reconhecendo então como tal, considerou-as provavelmente como proto-históricas. Não sabemos hoje a qual das rochas da Canada do Inferno poderá corresponder este achado. A referência a gravuras tipo Vale da Casa, ou seja, da Idade do Ferro, poderia remeter-nos para a Rocha 10, a única da Canada do Inferno com motivos desta época, mas tal parece-nos pouco provável, pois tem apenas um parco motivo esteliforme, e tem também motivos picotados paleolíticos, sendo pouco crível que estes tivessem escapado à observação.

Embora este trabalho de Sande Lemos se insira já no contexto das obras da barragem do Côa, preferimos incluí-lo ainda na fase dos “antecedentes” do conhecimento da Arte do Côa, pois é ainda um trabalho muito preliminar e de pequeno alcance, que não conseguirá atingir a compreensão do que é o complexo rupestre do Côa, embora seja de destacar, como se referiu, a descoberta do então quase inacessível núcleo da Faia.

Podemos assim resumir esta primeira fase. : as duas referências bibliográficas da primeira metade do século xx passaram quase despercebidas e podem considerar-se irrelevantes para a tomada de conhecimento da Arte do Côa.

Em 1982 e 1989 passam a ser conhecidos cinco dos actuais núcleos de gravuras: Vale da Casa, Foz do Côa, Faia, Canada do Inferno e Vale de Figueira, mas apenas para o Vale da Casa e para a Faia se pode dizer que o conhecimento então obtido espelhava razoavelmente as verdadeiras características destes núcleos, e em todos eles, por razões diversas, não se descobriram nesta altura gravuras paleolíticas, que todos eles possuem e alguns mesmo em abundância. De facto, à parte um ou outro motivo de difícil interpretação, as rochas conhecidas e submersas no terraço fluvial do Vale da Casa não têm claras gravuras paleolíticas, e as duas rochas paleolíticas hoje aqui identificadas encontram-se bem acima, na parte mediana do vale. Quanto à Foz do Côa, as prospecções de 1982 não entraram pelo Côa nem pelas suas vertentes, onde sabemos hoje que se encontram inúmeras rochas com arte paleolítica.

Na Faia, as duas rochas com motivos paleolíticos hoje conhecidas não tinham sido ainda descobertas. Na Canada do Inferno a descoberta então feita não foi talvez correctamente interpretada, e em Vale de Figueira descobriu-se nessa altura a que é claramente a menos interessante de todas as seis rochas actualmente conhecidas, mas também a que será mais fácil de ver e interpretar. Curiosamente é já nesta altura que se conhecem os extremos montante e jusante da distribuição da Arte do Côa tal como foi conhecida por algum tempo, a Sul o núcleo da Faia, e a Norte o sítio do Vale da Casa. Assim, e não entrando em consideração com as antigas referências bibliográficas, em 1989 conhecem-se cinco núcleos rupestres, com um total de 35 rochas.

A REVELAÇÃO DA ARTE DO CÔA: 1991-1996

Como é sabido, foi em Novembro de 1994 que se deu a revelação pública da Arte do Côa, desencadeada pelo convite feito por Nelson Rebanda a António Martinho Baptista, Mário Varela GOMES e Simões de Abreu, para visitarem no local as gravuras descobertas por ele e pela sua equipa. A intensa polémica que se seguiu é sobejamente conhecida [das numerosas referências já publicadas sobre o assunto, conf. A. M. BAPTISTA, 1999, 2000, A. BELTRÁN, 1996, M. E. GONÇALVES, 2001, V. O. JORGE, 1995, F. S. LEMOS, 1995, L. LUÍS, 2000, 2005, N. REBANDA, 1995, J. ZILHAO (coord.), 1997; sobre a polémica da datação das gravuras, conf. T. AUBRY 2002 e neste mesmo vol., T. AUBRY, A. M. BAPTISTA, 2000, T. AUBRY, M. GARCÍA DIEZ, 2000, A. M. BAPTISTA, 2001, R. BEDNARIK, 1995, R. I. DORN, 1997, F. M. PHILLIPS *et al.*, 1997, A. WATCHMAN, 1995 e 1996, J. ZILHAO, 1995a, 1995b, 1997 (coord.), 2004a e 2004b].

Mas, para além da revelação pública, entende-se como revelação da Arte do Côa a altura em que, por um lado se dá a descoberta e primeira percepção do complexo artís-

tico e do seu significado e importância e, por outro lado, se efectua um conjunto de trabalhos de investigação que permitem à comunidade científica ter uma percepção global do conjunto, permitindo definir correctamente o que é o Côa rupestre. Para nós, isso decorre entre finais de 1991, altura em que as primeiras gravuras paleolíticas da Canada do Inferno são descobertas, e finais de 1996, quando os trabalhos de investigação mandatados pelo governo se encontram concluídos e permitirão a publicação do Relatório de 1997 [J. ZILHAO (coord.) 1997], e a partir do qual se tomará a decisão de cancelar a construção da barragem e salvar a Arte do Côa.

Uma vez entregue o primeiro relatório do EIA, aquele foi remetido ao IPPAR, tendo este instituto chamado a si a responsabilidade do aprofundamento dos estudos arqueológicos (F. S. Lemos, 1995: 152). Para este efeito, é criado nesse ano o Projecto Arqueológico do Côa (PAC), com uma pequena equipa sob a direcção do arqueólogo do IPPAR Nelson Rebanda, que se manterá em funções até ao desencadear da polémica em finais de 1994, altura em que os trabalhos de investigação serão assumidos, a partir de Dezembro, pelos dois especialistas portugueses em arte rupestre, António Martinho Baptista e Mário Varela Gomes, culminando com a publicação do Relatório de 1997. Da equipa de Nelson Rebanda farão parte os técnicos João Félix e Manuel Almeida, que se manterão constantemente ligados aos trabalhos do Côa, posteriormente com a equipa de AMB e MVG, e logo depois no CNART, sendo pessoalmente responsáveis pela grande maioria das descobertas da Arte Rupestre do Côa até 2004. Juntamente com o desenhador Fernando Barbosa, que seguirá um percurso semelhante, é em grande medida ao seu conhecimento pessoal dos trabalhos de então que se deve uma parte do relato da sequência de achados aqui feita.

Este período entre finais de 1991 e finais de 1996 será não só fértil em polémicas e emoções, mas também extremamente profícuo em novas descobertas. A primeira ocorre presumivelmente no dia 20 de Novembro de 1991, quando Nelson Rebanda descobre a Rocha 1 da Canada do Inferno e o seu acervo de animais paleolíticos picotados. A partir daqui, e tendo em conta que o trabalho do PAC se dedicava a todo o património em geral e não especificamente à arte rupestre, as descobertas de rochas historiadas sucedem-se espaçadamente. Em Abril de 1992, coincidindo com o início das obras da barragem, descobrem-se duas rochas perto da foz da ribeira de Vale de Moinhos com gravuras filiformes paleolíticas, com algumas excelentes figuras de cervídeos em traço múltiplo. Será no entanto em 1993 e 1994 que se faz o grosso das descobertas do PAC, começando com o abrigo pintado da Ribeirinha em Fevereiro de 1993, seguido em Abril das primeiras rochas dos núcleos do Meijapão e Canada do

Amendoal, na área de influência directa das obras de construção da barragem. A partir de Setembro de 1993, com o abaixamento do nível da água da albufeira do Pocinho para a construção da ensecadeira do Côa, descobrem-se mais de vinte rochas gravadas na Canada do Inferno, assim como as primeiras rochas do Rêgo da Vide, em ambos os casos maioritariamente paleolíticas, mas também algumas rochas com gravuras modernas, por vezes de grande qualidade. Por esta altura, em Novembro de 1993, face ao grande conjunto de gravuras já descobertas, irá juntar-se à equipa do PAC o desenhador Fernando Barbosa, que já tinha estado presente em 1982 nos levantamentos do Vale da Casa, e durante cerca de um ano os esforços da equipa irão concentrar-se no registo e levantamento das rochas conhecidas na Canada do Inferno, interrompendo-se assim temporariamente a sucessão de descobertas.

Será já em Novembro de 1994, quase coincidindo com o desencadear da polémica, que se descobrem as duas primeiras rochas com gravuras paleolíticas em Vale de Figueira e uma em Vale de Videiro, seguindo-se imediatamente a descoberta das duas primeiras rochas da Ribeira de Piscos (N. REBANDA, 1995: 12), a Rocha 1 e os seus famosos cavalos com as cabeças enlaçadas, e a Rocha 2, com uma densa sobreposição de figuras incisas, incluindo a bem conhecida figura antropomórfica ictifálica.

Já sob a direcção de António Martinho Baptista e Mário Varela Gomes, se por um lado se intensificam os registos das gravuras, inaugurando-se agora os levantamentos nocturnos com luz rasante, também a prospecção de novos núcleos se intensifica e sistematiza, iniciando-se agora verdadeiramente a prospecção em profundidade do vale, com múltiplas descobertas, por vezes com a colaboração da população local, responsável também pela descoberta de alguns núcleos e rochas, como por exemplo o sítio de Vale de Cabrões (N. REBANDA 1995: 12).

Assim, 1995 começa com a descoberta de mais três rochas na Faia, núcleo agora já com um total de sete rochas, mas com a grande novidade de aqui se terem então identificado painéis com motivos paleolíticos. Ainda no Côa, é neste ano que se descobrem os núcleos da Penascosa (Janeiro de 95) e Quinta da Barca, onde predominam as figuras paleolíticas de traço picotado e profundo, e também os núcleos do Vale do Forno e Broeira, com figuras paleolíticas e da Idade do Ferro incisas. Na Foz do Côa, onde se sabia já da existência desde 1982 de seis rochas com gravuras modernas, descobre-se neste ano a primeira das muitas rochas deste núcleo com gravuras antigas.

Mas é também neste ano de 1995 que a prospecção mostra uma distribuição de gravuras muito ampla e para além do Côa, demonstrando que o núcleo do Vale da Casa não se encontrava isolado. Assim, na margem esquerda do

Douro, entre a desembocadura do Côa e o Vale da Casa descobrem-se mais três novos núcleos de gravuras, Vale de José Esteves, Vermelha e Vale de Cabrões, todos com predomínio de gravuras filiformes paleolíticas e proto-históricas, em alguns casos de grande qualidade, como por exemplo as Rochas 1 a 3 da Vermelha.

Por outro lado, na margem direita do Douro, a montante do foz do Côa e já no concelho de Torre de Moncorvo, descobrem-se também neste ano dois outros núcleos de gravuras, a Ribeira de Urros e o Vale de João Esquerdo, mais uma vez com gravuras incisas paleolíticas e proto-históricas. No ano de 1996 trabalha-se sobretudo nos levantamentos e no estudo dos núcleos já conhecidos, descobrindo-se sempre novas rochas. Revelam-se também novos núcleos, na Quinta das Tulhas na margem direita do Côa em frente à Foz do Côa com apenas duas rochas, com filiformes paleolíticos e da Idade do Ferro, e outras duas rochas no sítio dos Namorados, com realce para a Rocha 1 com vários bucrânios picotados pré-históricos.

Relativamente ao ano de 1996, conhecíamos nesta altura 23 núcleos de arte rupestre, com um total de 159 rochas historiadas. Claramente, como os anos seguintes viriam a demonstrar, apenas uma pequena percentagem do total de rochas existentes era por ora conhecida, mas esta amostragem era já bem representativa dos ciclos rupestres do Côa. Conheciam-se as características essenciais da distribuição das rochas, não tendo as descobertas posteriores alterado substancialmente o padrão que aqui se desenhava, e praticamente todos os núcleos mais importantes estavam já descobertos por esta altura, faltando apenas o Fariseu, que irá aparecer logo no ano seguinte, ainda a tempo de ser referido no Relatório de 1997. A arte paleolítica demonstrava ser o principal grupo artístico do Côa, e estaria na base da declaração do Vale do Côa como Património Mundial. Mas também a arte da Idade do Ferro assume já nesta altura grande importância, dispersando-se muito para além do Vale da Casa, concentrando-se na área terminal do Côa e zona adjacente do Douro, e afirmando-se como o segundo grande ciclo artístico do Côa.

A CONSOLIDAÇÃO DOS TRABALHOS: 1997-2004

Em Maio de 1997, na sequência da criação do novo organismo de tutela da arqueologia portuguesa, o Instituto Português de Arqueologia (IPA), serão também criados e sediados em Vila Nova de Foz de Côa dois organismos dependentes, o PAVC e o CNART. Na realidade, o PAVC já tinha sido anteriormente inaugurado, a 10 de Agosto de 1996, se bem que então a figura jurídica de Parque Arqueológico não existisse sequer na legislação portuguesa.

A investigação arqueológica da Arte do Côa passará a estar a cargo do CNART, de forma intensiva e continuada.

Grande parte da acção do CNART irá centrar-se no levantamento e estudo das superfícies historiadas, um trabalho lento e moroso, não só devido à grande quantidade de rochas, mas também aos desafios e dificuldades próprias destes levantamentos, particularmente das inúmeras figuras paleolíticas em traço filiforme múltiplo. No entanto, apesar da prioridade dada a este trabalho essencial, a prospecção continuou, e novas rochas foram sendo detectadas. Entre 1997 e 2004 foram identificados sete novos núcleos. Destaca-se a descoberta do Fariseu (aqui conhecíamos desde 1995 apenas um pequeno lote de gravuras da parte superior da rocha 1, quase inteiramente soterrada por sedimentos escavados a partir de finais de 1999) e dos Moinhos de Cima, em 1997, e também dos núcleos da Canada da Moreira e da Canada do Arrovão, em 1998, novamente com filiformes paleolíticos e da Idade do Ferro, localizados em linhas de água subsidiárias do Douro, a montante da foz do Côa, numa área onde ainda não se conheciam gravuras.

Também em 1998 foram identificados dois outros sítios, desta feita por técnicos do PAVC nas prospecções arqueológicas levadas a cabo por este organismo, de características e localização diferentes do habitual, sendo o primeiro um conjunto de duas rochas com covinhas nos Tambores, no limite do planalto das Chãs, descobertas por Carla Magalhães, e o segundo uma rocha com uma pintura esquemática pré-histórica nas bordas da crista quartzítica do Monte de São Gabriel, descoberta por Thierry AUBRY e Jorge Sampaio. O último dos núcleos a ser identificado nesta fase é o da Ribeira das Cortes, já em 2003.

A actividade de prospecção do CNART neste período vai incidir essencialmente nos sítios já conhecidos, muitos dos quais verão aumentar bastante o número de rochas inventariadas, de tal forma que este número irá mais que duplicar nesta fase. No entanto, em nenhum caso a prospecção se poderá nesta altura considerar completa e sistemática, e não se pode para nenhum destes sítios dizer que se conhecem todas as suas rochas, ainda que em alguns casos, particularmente nos núcleos mais importantes e investigados, se possa dizer que se conhece a grande maioria das rochas, e muito provavelmente todas ou quase todas as mais importantes. Podemos também dizer que, até 2004, poucas terão sido as rochas com motivos picotados que ficaram por descobrir, com excepção das que possam estar submersas nas águas do Pocinho.

Refira-se ainda que um EIA realizado há poucos anos no Côa, abrangendo uma ampla zona do vale para montante da Faia, revelou a existência de novas gravuras e pinturas, pré-históricas e modernas, e até uma com uma incisão paleolítica, já bastante a montante da área limite do Parque, onde ressurgem os xistos no Côa (M. GARCÍA DIEZ *et*

al., 2001). Uma vez que a intenção de realizar esta barragem do Alto Côa foi abandonada, não havia urgência para o estudo e inventariação mais precisa destes achados por parte do CNART (o que esperamos poder fazer ainda no ano de 2007). Eles são portanto ainda pouco conhecidos e divulgados, não sendo contabilizados no nosso actual ponto de situação feito neste texto.

Em 2004 conhecíamos 30 núcleos rupestres com 330 rochas inventariadas, um pouco mais do dobro do que se conhecia em 1996, sendo a grande maioria de cronologia paleolítica e/ou proto-histórica. Era uma cifra que se podia considerar verdadeiramente notável, justificando as elevadas expectativas arqueológicas que desde o princípio a Arte do Côa suscitou. No entanto, hoje já podemos dizer que até este elevadíssimo número de rochas é ainda uma percentagem relativamente pequena do total de rochas historiadas da Arte do Côa, e que a verdadeira percepção da realidade rupestre do Côa só começará a ser completamente compreendida com a introdução da prospecção sistemática em 2005.

A PARTIR DE 2005: A SISTEMATIZAÇÃO DA PROSPECÇÃO DE ARTE RUPESTRE

Desde princípios de 2005 que um de nós (MR) se iria dedicar especificamente à prospecção da arte rupestre do Côa, o que se irá traduzir numa evolução considerável do nosso conhecimento sobre a Arte do Côa, em grande medida porque pela primeira vez era possível ao CNART ter alguém constantemente dedicado à prospecção e ao registo preliminar das rochas do Côa, passando a haver assim um ritmo constante e intenso de novas descobertas e uma melhor sistematização da informação preliminar sobre as rochas inventariadas, antes do seu estudo mais detalhado.

Prosseguimos na busca de novos núcleos de gravuras, tendo sido registados mais seis, a Bulha e a Ribeira da Cabreira em 2005 e, já em 2006, o Garrido, Tudão, Vale Escuro e a Ribeira do Picão. Os três primeiros serão efectivamente descobertos em prospecção arqueológica. A rocha do Tudão será descoberta por um casal de enólogos de Vila Nova de Foz Côa, Teresa Ameztoy e Mateus Nicolau de Almeida, a quem agradecemos a comunicação do achado. As rochas proto-históricas do Vale Escuro foram pela primeira vez assinaladas em 2001 pelo guia do PAVC Fernando Dias, mas só em Junho de 2006 foi feito o seu primeiro registo efectivo, enquanto que a primeira rocha da Ribeira do Picão nos foi mostrada muito recentemente pelo Sr. Manuel António, morador do Orgal, a quem também agradecemos a informação.

Já durante a primeira metade de 2006 levámos a cabo uma revisão geral das rochas do Côa, particularmente dos

núcleos menos conhecidos e investigados, o que não só permitiu uma actualização do conhecimento dessas rochas como também o achado de mais algumas em quase todos esses sítios. Refira-se também que um recente EIA, da responsabilidade da arqueóloga Lara Bacelar Alves, efectuado em princípios de 2006 a propósito da beneficiação de estrada nacional 222, permitiu a descoberta de mais seis novas rochas, quatro em Vale de Moinhos e duas na Quinta das Tulhas.

Uma descoberta inesperada foi a da Rocha 19 do Fariseu, a qual apareceu durante a campanha de escavação deste sítio que decorreu em Setembro e Outubro de 2005 (T. AUBRY, neste vol.). Esta nova rocha fica em frente à Rocha 1, na zona actualmente submersa pelas águas do Pocinho, estando ambas totalmente cobertas pelos depósitos de lodos recentes. A pequena parte descoberta do painel perfila-se num dos cortes da escavação, nela se entrevedo alguns traços picotados, deixando adivinhar que possa tratar-se de uma rocha de grande interesse, que esperamos seja possível brevemente colocar inteiramente a descoberto.

Por outro lado, iniciámos a prospecção sistemática dos núcleos do Côa, entendendo-se por isto o visionamento metódico e sistemático de todas as superfícies aptas para

serem gravadas ou pintadas, com o objectivo de descobrir todas as rochas historiadas que ainda hoje existam. É naturalmente um trabalho muito demorado, mas que se revelou extremamente compensador. Até ao momento, prospectámos sistematicamente a totalidade da área dos núcleos da Foz do Côa e do Fariseu. Foram ainda prospectados parcialmente alguns sectores dos Moinhos de Cima, Broeira, Vale de Moinhos, Vale do Forno e Bulha. O resultado foi, contabilizando todas as contribuições para novos achados, mais uma vez duplicar o número de rochas registadas, destacando-se claramente a extraordinária contribuição do núcleo da Foz do Côa. A prospecção sistemática mostrou-nos que existe uma densa distribuição de superfícies gravadas, de alto a baixo e ao longo das múltiplas encostas e vales da região, muitas das quais só serão detectadas com um trabalho minucioso de observação dos painéis, pelo que temos hoje a clara percepção de que ainda estamos muito longe de conhecer o número total de rochas gravadas existentes na região. Assim, em finais de Julho de 2006, estão registados 36 núcleos, com um total de 644 rochas inventariadas. Na [Figura 1](#) pode ver-se a distribuição espacial destes núcleos, e no [Gráfico 1](#) a evolução das descobertas entre 1994 e 2006. Na [Tabela 1](#) temos a quantidade de rochas conhecidas em cada núcleo e as suas diferentes proposituras cronológicas.

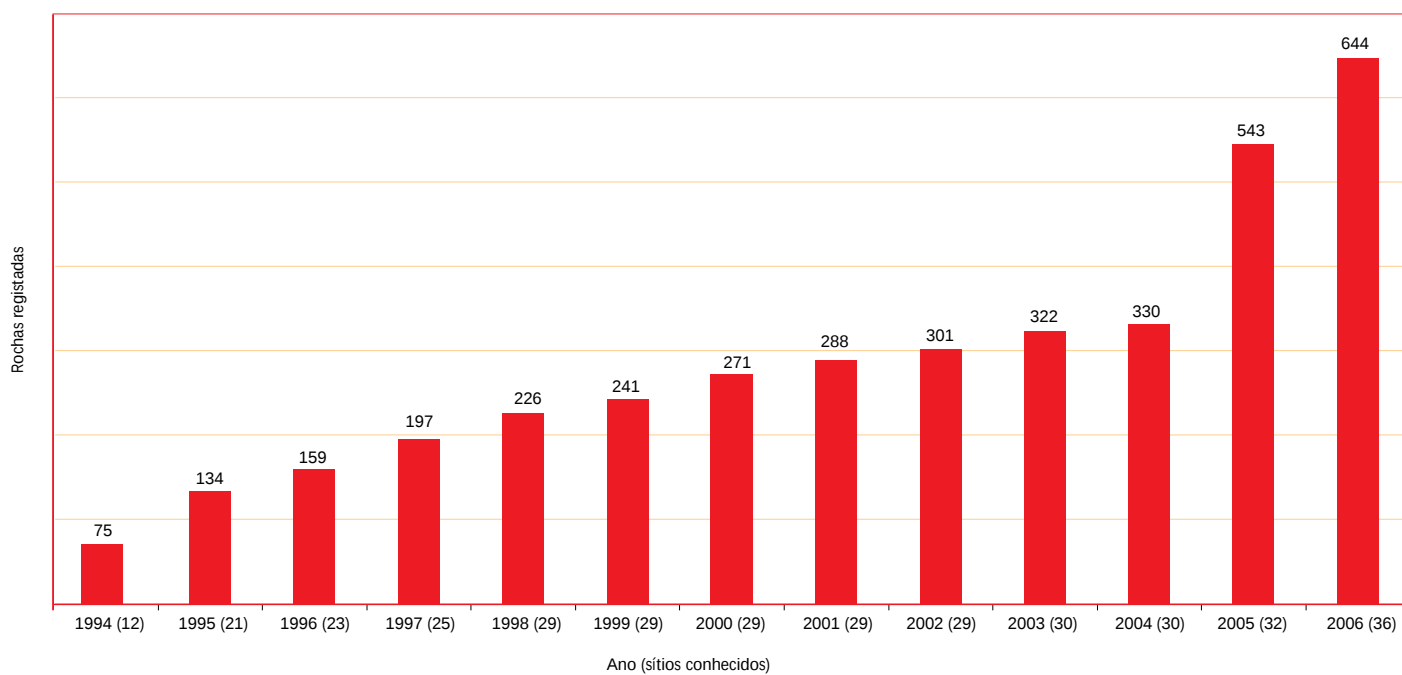
Fig. 1. O Vale da Casa, visto da margem oposta do Douro. O terraço fluvial estendia-se numa ampla extensão para a direita do pequeno apeadeiro visível junto à embocadura da ribeira. O segundo conjunto de rochas decoradas está a meio do vale, ligeiramente abaixo e para a esquerda dos edifícios



Tabela. 1. Quantidade de rochas por sítio e respectiva distribuição cronológica.

Sítios	Número de Rochas	Paleolítico	Pós-Glacial	Idade do Ferro	Época Histórica	Indeterminado
Vale da Casa	29	2	12	14	4	1
Foz do Côa	186	85	-	66	45	32
Faia	7	2	6	-	-	-
Canada do Inferno	43	36	5	1	6	1
Vale de Figueira	6	5	2	-	-	-
Vale de Moinhos	13	9	-	2	2	-
Ribeirinha	1	-	1	-	-	-
Canada do Amendoal	6	5	-	3	1	-
Meijapão	4	3	-	3	1	-
Rêgo da Vide	9	4	-	-	5	-
Vale de Videiro	2	1	1	-	-	-
Ribeira de Piscos	28	22	3	6	4	-
Penascosa	26	22	2	4	1	2
Vale de José Esteves	23	12	-	12	1	1
Quinta da Barca	32	30	2	-	-	1
Vale de Cabrões	25	14	1	12	2	3
Vermelhosa	12	6	-	2	-	6
Ribeira de Urros	8	1	-	5	3	-
Vale de João Esquerdo	9	5	-	4	-	-
Vale do Forno	25	12	-	17	5	-
Broeira	13	5	-	3	3	3
Quinta das Tulhas	4	2	-	2	1	-
Namorados	7	-	3	1	1	2
Moinhos de Cima	25	6	-	12	3	7
Fariseu	19	15	-	4	-	-
Canada da Moreira	14	4	-	13	3	1
Canada do Arrovão	3	1	-	1	2	1
Tambores	2	-	2	-	-	-
São Gabriel	1	-	1	-	-	-
Ribeira das Cortes	7	5	--	4	1	-
Bulha	40	14	-	22	6	4
Ribeira da Cabreira	4	1	-	2	3	-
Garrido	6	-	-	6	1	-
Tudão	1	1	-	1	-	-
Vale Escuro	3	-	-	2	-	1
Ribeira do Picão	1	-	-	1	-	-
Total - 36 núcleos	644	330	41	225	104	66

Gráfico. 1. Evolução das descobertas de rochas decoradas desde 1994 até Julho de 2006. Entre paréntesis, o numero de sitios conhecidos no final de cada ano.



A geomorfologia da Área do PAVC e as características da prospecção de arte rupestre na região

A GEOMORFOLOGIA

Faz-se aqui uma breve introdução à geomorfologia da região, procurando apenas salientar os aspectos geomorfológicos e paisagísticos mais importantes (para estudos mais aprofundados conf. por ex., A. B. FERREIRA, 1978), uma vez que a arte de ar livre do Côa se encontra profundamente ligada à paisagem e aos elementos naturais.

O complexo do Côa é geograficamente circunscrito, como é natural. Embora não saibamos ainda com exacto rigor os limites da sua área de distribuição, já conhecemos o suficiente para os delimitar, e podemos hoje afirmar que a sua área espacial coincide aproximadamente com a traçada em 1996 para a área do PAVC, com as únicas excepções, para já, dos dois núcleos situados na margem direita do Douro, o qual serve aqui precisamente de fronteira ao PAVC. Trata-se assim de uma área com aproximadamente 20.000 hectares, orientada de Sul para Norte, tendo como eixo central o Côa, numa extensão aproximada de 17 km, desde

a Faia na extremidade Sul até à foz do Côa. Este eixo continua por mais uns 5,5 km na direcção Sul-Norte com o próprio rio Douro, desde a foz do Côa até à foz da ribeira do Arroio, altura em que o Douro inflecte para Oeste, entre a foz da ribeira do Arroio e o Pocinho, e onde se situa um dos últimos núcleos detectado, o Vale Escuro, que se substituiu ao Vale da Casa como extremidade setentrional da distribuição da Arte do Côa.

A Leste, pode definir-se o Douro como fronteira, ainda que permeável, até à ribeira de Aguiar, que serve de limite nesta zona. A Canada do Arroão e o Vale de João Esquerdo são actualmente os limites orientais da distribuição das gravuras, surgindo logo a seguir a ribeira de Aguiar, onde nada se conhece por enquanto. No entanto, a Leste da ribeira de Aguiar, na escavação arqueológica do sítio romano do Olival dos Telhões, apareceu recentemente uma pedra nos derrubes de uma das estruturas romanas exumadas que ostentava um pequeno conjunto de figuras incisas típicas da Idade do Ferro (S. Cosme, no prelo), enquanto que João Zilhão, a partir de informações da população local, refere a possível existência de gravuras na zona actualmente submersa da foz da ribeira de Aguiar (J. ZILHAO, 1997: 20). A Oeste, podemos definir o limite pela linha dos planaltos sobre o Vale da Veiga e a falha geológica da Vilariça, sendo os núcleos do Tudão e dos Tambores os mais ocidentais.

A Sul, como já vimos, o núcleo da Faia é actualmente o limite meridional da Arte do Côa. Ou seja, a Arte do Côa encontra-se numa área cujos eixos têm cerca de 23 km de comprimento na direcção Sul-Norte e 14 km na direcção Leste-Oeste.

Geologicamente, há três factores essenciais que caracterizam esta área: os granitos a Sul, os xistos a Norte, e uma única pequena mancha intrusiva de quartzitos no meio dos xistos (Fig. 1), que formam o Monte de São Gabriel. Esta simplicidade é em traços muito gerais, pois se descermos ao detalhe o quadro complica-se bastante mas, do ponto de vista da distribuição da arte rupestre, essa complexificação terá pouca relevância.

No tocante à geomorfologia e à paisagem, esta é marcada claramente pelo relevo do Monte de São Gabriel, formado por duros quartzitos que sobreviveram melhor à erosão, elevando-se assim cerca de 200 m acima da linha dos planaltos xistosos e graníticos, que o rodeiam. De resto, esta é uma região marcada por um relevo aplanado, o final da Meseta, a uma cota média um pouco superior aos 400 m, com poucas colinas.

Na zona que nos interessa distinguem-se três grandes unidades planálticas: em primeiro lugar, o planalto xistoso de Vila Nova de Foz Côa, delimitado entre o Pocinho a Norte, o Douro e o Côa a Leste, o Vale da Veiga a Oeste, e terminando a Sul um pouco antes da aldeia da Muxagata, sensivelmente onde arrancam as linhas de água de Vale de Videiro e Vale de Figueira.

Para Sul deste planalto situa-se um outro, o planalto das Chãs, separado do anterior pela bacia da ribeira de Piscos. Inicia-se ainda em zona de xistos, sobre esta ribeira, onde esta inflecte o seu curso bruscamente para Leste, mas logo entra a Sul para os granitos, estendendo-se ao longo da margem esquerda do Côa até à Faia.

Na outra margem do Côa fica o terceiro dos planaltos da região, que podemos designar como planalto de Algodres, e que é a mais extensa das três unidades geomorfológicas, estendendo-se desde a foz do Côa até Almendra, rodeando o Monte de São Gabriel nos terrenos de xisto, e prosseguindo de Almendra até à Faia, já em terrenos graníticos.

Por fim, um último elemento fundamental desta geomorfologia e essencial no que toca à prospecção de arte rupestre, são as inúmeras linhas de água que rasgam os planaltos. As principais são, naturalmente, o Côa e o Douro, com vales amplos e profundamente cavados, com um desnível superior a 200 m em relação à linha dos planaltos. O Côa está profundamente encaixado na zona granítica, com encostas extremamente abruptas, que na zona dos xistos adoptam um perfil em V, mais suave e aberto. Há na zona três linhas de água secundárias mas de alguma importância, a ribeira de Aguiar, afluente do Douro, que forma o limite Sudeste da

área do PAVC, e as ribeiras de Piscos e de Massueime, ambas afluentes do Côa na sua margem esquerda, a primeira na zona central da área do Parque, correndo em zonas de xisto, e guardando no seu troço final um dos mais importantes núcleos de gravuras do Côa; e a segunda no limite Sul do Parque, desaguando ligeiramente a jusante da Faia, em zona granítica. Não se conhecem ainda vestígios de arte rupestre nesta ribeira, cuja prospecção se afigura bastante difícil mas prometedora. Finalmente, há uma miríade de pequenas linhas de águas, geralmente na ordem de 1 ou 2 kms de comprimento, localmente designadas de duas formas diferentes: ribeiras, caso tenham nascente e caudal próprio, ainda que a maioria seque no Verão, normalmente com origem na zona planáltica, e canadas, quando não passam de linhas de escorrência das águas pluviais das encostas, tendo também em regra vales profundamente cavados, ainda que de menores dimensões. A grande maioria das rochas historiadas do Côa encontram-se nestas diferentes linhas de água, seja nas encostas do Côa ou do Douro, seja nos pequenos vales secundários.

A GEOLOGIA E A ARTE RUPESTRE

Quartzitos

Na área em apreço existe apenas a mancha quartzítica do Monte de São Gabriel, que tem uma forma ovalada, estendendo-se de Leste para Oeste, da Quinta do Bravio até à capela de São Gabriel, com aproximadamente 2.400 m de comprimento por pouco mais de 800 m de largura. A vertente superior Sul e Sudoeste é assinalada por uma longa e elevada crista, com algumas descontinuidades, perfeitamente destacada na paisagem, que se estende por quase todo o comprimento da própria mancha quartzítica. Aqui, como em qualquer outra zona quartzítica, e em particular nas zonas de crista, poderemos encontrar pinturas em especial do tipo esquemático, conhecendo-se aliás já uma. Existem duas outras ocorrências que, não sendo embora quartzitos, configuram situações semelhantes às cristas quartzíticas, sendo igualmente sítios onde, em princípio, deveremos esperar encontrar pinturas, mais do que gravuras. Uma fica logo em frente ao Monte de São Gabriel, na margem oposta do Côa, e trata-se de um conjunto de afloramentos na vertente superior Sul do Monte Fariseu, sobre a foz da ribeira de Piscos. Embora se tratem de xistos, formam uma grande e alta crista, que se prolonga por cerca de 500 m, muito similar à típica crista quartzítica, na disposição das superfícies e nos variados abrigos e palas que aqui se encontram, assim como na própria textura e grande dureza das superfícies. Outro caso encontra-se na margem superior direita da ribeira de Massueime, sobre a foz, muito perto da orla do planalto, onde se vê uma crista de quartzo. Tal como os afloramentos do Fariseu não foi

Fig. 2. O vale encaixado do Côa na zona granítica da Faia. O terraço em primeiro plano tem vestígios de ocupação paleolítica.



ainda prospectada mas, do que à distância se observa, apresenta alguns abrigos e palas com bom potencial.

Granitos

Os terrenos graníticos ocupam uma grande mancha quase contínua, na zona Sul do Parque, ocupando quase todo o planalto das Chãs e cerca de metade do planalto de Algodres, formando, na área que nos interessa, um quase retângulo, com cerca de 8 km de comprimento por 6 km de largura. Dentro desta área existem variados tipos de granitos, mas na maioria dos casos essas diferenças não parecem relevantes relativamente à prospecção rupestre, com uma única excepção.

Esta diversidade de tipos graníticos tem maior expressão nas áreas planálticas, enquanto que no vale encaixado do Côa ocorre sobretudo um tipo particular de granito, o chamado granito da Meda, que é também dominante nas restantes zonas, havendo no entanto uma pequena mancha circunscrita dos granitos da ribeira de Massueime, que ocorre em ambas as margens do Côa na zona da Faia. Ora, é precisamente nesta mancha que se encontram todas as rochas decoradas presentemente conhecidas da Faia, enquanto que no granito da Meda apenas conhecemos o abrigo pintado da Ribeirinha e uma das rochas com covinhas dos Tambores.

Sendo certo que a área granítica em geral se encontra ainda pouco prospectada e mal caracterizada do ponto de vista da distribuição da arte rupestre, o que já conhecemos da região permite-nos afirmar que, de uma forma geral, o granito da ribeira da Massueime parece oferecer boas superfícies para a existência de pinturas e gravuras, enquanto que no granito da Meda só excepcionalmente isso acontece. Pudemos comprovar isso mesmo numa primeira prospecção, não sistemática, que realizamos em 2006 na margem direita do Côa, numa extensão de quase 3 km, e em que constatámos a baixa qualidade das superfícies (tipo Meda) da área, e a aparente inexistência de arte rupestre.

Se esta distinção entre tipos diferentes de granitos poderá ter alguma importância para a prospecção rupestre, bastante mais relevante parece ser a implantação particular dos afloramentos graníticos nas diferentes morfologias do relevo, de tal forma que podemos distinguir três situações diferentes: os granitos de planalto, os de encosta, e os de rio. A disposição dos afloramentos nas zonas planálticas forma aqui o típico “caos de blocos”, tão característico das áreas graníticas. Sendo certo que em algumas zonas da Península estas áreas oferecem múltiplos exemplos de arte rupestre, tanto pré-histórica como mais recente, tal não parece ser o caso aqui nos planaltos graníticos do Côa.

Pese embora a falta de prospecção orientada para a arte rupestre nesta área específica, o facto é que os técnicos do PAVC já a prospectaram intensamente em busca de outros vestígios arqueológicos, os quais foram detectados em abundância, mas tendo apenas sido encontrada, até ao momento, uma única rocha com covinhas nos Tambores. Os abrigos são frequentes, como é normal no meio dos grandes blocos graníticos, mas embora se conheçam alguns com vestígios de ocupação, nenhum até ao momento revelou evidências de arte rupestre. Existem também numerosos afloramentos graníticos com disposição sub-horizontal, alguns dos quais com boas ou mesmo excelentes superfícies para a realização de gravuras, e embora até ao momento todos os que observámos se tenham revelado vazios, não é impossível que futuramente algo possa ser detectado.

O mesmo se pode dizer dos granitos de rio, onde encaixam os múltiplos blocos de disposição sub-horizontal situados nas próprias margens fluviais, frequentemente em leito de cheia. Nas pequenas ribeiras são raros, mas são frequentes no Côa e também na ribeira de Massueime. De uma forma geral, estes afloramentos apresentam excelentes superfícies, duras e lisas, muito apropriadas para a realização de gravuras, mas até ao momento nem uma única aqui foi encontrada. Se admitíssemos a gravação destas superfícies em tempos pré-históricos, poderíamos pensar que as frequentes cheias dos rios teriam erosionado muitas delas, mas a sua total ausência leva-nos a pensar que este meio específico de suporte não terá sido utilizado, a não ser ocasionalmente, e nunca com a frequência com que se encontram nos xistos mais a jusante.

Com a única excepção da rocha dos Tambores, na orla do planalto das Chãs, todas as superfícies graníticas historiadas são verticais e situadas nas encostas sobre linhas de água. Uma é o abrigo pintado e isolado da Ribeirinha, mas a zona ainda não foi totalmente prospectada e poderão aqui aparecer outras ocorrências. As restantes ficam na Faia. Assim, embora o número total de rochas graníticas historiadas no conjunto da Arte do Côa seja muito pequeno, a sua importância científica transcende grandemente o seu número, justificando plenamente que se invista na prospecção dos vales graníticos do Côa e seus afluentes.

Xistos

Os xistos ocupam a maior parte da área do Parque Arqueológico, e é nas suas superfícies que se encontra a esmagadora maioria das gravuras (e algumas raras pinturas) da Arte do Côa.

Estes xistos integram o grande complexo xisto-grauvácico das Beiras e Douro Português, e são geologicamente divididos em diversos subtipos. Na área que nos interessa encontramos três tipos diferentes de afloramentos, que no essencial se distribuem em grandes bandas paralelas, orientadas *grosso modo* na direcção Leste-Oeste, estando em todos os casos presentes em ambas as margens do Côa.

Mais a Sul surge a primeira destas três faixas, da Formação de Rio Pinhão, que contacta a Sul com os granitos e a Norte com a Formação de Pinhão. Ao contrário das outras duas formações de xistos, que atravessam longitudinalmente toda a área do Parque, esta última interrompe-se bruscamente a Leste contra os granitos da Ribeirinha, na zona do Fumo, e

Fig. 3. O monte e terraço holocénico da Penascosa, vistos da Quinta da Barca.



tem uma largura Norte-Sul pouco superior a 3 kms, estendendo-se no vale do Côa desde a zona da Cardina até à Quinta da Barca. Do ponto de vista da prospecção rupestre, é claramente a zona menos conhecida do Parque e onde menos trabalho se tem feito. Nenhum dos 36 núcleos conhecidos da Arte do Côa se localiza nesta faixa.

A faixa seguinte é a chamada Formação de Pinhão, que contacta a Sul com a Formação de Rio Pinhão e com os granitos, e a Norte com a Formação da Desejosa. É bastante estreita, oscilando entre pouco mais de 1 km e os 1800 m de largura máxima. No Côa tem cerca de 1200 m de largura, estendendo-se desde a Quinta da Barca até aos primeiros terrenos da Quinta de Ervamoira, e abrange unicamente três núcleos conhecidos de gravuras: a Quinta da Barca, que apesar de estar na zona de transição tem todas as suas rochas historiadas dentro desta formação, a Penascosa e a Ribeira das Cortes.

Por fim, a última e a mais importante das formações de xistos é a da Desejosa, que ocupa a maior parte da área do Parque e abrange quase todos os núcleos da Arte do Côa, incluindo os da margem direita do Douro.

É difícil dizer se as dissemelhanças geológicas entre estes três diferentes tipos de xisto têm alguma influência significativa na distribuição da Arte do Côa. Conhecemos ainda mal os xistos da Formação de Rio Pinhão, mas do que já observámos as suas superfícies parecem ser bastante duras, pouco apropriadas à gravação. De uma forma geral, a Formação da Desejosa parece apresentar superfícies mais lisas e suaves do que a Formação de Pinhão. No entanto, encontram-se gravuras em abundância em ambos os tipos de xisto, tanto filiformes como picotagens, e também é verdade que, dentro de qualquer uma destas formações é bem visível uma ampla diversidade de superfícies, com grande variedade de cores, texturas e graus de dureza, pelo que admitimos que também na Formação do Rio Pinhão possam vir a ser encontradas outras ocorrências de arte rupestre.

Assim, para a prospecção rupestre, parece claramente ser mais importante a localização topográfica dos afloramentos do que o seu tipo geológico específico. Tal como fizemos para os granitos, podem dividir-se os afloramentos em xistos de planalto, de rio e de encosta.

Ao contrário dos granitos do planalto, muito aflorados, os planaltos de xistos são mais despidos de afloramentos, e estes apresentam em geral superfícies de má qualidade, tanto as verticais como as horizontais, pelo que serão poucas as gravuras que aqui possam existir, e certamente que nenhuma pintura. A existirem gravuras nestas implantações, pensávamos que seriam essencialmente picotagens, com cronologias não muito antigas, e dificilmente considerávamos como possível a existência aqui de gravuras paleo-

líticas ou da Idade do Ferro, que são o que caracteriza o essencial da Arte do Côa. No entanto, uma recente descoberta fez-nos rever este pressuposto, implicando ao mesmo tempo um alargamento considerável da área prospectável. Com efeito, em finais de Junho de 2006 identificou-se a Rocha 1 do Tudão, situada em pleno planalto de Foz Côa, não longe dos limites da povoação, e que está repleta de gravuras filiformes paleolíticas e proto-históricas, de grande qualidade. Trata-se de um painel vertical, em tudo semelhante aos que se encontram nos vales, mas situado sobre uma das pequenas e discretas linhas de água que sulcam o planalto, e que mal chegam a formar um vale escavado. No caso concreto, trata-se de uma das linhas de água que, juntando-se a outras similares, formam o início da ribeira de Vale de Cabrões, a qual só mais de 1 km adiante começa a escavação do seu vale na encosta sobre o Douro. Ou seja, esta descoberta demonstra mais uma vez a distribuição marcadamente territorial da Arte do Côa, que assinala e monumentaliza todas as diferentes implantações topográficas do seu território, sempre associada às linhas de água, não aparecendo só junto ao fundo dos vales. Assim, nas encostas dos vales adjacentes as rochas historiadas distribuem-se desde os fundos até à orla do planalto (a Quinta da Barca é um bom exemplo desta distribuição espacial, e a recente prospecção sistemática na Foz do Côa demonstra perfeitamente esta mesma amplitude, com mais de 200 m de diferença de cota entre as rochas mais altas e as mais baixas), enquanto que nas pequenas linhas de água as gravuras se encontram desde a foz até praticamente à nascente, passando por todos os pontos intermédios do vale. O Tudão e Vale de Cabrões são o melhor exemplo desta ampla distribuição. Vale de Cabrões tem gravuras desde a foz até à cabeceira do encaixe profundo do vale, podendo-se considerar o Tudão como o início da pequena bacia hidrográfica de Vale de Cabrões. Outros bons exemplos desta distribuição alargada são o Vale de José Esteves ou o Vale do Forno, entre outros.

Os xistos de rio são bem representados pelos afloramentos horizontais em terraço do Vale da Casa, que estão repletos de gravuras. É provável que em muitos outros pontos do Douro e do Côa existissem estas bancadas, e que possa haver muito mais gravuras em disposição sub-horizontal do que as que hoje conhecemos, não só pré e proto-históricas como as do Vale da Casa, como talvez também paleolíticas, à semelhança do que sucede em Siega Verde (cf. J. ALCOLEA, R. DE BALBÍN 2006). No entanto, as águas da albufeira do Pocinho submergiram todas estas bancadas no Douro e quase todas as que poderiam existir no Côa, cuja existência conhecemos apenas por algumas fotografias antigas, onde são visíveis bancadas deste tipo. Nos poucos quilómetros de xistos do vale do Côa fora da influência do Pocinho, entre as zonas da Cardina e da

Fig. 4. O Monte Fariseu e a Ribeira de Piscos, vistos do alto do Monte de São Gabriel. À esquerda, a quinta de Ervamoira.



Quinta de Ervamoira, estas bancadas são raras, não se conhecendo aqui nenhuma ocorrência.

Por fim, os xistos de encosta, que é onde se concentra a maioria da Arte do Côa. Aqui devemos distinguir duas situações, importantes do ponto de vista da prospecção rupestre. Por um lado, há o típico painel vertical e, por outro, há bancadas horizontais na base destes painéis. Estas bancadas são menos frequentes que os painéis verticais e apresentam normalmente superfícies muito erosionadas e rugosas, pouco propícias à gravação. Conhecem-se, no entanto, algumas raras gravuras nestas bancadas, geralmente da Idade do Ferro, como a Rocha 3 de Vale de Cabrões, ou a Rocha 6 do Vale do Forno, mas também pré-históricas, como a Rocha 28 do Vale da Casa. O número de exemplares conhecidos neste tipo de implantação é porém extremamente reduzido mas, como veremos, é também uma situação de jazida que facilmente escapa à prospecção, e haverá ainda bastantes destas superfícies historiadas por descobrir.

Quanto aos painéis verticais nas encostas, constituem o suporte mais típico da Arte do Côa, concentrando a grande maioria dos motivos gravados de todas as épocas. Distribuem-se frequentemente em amplas e bem visíveis bancadas paralelas, acompanhando as curvas de nível, com os painéis fronteiros às linhas de água. Devido a um curioso

fenómeno geológico, a fragmentação dos afloramentos nas encostas é normalmente mais intensa nas margens esquerdas do que nas direitas, tanto no Côa como nos afluentes e subafluentes, o que faz com que haja mais rochas historiadas nas margens esquerdas. O Côa apresenta mais núcleos na margem esquerda, e ali estão os mais importantes, sendo a Penascosa a única exceção de monta. O mesmo se pode dizer em relação ao Douro. Por outro lado, na maioria das pequenas linhas de água as rochas historiadas estão maioritariamente distribuídas pelas margens esquerdas, com poucas exceções, como a Rocha 16 do Vale de José Esteves, as Rochas 4, 12 e 13 da Broeira, ou a Rocha 2 do Fariseu, entre outras (esta irrelevância numérica não se estende necessariamente à qualidade estética dos painéis, como o demonstram o veado da Rocha 2 do Fariseu ou a magnífica Rocha 16 do Vale de José Esteves).

Por outro lado, em quase todos os casos, o painel gravado corresponde à superfície de fracturação do afloramento, paralelo à encosta, onde estão as melhores superfícies, mas também se conhecem alguns casos em que os painéis laterais dos afloramentos têm gravuras, embora em reduzido número. Também nestes casos só se conhecem gravuras modernas e proto-históricas, estando ausentes desta particular situação as gravuras paleolíticas ou da pré-história recente.

A PROSPECÇÃO

Como vimos, desde a identificação da Arte do Côa que as descobertas de novas superfícies historiadas se sucederam a um ritmo intenso. Pode dizer-se que inicialmente os esforços de prospecção se desenvolveram no sentido de caracterizar os diferentes núcleos de gravuras bordejando o Côa e o Douro, partindo-se depois, em alguns destes núcleos, para uma prospecção mais intensa, descobrindo-se grande parte das suas rochas historiadas e quase todas as mais importantes.

Como é natural, face aos meios disponíveis e às prioridades da investigação, fizeram-se opções, e se alguns núcleos foram repetidamente trabalhados e divulgados, outros poucas vezes foram visitados após a sua identificação. Até 2004, nenhum núcleo rupestre se podia considerar inteiramente prospectado. A vastidão e dificuldades da área em causa nunca permitiram a sua prospecção sistemática. Mas os trabalhos e as descobertas deixavam perceber que seria grande a quantidade de rochas por detectar, e que a complexidade na sua distribuição era também considerável. Parece-nos evidente que uma cabal compreensão da Arte do Côa exige antes de tudo uma correcta caracterização da sua distribuição, pelo que se tornava essencial fazer uma prospecção sistemática dos seus diversos núcleos identificados e suas envolventes.

A prospecção sistemática

O objectivo da prospecção sistemática é simples: dentro de uma determinada área, pretendem-se identificar e registar **todas** as manifestações rupestres que ali existam. Tendo em conta que a única forma de saber se determinado afloramento tem ou não arte rupestre é observá-lo directamente (não existe e é pouco previsível que alguma vez venha a existir, tecnologia de detecção remota de arte rupestre). À semelhança de qualquer outro tipo de prospecção arqueológica sistemática, o método passa por percorrer o terreno de forma ordenada, tentando neste caso garantir que nenhum afloramento escapa à observação. No final de um dia de trabalho teremos uma determinada mancha de terreno percorrida, a que chamamos mancha de prospecção, cujos limites são assinalados com GPS, e em cujo interior se pode garantir que conhecemos todas as manifestações de arte rupestre ali existentes. No dia seguinte recomeça-se rigorosamente onde se terminou, até perfazer a totalidade da área pretendida, o que corresponde ao conjunto das manchas de prospecção.

Este método é, obviamente, moroso, mas revela-se eficiente em zonas com grandes concentrações de rochas historiadas, como é o caso do Côa. Será obviamente tanto mais fácil e rápido de aplicar quanto mais reduzida for a área e menos difícil a sua topografia. No caso do Côa, os dois factores con-

jugam-se adversamente, pelo que a prospecção sistemática da sua área demorará anos a fazer, e terá que ser criteriosamente aplicada. Nesta zona, este método revela-se bem apropriado para a prospecção dos xistos, mas bastante menos para as áreas graníticas. A diferença entre as duas situações é que, no vale do Côa, as encostas graníticas são imensas superfícies rochosas com pequenas clareiras livres de afloramentos; pelo contrário, as encostas xistosas são grandes superfícies abertas, com os afloramentos de xisto irrompendo de forma mais ou menos desordenada. A quantidade e densidade dos afloramentos de xisto varia consideravelmente, desde as encostas quase despidas às quase totalmente preenchidas por rochas mas, de uma forma geral, os afloramentos de xisto são perfeitamente delimitáveis.

A prospecção sistemática do Côa iniciou-se em princípios de 2005, tendo-se começado pelo núcleo da Foz do Côa, em cuja mancha superior se irá instalar o futuro Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa. Toda a área deste núcleo foi prospectada, o mesmo acontecendo com o Fariseu, tendo outros cinco núcleos sido parcialmente prospectados: dos Moinhos de Cima prospectou-se quase toda a área que apresenta afloramentos; no Vale do Forno prospectou-se a zona da foz, na Broeira uma pequena parte na zona superior, em Vale de Moinhos iniciou-se a prospecção sistemática total, e da Bulha prospectámos muito recentemente a zona central da encosta.

Em todos estes casos os resultados foram plenamente satisfatórios, tendo-se sempre registado o aparecimento de novas rochas decoradas. Assim, nos Moinhos de Cima passámos das 10 rochas conhecidas para um total de 25. Na Bulha, as 40 rochas registadas fazem deste núcleo o terceiro maior, só atrás da Canada do Inferno e da Foz do Côa. No Fariseu, um núcleo que já era bem conhecido, passou-se ainda assim de 11 para 18 rochas. Quanto à Foz do Côa, apesar das 17 rochas de diferentes cronologias que já se conheciam, podia considerar-se um núcleo mal conhecido, e a prospecção sistemática superou largamente as já de si elevadas expectativas que este local despertava: no final da prospecção tínhamos a notável cifra de 186 rochas registadas, a maioria das quais com gravuras paleolíticas, fazendo da Foz do Côa a maior concentração de gravuras da Arte do Côa (A. M. BAPTISTA, M. Reis, no prelo). No entanto, recorde-se que a barragem do Pocinho alteou aqui bastante as águas, sendo previsível que o número total de rochas deste núcleo possa ultrapassar as duzentas.

Refiram-se também as disparidades de tempo necessário à prospecção dos diferentes núcleos, devido às características especiais de cada um deles. Exemplifique-se com os dois núcleos totalmente prospectados, o Fariseu e a Foz do Côa, que formam curiosamente dois exemplos extremos. O Fariseu é um núcleo pequeno, com baixa densidade de

afloramentos, relativamente pouca vegetação, topografia mais acessível e poucos achados novos, tendo a sua prospecção sido feita em apenas 5 dias. Pelo contrário, a Foz do Côa, não sendo um dos maiores núcleos, embora de apreciáveis dimensões, tem, no entanto, imensos afloramentos, muitos deles com gravuras, e é uma encosta de acentuado declive e coberta de matagal, a prospecção total da sua área necessitou de 73 dias de trabalho de campo.

LIMITES E CONSTRANGIMENTOS À PROSPECÇÃO

Já se disse que o objectivo da prospecção sistemática era encontrar todas as gravuras ou pinturas que é hoje possível detectar. Idealmente, o objectivo seria encontrar todas as manifestações de arte rupestre que alguma vez tenham existido na área em causa mas, realisticamente, sabemos que isso não será possível, quer porque houve rochas ou motivos destruídos, quer porque estão ocultos ou fora das possibilidades da observação.

Destruição de rochas

Em toda esta área existem evidências, directas e indirectas, da destruição, ao longo dos tempos, de rochas e motivos.

Esta destruição tem muitas causas e terá existido desde sempre. Os factores de degradação natural das rochas são um importante e perene elemento de destruição, assumindo no Côa, essencialmente, duas formas distintas: a primeira é o efeito de toppling, que provoca, por gravidade, a queda de blocos inteiros da parte superior dos afloramentos, a outra é a degradação, fracturação ou lascamento das superfícies gravadas. São numerosos os exemplos no Côa destas destruições, com rochas parcialmente mutiladas e motivos truncados, e é possível que algumas rochas gravadas tenham visto os seus motivos desaparecer por completo devido a alguma destas causas (análises mais completas sobre os diversos factores de degradação das rochas do Côa e sobre os programas de gestão e conservação do PAVC podem ser lidas em A. P. B. FERNANDES, 2004, 2006, neste volume, e A. P. B. FERNANDES *et al.*, no prelo).

No entanto, cremos que a maior taxa de destruição se terá iniciado com a época moderna, coincidindo com a plena expansão das actividades humanas para todas as áreas do vale, com a intensa exploração, agrícola e não só, das encostas e dos fundos dos vales. Diversas datas gravadas permitem-nos assinalar o início dessa ocupação em finais do século XVI ou princípios do XVII, intensificando-se

Fig. 5. As cicatrizes da abandonada barragem do Côa, na margem direita. À direita o vale da Canada do Amendoal, e à esquerda o vale do Meijapão.



largamente no século XVIII, com a plantação generalizada de vinha em socalcos. Naturalmente, os tipos de exploração e a sua intensidade terão variado ao longo dos tempos, e desde sempre que algum tipo de exploração terá havido nas mesmas áreas de implantação da Arte do Côa, mas a alteração em larga escala da paisagem só deverá ter ocorrido com a ocupação agrícola das encostas, a partir do século XVII. A data rupestre mais antiga que conhecemos no Côa é de 1600 e encontra-se na Rocha 24 da Canada do Inferno, seguida da de 1604, na Rocha 10 de Vale de Moinhos. Esta ocupação foi tão intensa que, apesar do abandono que parte das encostas do Côa e do Douro hoje apresentam, pode dizer-se que praticamente nenhum sector dessas encostas terá escapado a uma ou outra forma de exploração, pois até nos sítios mais inacessíveis encontramos vestígios de socalcos ou muros de propriedades. Estes dois tipos de construção são os mais frequentes e os que mais pedra necessitam, mas outras construções existiram que utilizaram também grande quantidade de pedra, como casas e casebres agrícolas, pombais, eiras, fontes, antigos caminhos calcetados, moinhos, etc.

Todas estas construções utilizaram muita pedra, que era obtida localmente, e são abundantes os vestígios de pequenas pedreiras não industriais, que destruíram numerosos afloramentos, muitos dos quais poderiam ter gravuras. Evidências directas destas destruições encontram-se em alguns dos núcleos, com algumas pedras com restos de gravuras antigas utilizadas em construções. É bem conhecido o muro da Penascosa com restos de motivos paleolíticos picotados (A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1997: 363-364, 406), mas conhecem-se outros casos, todos com gravuras filiformes paleolíticas ou proto-históricas, na Foz do Côa ou em Vale de Cabrões. Também no Tudão, intensamente agricultado e murado, se encontram várias pedras em muros com vestígios de gravuras antigas. Como é normal, estes restos de gravuras estão muito fracturados e alguns dos seus motivos são irreconhecíveis. Uma feliz excepção é uma figura de cavalo filiforme paleolítico, incompleto mas perfeitamente reconstituível, numa pedra num murete de suporte de uma oliveira, na Foz do Côa (A. M. BAPTISTA, M. Reis, no prelo). Também recentemente se identificou num muro de uma propriedade dentro da própria área urbana de Vila Nova de Foz Côa, não longe da sede do PAVC e CNART, um conjunto de pedras com traços aparentemente antigos, reforçando a ideia que o tipo de localização da Rocha 1 do Tudão poderá não ser ocasional.

Assim, tendo estes dados em conta, e olhando para o aspecto de muitas destas encostas, repletas de muros e socalcos, seríamos tentados a pensar que poucos afloramentos restariam intactos nessas zonas e certamente poucas rochas historiadas. No entanto, a realidade é bem diferente. Um pouco por toda a parte, seja em núcleos

pouco ou muito prospectados, se encontram numerosas rochas, historiadas ou não, por entre muros e socalcos. Esta aparente contradição poderá ser explicada de forma simples. A grande maioria dos vestígios construtivos das encostas é anterior à crise da filoxera, da primeira metade do século XIX, o que significa que foram construídos manualmente, sem recurso a maquinaria. Uma vez que os afloramentos de xisto se dispõem frequentemente em compridas bancadas segundo as curvas de nível da encosta, formando plataformas naturais, então estes afloramentos foram aproveitados como suporte para os socalcos, o que é visível em inúmeros casos, em vez de serem destruídos para a sua construção. Isso não invalida, naturalmente, que alguns afloramentos tenham sido de facto destruídos para extracção de pedra, mas sabendo-se como os xistos fracturam intensamente com o tempo, é também natural, como ainda hoje acontece, que o solo estivesse juncado de pedra solta, sendo assim muito fácil a sua utilização para a construção, com a vantagem adicional de libertar o solo para a agricultura.

Esta utilização não destrutiva dos afloramentos pelos agricultores tem ainda um outro curioso exemplo, que é o das suas paredes verticais serem frequentemente utilizadas como paredes de fundo dos pequenos casebres agrícolas. Quando estas paredes se encontravam gravadas, os proprietários ficavam com uma decoração interior de luxo! O primeiro destes casos detectado foi o da Rocha 17 de Vale de Cabrões, com uma bela figura de cervídeo paleolítico de traço múltiplo, no interior de um pequeno barracão de xisto. Também na Foz do Côa, nos Moinhos de Cima e na Bulha há alguns casos idênticos, com algumas gravuras de grande qualidade, como as Rochas 52 e 138 da Foz do Côa, com gravações respectivamente paleolíticas e proto-históricas.

Os factores de degradação natural dos afloramentos e a exploração económica do território a partir da época moderna são as principais causas de destruição de rochas e motivos, e os mais generalizados e disseminados por toda a área. Mas também a industrialização e as grandes obras públicas são factores de destruição, embora mais localizados e com poucos exemplos, até porque se trata de uma região pobre do interior português, com baixa dinâmica económica e construtiva.

A primeira destas obras com maior impacto na zona é a abertura da linha de caminho de ferro entre o Porto e Salamanca, em finais do século XIX. Nesta zona, a linha de caminho de ferro foi implantada ao longo da margem esquerda do Douro, com a abertura de uma larga trincheira para a instalação das linhas. Particularmente no troço entre a Foz do Côa e Vale de Cabrões é bem visível a grande quantidade de afloramentos destruídos nesta trincheira, e um achado recente na Foz do Côa é elucidativo quanto ao

potencial destrutivo desta obra. Aqui, na parte superior da trincheira, encontramos um painel que mantém a superfície antiga, por mero acaso não destruída, e repleta de gravuras filiformes paleolíticas de grande qualidade, tendo sido registada como a Rocha 103. É praticamente o único painel que mantém a superfície original, entre uma grande quantidade de outros destruídos.

Outro factor de destruição terá sido a abertura de estradas e caminhos rurais, havendo uma grande profusão destes últimos um pouco por toda a parte. Quanto às estradas alcatroadas, há essencialmente duas que poderão ter destruído afloramentos. Uma é a estrada de acesso à antiga e já desactivada estação de caminho de ferro do Côa, que desce ao longo do Vale de José Esteves e chega ao Douro, junto à foz do Côa, passando ao lado de algumas rochas paleolíticas importantes. No entanto, esta estrada em particular foi alcatroada sobre um antigo caminho calcetado, de que ainda restam alguns vestígios, que datará de princípios da Era Moderna, ou talvez mesmo da Idade Média. Maior potencial destrutivo terá tido a abertura da Estrada Nacional 222 e, muito particularmente, o troço entre Vila Nova de Foz Côa e a ponte sobre o rio Côa, que terá sido aberto nos anos 60 do século passado. Aqui, a estrada desce primeiro ao longo da ribeira de Vale de Moinhos e inflecte depois paralelamente ao Côa, cortando os núcleos dos Moinhos de Cima e do Vale do Forno. A ponte foi construída sobre um grande conjunto de afloramentos que faz a separação entre o núcleo do Vale do Forno e da Foz do Côa, e destruiu várias das suas superfícies, sendo de realçar aqui a sobrevivente Rocha 6 do Vale do Forno, com gravuras da Idade do Ferro de grande qualidade. Quanto à estrada, através de dois exemplos podemos ver que, muito provavelmente, a sua abertura terá mesmo destruído algumas rochas. Assim, na parte intermédia de Vale de Moinhos, imediatamente por cima do talude da estrada, encontra-se a Rocha 7 deste núcleo, que tem apenas alguns motivos pouco relevantes da Idade do Ferro, e que escapou por pouco à destruição. Mais abaixo, já sobranceira ao Côa e a pouco mais de 1 metro do limite da estrada, encontra-se a Rocha 7 dos Moinhos de Cima, igualmente da Idade do Ferro e com alguns motivos interessantes, nomeadamente duas figuras de cervídeos.

A última grande obra pública que ocorreu na região que poderá ter destruído gravuras, foi precisamente a construção da barragem do Côa, iniciada em 1992 e interrompida em 1995. Esta barragem implantava-se em pleno coração da Arte do Côa e as enormes cicatrizes deixadas pelas obras nas encostas são ainda bem visíveis, tendo havido afectação directa dos núcleos do Rêgo da Vide e Vale de Moinhos na margem esquerda do Côa e da Canada do Amendoal, Meijapão e Broeira na margem direita, com amplas movimentações de terras e múltiplas destruições de

afloramentos. Saliente-se ainda que no caso concreto do Rêgo da Vide, para além das destruições efectivas de afloramentos, a parte final da linha de água foi completamente atulhada sob uma colossal quantidade de pedra, sendo essa precisamente a zona com maior potencial para a existência de rochas historiadas!

Ocultação de rochas

A primeira e mais importante causa de ocultação de afloramentos e rochas historiadas actualmente é, sem dúvida, a sua submersão nas águas alteadas do Côa e do Douro devido à construção da barragem do Pocinho e à formação da sua albufeira, que mantém o nível das águas na zona afectada a uma cota constante de 125 m. Não levámos anteriormente em conta a barragem do Pocinho no que respeita à destruição de gravuras, pois parece-nos pouco provável que a sua construção tenha originado destruição directa de rochas historiadas, independentemente dos efeitos da submersão para a sua conservação (que nesta altura não é possível ainda aferir). Mas, embora o paredão do Pocinho seja relativamente baixo, se comparado por exemplo com as barragens do Douro Internacional, ou com o paredão previsto para a ex-barragem do Côa, que tinha mais do dobro da altura, ainda assim a albufeira abrange todo o troço do rio Douro até à barragem seguinte (a espanhola de Saucelle), e ainda uma parte significativa do troço final do Côa, entre a foz e a Quinta de Ervamoira. Ou seja, cerca de 9, 5 kms do Côa são afectados pela albufeira, assim como todos os cerca de 15 kms do Douro que estão dentro da área de distribuição da Arte do Côa.

Dos trinta e seis núcleos presentemente conhecidos, apenas onze não são afectados por este factor, alguns por estarem na zona de planalto, como a Ribeirinha, São Gabriel, Tambores ou Tudão, outros por serem subafluentes do Côa ou do Douro, como os Namorados, o Garrido ou a Canada da Moreira, e somente quatro dos núcleos directamente sobre o Côa se encontram a montante da albufeira, a Ribeira das Cortes, a Penascosa, a Quinta da Barca e a Faia. O grau de afectação varia, naturalmente, com a altura das águas, sendo bastante elevada em toda a área afectada no Douro, sempre na ordem dos 20 m ou mais, uma vez que as cotas do leito natural do Douro têm pouca variação nesta zona. Já no Côa essas cotas variam bastante mais, e com elas o grau de afectação, tendo cerca de 20 m na Foz do Côa e Quinta das Tulhas, aproximadamente 12 m na Canada do Inferno, para se reduzir a 2 ou 3 m no Fariseu e Ribeira de Piscos, os dois últimos núcleos ainda dentro da albufeira.

Presentemente, sabemos com segurança da existência de cerca de setenta rochas totalmente submersas, em apenas cinco núcleos: Vale da Casa, Foz do Côa, Canada do Inferno, Rêgo da Vide e Fariseu (não contabilizamos aqui as

rochas que estão apenas parcialmente submersas, que são aliás em escasso número). Raramente as águas da albufeira do Pocinho baixam acentuadamente, e sempre por períodos muito curtos, pelo que não tem sido possível detectar mais rochas submersas noutros núcleos. No entanto, temos todas as razões para crer que existam muitas outras rochas submersas, uma vez que há a tendência geral para a densidade de afloramentos ir aumentando à medida que se desce para o fundo dos vales. Essa tendência é acompanhada também pelo aumento da densidade de rochas historiadas, sendo aliás esse aspecto bem notório em três dos cinco núcleos acima referidos, em que a grande maioria das rochas conhecidas se encontram submersas, com as excepções da Foz do Côa e do Fariseu. Na Foz do Côa pensamos que poderá haver muitas rochas gravadas sob as águas; já no Fariseu, para além da Rocha 1, o aparecimento em escavação da Rocha 19 deixa adivinhar a possível existência de outras rochas no sector inferior do terraço fluvial, presentemente submerso e tapado por sedimentos.

Um segundo factor possível de ocultação de motivos gravados será o facto de estarem soterrados por sedimentos. De uma forma geral, a profundidade dos solos nas encostas é pouco elevada, e o nível dos sedimentos raramente ultrapassa a parte mais inferior das superfícies verticais. Mas conhecemos motivos gravados quase totalmente ocultos pela terra, como é o caso da Rocha 12 do Fariseu, ou da Rocha 147 da Foz do Côa. Por outro lado, se de uma forma geral é pouco provável que os painéis verticais fiquem totalmente soterrados, já as bancadas rochosas horizontais na base dos painéis verticais são muito mais susceptíveis de ocultação. Por exemplo, na Rocha 3 de Vale de Cabrões, apenas se detectaram gravuras numa pequena parte do painel horizontal, quase totalmente coberto por pedras e terra, sendo possível que possa haver aqui mais gravuras ainda por descobrir. É também possível que a reduzida quantidade conhecida deste tipo de painéis historiados se fique a dever, pelo menos parcialmente, ao facto de muitos estarem cobertos.

Falhas de detecção de rochas

Em primeiro lugar estão naturalmente as falhas humanas. Pode-se não detectar uma qualquer superfície gravada (difícilmente acontecerá com superfícies grandes ou médias, mas é plausível que aconteça com alguns dos painéis mais pequenos). Pode também acontecer que se observe uma superfície e não se repare na existência de gravuras, por cansaço, ou simples falta de atenção, particularmente se os motivos forem em número reduzido, em traço filiforme e de pequenas dimensões, como é frequente.

Aqui devemos também considerar alguns dos factores que dificultam uma boa visibilidade das gravuras durante a

prospecção. O primeiro são as próprias condições de luz, que condicionam bastante a apreciação de muitos dos motivos gravados e podem, em condições adversas, dificultar bastante a sua detecção. Por isso, numa prospecção sistemática as rochas devem ser observadas em vários momentos do dia.

A vegetação é outro factor que dificulta a prospecção e observação da superfície das rochas, nomeadamente os zimbros e, muito particularmente, os zambujeiros e as silvas

Quanto aos líquenes, estes dificultam mas não impedem a visualização de gravuras, e não serão um factor impeditivo da detecção de rochas com alguns motivos ainda que incisos. No entanto, se uma rocha tiver um único motivo gravado, ou uma pequena concentração de motivos numa zona do painel inteiramente tapada por líquenes, então dificilmente essa rocha será detectada e registada.

Um outro factor que pode também impedir a descoberta é o facto da rocha só ter motivos em zonas muito elevadas do painel. Por exemplo, a Rocha 23 da Quinta da Barca tem um painel elevado, com mais de 4 m de altura. Na parte intermédia tem um antropomorfo picotado da Pré-História recente, facilmente detectável, mas na parte mais alteada do painel encontra-se um amplo conjunto de filiformes paleolíticos, de muito difícil detecção. Esta colocação peculiar das gravuras em zonas muito elevadas e quase inacessíveis dos painéis é particularmente característica da fase antiga do Paleolítico, e poderá haver casos que escapem à detecção.

Para terminar, deve dizer-se que a mais importante restrição ao trabalho de prospecção tem a ver com as dificuldades de acesso à parte baixa da encosta, junto à actual linha de água, nos casos em que as antigas margens estão submersas. Há afloramentos que estão parcialmente dentro de água, outros cujo acesso natural se faria pela parte da encosta ora submersa, e outros ainda em que a vegetação se adensa e se torna quase impenetrável. Assim, nos núcleos já sistematicamente prospectados, há zonas junto à linha de água que consideramos mal prospectadas devido a este factor.

Os núcleos da arte do Côa

Conhecem-se presentemente 36 núcleos de arte rupestre na região, com um total de 644 rochas inventariadas e com um largo predomínio dos motivos gravados (apenas 12 destas rochas tem motivos pintados). A sua distribuição cronológica é apresentada na Tabela 1, sendo notório o grande predomínio da arte paleolítica, seguido de perto pelas incisões proto-históricas. Vêm depois as gravuras de época moderna ou contemporânea, bastante abundantes, e

finalmente as rochas da Pré-História recente, em número reduzido. Há ainda uma quantidade apreciável de rochas indeterminadas, sem cronologia clara.

Os núcleos da Arte do Côa distribuem-se por três localizações preferenciais: pequenas linhas de água, encostas, e terraços fluviais. As linhas de água, afluentes do Côa ou do Douro, são claramente as mais representativas, com 23 dos 36 núcleos. São normalmente cursos de pequena dimensão (a Ribeirinha e a ribeira de Piscos são excepções), nas encostas finais do Côa e do Douro, com uma orientação perpendicular a estes, e formando vales fundos, de perfil em V. As suas embocaduras sucedem-se umas às outras ao longo das margens dos dois rios principais, intervaladas por troços de encosta onde, por vezes, também há gravuras, conhecendo-se sete núcleos nestas condições. Por fim, temos os terraços fluviais, com três exemplos, todos de carácter misto. O terraço do Vale da Casa encontra-se no término de uma linha de água, o terraço do Fariseu é cortado a meio por uma outra linha de água que desce uma encosta abrupta, sendo um curso de água pequeno e pouco escavado, mas paisagisticamente relevante. Já na Quinta da Barca, embora o terraço seja o elemento geomorfologicamente dominante, as rochas historiadas distribuem-se não só pelo terraço e na encosta sobre o Côa, mas também pelas linhas de água que cortam o terraço e pela encosta elevada. As excepções a estas tipologias são apenas três: os Tambores, na orla do planalto das Chãs, a crista quartzítica de São Gabriel, e o Tudão, o qual, embora seja tecnicamente uma linha de água, fica no planalto, bem longe da encosta sobre o Douro, sendo uma linha de água discreta e pouco profunda.

As 40 rochas conhecidas com motivos da Pré-História recente, distribuídas por apenas 13 núcleos, não parecem seguir um padrão de distribuição bem definido. Para além do seu reduzido número, isto poderá em parte dever-se ao facto dos motivos aqui considerados se distribuírem por toda a Pré-História recente, desde o Epipaleolítico até à Idade do Bronze, sem uma unidade cultural de conjunto, e outros serem de difícil classificação cronológica, como as rochas com covinhas dos Tambores (que consideramos pré-históricas por se encontrarem dentro de um grande povoado Neolítico ou Calcolítico), ou as várias rochas com “unhadas do diabo”. Quanto às técnicas, quase todos estes motivos são picotados ou pintados, com a única excepção que é o peculiar antropomorfo semi-esquemático e ictifílico na Rocha 17 da Penascosa, em traço filiforme mas com o interior do corpo realçado por raspagem. Quase todos os motivos pintados são da pré-história recente, apresentando o repertório típico da arte esquemática peninsular, com claro predomínio das representações antropomórficas, seguidas dos motivos geométricos, o mesmo acontecendo com os motivos picotados. Dentro das raras

representações zoomórficas, destacam-se os dois bovídeos pintados da Rocha 1 da Faia e o belo cervídeo picotado da Rocha 1 de Vale de Cabrões, em ambos os casos motivos que, sendo estilisticamente já pós-glaciares, parecem inspirar-se ainda nos estilos e temáticas paleolíticas. Para além das rochas já referidas, destacaríamos ainda o restante conjunto das rochas com pinturas da Faia, as pinturas da Ribeirinha, da Rocha 18 de Piscos, ou o motivo geométrico de São Gabriel. Nos picotados, destacam-se o belo conjunto da Rocha 1 de Namorados, assim como várias das rochas do Vale da Casa, presentemente submersas.

As gravuras de época moderna/contemporânea estão presentes em 22 núcleos, com uma distribuição relativamente concentrada no troço final do Côa e em alguns núcleos das margens do Douro a jusante e a montante da foz do Côa. Esta distribuição parece estar ligada à localização das povoações da região, a começar por Vila Nova de Foz Côa, estreitamente ligada aos núcleos da margem esquerda do Côa e aos do Douro a jusante da foz do Côa, e das aldeias de Orgal e Castelo Melhor, mais ligadas aos núcleos do Douro a montante da foz e aos da margem direita do Côa. É provável que a grande maioria das gravuras deste período tenham sido feitas por habitantes destas localidades no decurso das suas actividades. Como referimos, no tocante a datas inscritas nas rochas, a mais antiga é de 1600. Há depois uma ampla panóplia de datas até ao século xx. No entanto, há algumas razões para crer que algumas das gravuras poderão remontar aos séculos xv ou xvi, não havendo evidências da existência de motivos claramente medievais. Já referimos as gravuras do muro dos Namorados, que poderão estar entre as mais antigas deste grupo. Um exemplo interessante apareceu recentemente, na Rocha 4 da Ribeira de Urros, com um pequeno grupo de motivos, de temática, técnica e estilo em tudo semelhantes a tantas outras gravuras deste período, como cruciformes ou antropomorfos, mas com um grupo de motivos que representam armas de tiro manual, restando saber, dada a pouca precisão da representação, se se trata de arcos e flechas ou de bestas e flechas. Seja como for, a cronologia destas armas dificilmente será posterior ao século xvi.

As técnicas de gravação são essencialmente a picotagem e a incisão, com alguns poucos exemplos de abrasão, e um outro caso pouco relevante de raspagem, geralmente conjugada com o traço filiforme. É a distribuição das técnicas que assume alguns aspectos interessantes. Enquanto os motivos de traço fino se dispersam de forma mais ou menos uniforme por toda a área dos núcleos, já os motivos picotados se concentram sobretudo no fundo dos vales, na sua maioria associados aos moinhos que existiam no Côa e no Douro. É o caso das gravuras deste tipo da Ribeira de Piscos, da Canada do Inferno, do Rêgo da Vide e da Foz do Côa. Uma das poucas excepções é a Rocha 10 de Vale

de Moinhos, com as suas duas datas picotadas de 1604, mas também neste caso estão associadas a um moinho, embora implantado na parte superior da ribeira. Esta associação é também confirmada pela entrevista feita a Alcino Tomé, um dos últimos gravadores do Côa, que quando era aprendiz de moleiro, nos anos 40, decorou as paredes do Rêgo da Vide e da Foz do Côa com numerosas gravuras picotadas, associando-as a outras que já lá existiam (M. GARCÍA DIEZ, L. LUÍS, 2003). Diga-se ainda que embora a distribuição destas picotagens seja em princípio mais restrita que as de traço fino, tal poderá dever-se ao facto de muitas estarem submersas, sendo provável que existam bastantes mais ao longo dos cursos do Côa e do Douro.

A temática destas gravuras modernas picotadas é variada, de inspiração popular, obedecendo a estereótipos culturais, como as frequentes cruces e custódias, datas e nomes, mas sendo também resultado da inspiração do autor, como é o caso das duas excelentes locomotivas desenhadas por Alcino Tomé, que gravou também uma casa, uma sereia ou uma avioneta, entre outros motivos. Destacam-se também os relógios da ribeira de Piscos, o barco rabelo da Foz do Côa, o castelo de Guimarães e a representação da luta entre os reis de Portugal e Castela na Canada do Inferno. Também na Canada, já referimos a Rocha 24, um grande painel repleto de picotagens modernas, aqui se destacando uma notável representação do Menino Jesus da Cartolinha, um tema típico da religiosidade popular transmontana e duriense.

A temática das gravuras filiformes modernas é semelhante, se bem que estas sejam, de uma forma geral, de feitura bastante mais tosca. Excepto nos graffitti, muito numerosos, as datas e inscrições são menos frequentes. Cruciformes e jogos são abundantes, mas os temas mais comuns são as figuras antropomórficas e zoomórficas. Merece realce o aspecto orientalizante de alguns destes antropomorfos, como nas Rochas 17 de Piscos e 142 da Foz do Côa.

As gravuras da Idade do Ferro encontram-se em 28 dos 36 núcleos, num total de 230 rochas, cifra que deverá aumentar bastante com as próximas prospecções, particularmente no Douro, onde parecem ser em maior número do que as paleolíticas, ao contrário do que se passa no Côa. Tecnicamente todas estas gravuras são filiformes. A sua distribuição é aparentemente semelhante à da arte paleolítica, mas há um aspecto importante a realçar: embora presentes, o seu número e importância tende a diminuir à medida que nos afastamos da foz do Côa. A sua área de distribuição principal está centrada na Foz do Côa e regiões adjacentes. Os Moinhos de Cima e a Canada do Amendoal são os núcleos mais a montante no Côa onde as gravuras da Idade do Ferro aparecem simultaneamente em quantidade e qualidade, tendendo ambos os factores a diminuir para montante (a notável Rocha 7 do Fariseu é uma excepção).

Também a distribuição dos motivos de ambos os períodos ao longo da área dos diferentes núcleos é similar, partilhando geralmente os mesmos grupos de afloramentos e, por vezes, os mesmos painéis. A temática é constante de núcleo para núcleo, sempre dentro de uma certa unidade estilística ainda que com algumas variantes, mas com características muito próprias e facilmente reconhecíveis.

A arte da Idade do Ferro é antropocêntrica, dominada pela representação humana, geralmente guerreiros ou cavaleiros, que embora longe de serem os motivos mais abundantes, são em geral os mais cuidados e complexos, e os que nos painéis ocupam as posições centrais e congregam à sua volta os restantes motivos, o mesmo acontecendo, com alguma frequência, com a posição das rochas em que se encontram face às restantes.

Para além dos motivos geométricos, muito comuns e de enorme diversidade tipológica, os zoomorfos são os temas mais abundantes, particularmente os equídeos, sendo as restantes espécies algo episódicas, como os cervídeos e canídeos. Menos frequentes são as figurações de armas, associadas ou não a antropomorfos, e de que há alguma diversidade: avultam sobretudo as lanças e dardos, seguidos das falcatas e facas afalcatadas. Mais raras são as representações de espadas ou punhais, assim como de escudos. Bastante mais raras e de difícil interpretação são as figurações de armamento defensivo, como os capacetes, de que há alguns mas não inequívocos exemplos, ou vestuário protector do corpo, como nos guerreiros das Rochas 3 da Vermelha e 93 da Foz do Côa. Por outro lado, há alguns painéis com cenas narrativas, tendo-se identificado pelo menos dois tipos principais de cenas: a caça ao veado, nas Rochas 23 do Vale da Casa e 177 da Foz do Côa, e os combates entre guerreiros ou cavaleiros, como os das Rochas 3 da Vermelha, 153 da Foz do Côa e 38 da Bulha.

A arte paleolítica está presente em 29 dos 36 núcleos da Arte do Côa, com um total de 328 rochas. As técnicas de execução são as mais variadas abundando os motivos picotados, abradidos, em incisão filiforme (simples ou múltipla) e, mais episodicamente, a pintura (apenas na Rocha 6 da Faia), e algumas raras figurações obtidas por raspagem, como nas Rochas 10 da Penascosa, 1 da Vermelha ou 10 da Foz do Côa, todas elas representações de cervídeos.

Cronologicamente, a arte paleolítica insere-se num ciclo artístico alongado entre o Gravettense e os finais do Magdalenense (A. M. BAPTISTA 2001), subdividido em duas grandes fases: a primeira no Gravetto/Solutrense, representada inicialmente por pequenas figuras de traço inciso simples, logo sobrepostas pelos grandes animais obtidos por picotagens profundas, mas também abradidos, e confinados essencialmente ao “santuário arcaico”, restringido ao Côa, desde a Faia até à Canada do Inferno. O segundo

grande período abrange o Magdalenense e caracteriza-se pelo uso quase exclusivo do traço filiforme, simples e múltiplo, com alguns raros exemplos de picotagem ou abrasão, e todos os exemplos conhecidos de raspagem. A sua área de distribuição é diferente, está presente em quase todos os núcleos com excepção da Faia (cujas superfícies graníticas não são apropriadas para filiformes), mas desloca o centro de gravitação do “santuário” para a zona da embocadura, tendo o núcleo da Foz do Côa a mais densa distribuição de gravuras desta fase.

Também a distribuição das rochas historiadas dentro dos núcleos se altera, pois enquanto as gravuras da primeira fase tendem a concentrar-se no fundo dos vales e na parte terminal das linhas de água (com poucas excepções, de que as rochas na parte intermédia da encosta da Quinta da Barca são um exemplo), na segunda fase distribuem-se por toda a área, de alto a baixo das encostas e do principio ao fim das linhas de água. O número de rochas historiadas e motivos nesta fase também aumenta bastante relativamente ao primeiro período, mas diminui a quantidade de rochas com múltiplas e densas sobreposições, uma das características da fase arcaica, muito bem representada em painéis como os das Rochas 1 da Quinta da Barca, 3 da Penascosa, 1 da Canada do Inferno, e 1 do Fariseu, que é o painel com maior número de motivos até hoje contabilizados no Côa. Esta acumulação de motivos também pode aparecer na segunda fase, como nas Rochas 2 de Piscos, 1 da Vermelha, 1 do Tudão, 13 e 16 de Vale de José Esteves, 14, 16, 52 e 103 da Foz do Côa, entre outras. Mas o típico painel magdalenense tem escassos motivos filiformes, são de pequenas dimensões e pouco sobrepostos.

A temática é limitada, centrando-se essencialmente em quatro quadrúpedes: equídeos, capríneos, bovíneos e cervídeos, com episódicas representações de alguns peixes, diversos tipos de sinais (é notável a sua abundância e qualidade na recentemente estudada Rocha 16 do Vale de José Esteves), e também raras figuras antropomórficas incisas, todas magdalenenses, representadas unicamente em três rochas: as Rochas 1 e 24 de Piscos, a primeira com uma bela representação ictifálica e a segunda com uma ampla diversidade de figuras antropomórficas; e a Rocha 8 do Fariseu, com um pequeno e pouco distinto antropomorfo. A maior abundância de cavalos e auroques na primeira fase dá lugar a um maior número de cervídeos na segunda fase, com as características representações de traço múltiplo bem típicas do Magdalenense do Vale do Côa.

A ZONA GRANÍTICA DO CÔA: OS NÚCLEOS DA FAIA E DA RIBEIRINHA

É a área menos conhecida do ponto de vista da distribuição da arte rupestre, onde há ainda muito por descobrir,

embora tudo indique que a densidade de rochas historiadas nos granitos seja muito inferior à dos xistos. A Ribeirinha, ao contrário do que o nome sugere, é um curso de água relativamente longo, na margem direita do Côa, tendo o seu correspondente à esquerda na Ribeira de Massueime, com um vale muito maior e mais profundo, e bom potencial rupestre, estando a sua prospecção ainda por fazer. No próprio Côa granítico, só a parte mais profunda do núcleo da Faia está melhor conhecida, faltando prospectar para montante e jusante da Faia, onde o troço de c. de 6 kms entre a Faia e a Quinta da Barca/Penascosa é um imenso vazio.

Para além de alguns dados novos, as descrições seguintes têm em conta vários trabalhos, nomeadamente A. M. BAPTISTA, M. V. GOMES, 1997, A. M. BAPTISTA 1983, 1999 e 2001, A. M. BAPTISTA, GARCÍA DIEZ, 2002; A. M. BAPTISTA, M. REIS, no prelo, actualizando e sistematizando as informações.

Faia. É ainda o sítio mais meridional da Arte do Côa, localizando-se na zona de encostas mais alcantiladas e de difícil acesso (o topónimo Faia não se refere aqui à árvore do mesmo nome, mas tem o significado de encosta abrupta, ou despenhadeiro), de vertentes muito inclinadas, em alguns pontos quase verticais, formando um canhão estreito e profundo, orientado na direcção Sul-Norte. O leito tem neste troço uma negligenciável variação de cota, mantendo-se quase horizontal, aproximadamente nos 200 m de cota absoluta, passando por entre um imenso caos de blocos arrastados e polidos pelas águas. Nas encostas são numerosos os abrigos, palas e painéis verticais, aqui se encontrando as sete rochas presentemente conhecidas deste núcleo, localizadas um pouco acima do leito, seis na margem esquerda e uma na direita, dispersas ao longo de uma área com pouco menos de 1 km de comprimento. Duas destas rochas apresentam grandes motivos paleolíticos gravados por picotagem e abrasão, uma figura de auroque na Rocha 7, e na Rocha 6 um conjunto formado por um capríneo completo, associado a um prótomo de cavalo e outro de auroque, tendo mais à direita um outro grupo de 4 prótomos de auroque, todos pintados a vermelho por sobre o traço gravado. Apenas a Rocha 7 não apresenta motivos pintados da Pré-História recente, todos a vermelho, predominando os antropomorfos esquemáticos, com alguns motivos geométricos. Na Rocha 1, a mais a jusante, há dois excelentes bovídeos pós-glaciares. A sua destacada implantação assinala simbolicamente a entrada da zona monumentalizada.

Ribeirinha. Começa por ser um pequeno e discreto curso de água que serpenteia pelo planalto de Algodres, sensivelmente na direcção Sul-Norte. Ao aproximar-se do povoado calcolítico do Fumo, inicia a escavação do vale e, logo depois, despenha-se num acentuado e estreito desfiladeiro,

entrando aqui em zona de xisto. Inflecte para Leste e c. de 2 kms adiante atinge o Côa, logo a montante da Penascosa. O troço entre o início da escavação do vale e o desfiladeiro tem cerca de 900 m de comprimento e, sensivelmente a meio, encontra-se a única rocha decorada na Ribeirinha, um grande e bem destacado abrigo na margem direita, junto ao leito, à cota de 330 m. Guarda uma grande quantidade de motivos pintados a vermelho, em dois painéis perpendiculares entre si, muito apagados e mal conservados. Figuram o repertório habitual da arte esquemática, com um predomínio de antropomorfos, associados sobretudo a pontos e barras, com algumas manchas indistintas. A envolvente não está totalmente prospectada, podendo haver mais abrigos pintados, se bem que este seja claramente o mais imponente e apelativo. O troço terminal da Ribeirinha, em zona de xistos, também não está ainda prospectado.

A MARGEM ESQUERDA DO CÔA: DA QUINTA DA BARCA À FOZ DO CÔA

É claramente o troço melhor conhecido e explorado de toda a área do Parque, onde a sequência dos núcleos está perfeitamente delineada, pouco faltando conhecer. O esforço de prospecção aqui terá que ser orientado para a prospecção sistemática de cada um dos núcleos, o que foi feito até ao momento apenas no mais pequeno de todos, o Fariseu. De uma forma geral, no entanto, estes núcleos são dos mais pesquisados, e a maioria das suas rochas está já inventariada, se bem que ocasionalmente ainda se encontram rochas novas, sendo as cotas superiores as zonas menos conhecidas.

Quinta da Barca. É uma das zonas menos agrestes do vale do Côa, onde as margens se alargam e configuram terraços fluviais. Localiza-se frente à Penascosa, estendendo-se por c. de 1 km, e é delimitada pela Ribeira das Cortes, a Norte e pela pequena ribeira da Quinta da Barca, a Sul. A parte superior é formada por uma elevada encosta, que dá lugar a um longo terraço fluvial sobre o Côa, cortado por pequenas linhas de escorrência de águas, com uma encosta abrupta sobre o rio, com c. de 30 m de desnível. As trinta e duas rochas decoradas encontram-se entre a parte intermédia da encosta superior até à encosta do terraço sobre o Côa, com algumas rochas também nas linhas de água que cortam o terraço. As rochas estão situadas entre as cotas de 200 e 125 m. Para além de um painel indeterminado, há outros três com poucos motivos picotados da Pré-História recente, figurando zoomorfos e um antropomorfo, todos localizados na parte inferior do núcleo, sobre o Côa. O Paleolítico está representado em vinte e nove rochas, dominando claramente as picotagens profundas da fase arcaica, sendo os filiformes muito raros.

Ribeira das Cortes. Este afluente do Côa corre durante pouco mais de 3 kms, iniciando-se na parte superior da linha de cumeeada que separa a bacia da ribeira de Piscos da encosta sobre o Côa. A parte final, com um ou outro meandro mais acentuado, é quase linear, de Oeste para Leste, com um vale não muito profundo, de acentuado perfil em V, com relativa abundância de afloramentos. As sete rochas aqui conhecidas estão dispersas num pequeno troço contido entre os 500 e os 200 m de distância da foz, e entre os 150 e 170 m de cota absoluta, distribuindo-se equitativamente por ambas as margens. A Idade do Ferro está representada em quatro rochas e o Paleolítico noutras quatro. A Rocha 7 tem motivos dos dois períodos. As gravuras são escassas e pouco representativas. Da Idade do Ferro destaca-se um conjunto de quatro lanças e alguns quadrúpedes. Do Paleolítico algumas figuras de capríneos e cervídeos em traço filiforme, sendo de realçar, até pela vizinhança da Penascosa e da Quinta da Barca, a ausência de figuras de traço profundo, mas o núcleo está insuficientemente prospectado, tendo-se feito apenas o seu reconhecimento inicial.

Ribeira de Piscos. Este núcleo confina a Norte com o do Fariseu, estando a Sul separado da Ribeira das Cortes pelo vasto espaço aberto da Quinta de Ervamoira, que forma uma zona sem gravuras com quase 2 kms. de extensão. A ribeira é longa e sinuosa, de profundo vale em V, mas só o seu troço final e as margens adjacentes do Côa apresentam rochas decoradas. Este troço tem pendentes mais abruptas, particularmente na margem esquerda, que apresenta grandes paredões de xisto desde quase o topo da encosta até ao fundo do vale. Presentemente, são conhecidas vinte e oito rochas historiadas, com cotas entre os 160 e os 125 m, estando uma isolada a 800 m da foz, na margem esquerda, cinco sobre o Côa a jusante da foz e outras quatro a montante. As dezoito restantes concentram-se nos 300 m finais da ribeira, dezasseis na margem esquerda e duas na margem direita. Embora intensamente investigado e visitado, sendo aliás um dos núcleos abertos a visitas no PAVC, a grande profusão de afloramentos torna altamente provável que haja ainda mais rochas por descobrir, particularmente nas partes superiores das encostas.

Há apenas três rochas com motivos da pré-história recente, pinturas e gravuras picotadas, destacando-se os antropomorfos pintados a vermelho na Rocha 18, isolada a 800 m da foz, o antropomorfo picotado da Rocha 4, na margem esquerda da ribeira junto à maioria das restantes rochas, e o círculo pintado a negro associado a barras vermelhas na Rocha 14, na margem do Côa a jusante da foz.

Da Idade do Ferro há seis rochas, cinco na margem esquerda da ribeira e apenas uma do lado oposto, com

motivos pouco abundantes e indiferenciados, sobretudo geométricos e alguns quadrúpedes.

Da época Moderna há quatro rochas, destacando-se a 12 com os seus motivos picotados, perto dos moinhos na foz da ribeira, figurando nomes, datas (1948, 1949 e 1956) e dois curiosos relógios, e a Rocha 17 no interior da ribeira, com dois interessantes guerreiros, datáveis dos séculos XVII ou XVIII, armados de espadas e pistolas, trajados à maneira oriental. Finalmente, a arte paleolítica domina claramente com as suas vinte e três rochas historiadas. Destas, seis têm motivos de traço profundo, as Rochas 1 e 2 no interior da ribeira, com realce para os belos cavalos de cabeças enlaçadas da Rocha 1, e as restantes sobre o Côa, de um e outro lado da foz, com destaque para os três magníficos auroques da Rocha 13, quase em tamanho natural, feitos para serem vistos aparentemente do lado oposto do Côa. Quanto aos filiformes, quase todos se concentram no interior da ribeira, e alguns sobre o Côa a montante da foz, destacando-se as múltiplas sobreposições da Rocha 2, os belos cavalos de traço simples da Rocha 3, e a notável Rocha 24, que estava quase toda soterrada e foi escavada e totalmente limpa em 2003. Apresenta uma magnífica colecção de antropomorfos e quadrúpedes de diversos tipos, dos quais se destacam os auroques de traço múltiplo com cabeças em visão frontal.

Fariseu. Este núcleo corresponde a um terraço fluvial na vertente Leste do Monte Fariseu, ocupando uma pronunciada curva do Côa, confinando a Norte com Vale de Figueira, e a Sul com a ribeira de Piscos, sendo em ambos os casos a separação bem demarcada por uma pedra. O terraço é separado em duas metades por uma pequena linha de água que desce do alto do Monte Fariseu, pouco profunda mas bem assinalada na paisagem. Das dezanove rochas conhecidas, apenas cinco se encontram no interior desta pequena ribeira, distribuindo-se as outras de um e outro lado da sua foz, numa extensão de cerca de 300 m.

Com a prospecção sistemática aqui feita, não deverão aparecer novas rochas, excepto se estiverem soterradas pelos abundantes sedimentos do terraço ou submersas nas águas da albufeira, como presentemente sucede com as Rochas 1 e 19. Há quatro rochas com gravuras da Idade do Ferro e quinze com gravuras paleolíticas. As da Idade do Ferro estão agrupadas na margem esquerda da parte mediana da linha de água, às cotas de 150 e 160 m, sendo a Rocha 7 a principal, com um variado conjunto de motivos, incluindo antropomorfos, cavalos e armas, rodeada de rochas pequenas e com escassos motivos geométricos. As rochas paleolíticas distribuem-se entre os 120 e os 140 m de cota, tendo seis delas motivos de traço profundo, estando uma à entrada da ribeira, com um grande veado picotado, e as

Fig. 6. O terraço do Monte Fariseu, em acentuada curva do Côa.



outras de um e outro lado da foz, destacando-se a Rocha 1, com um imenso acervo de motivos picotados sobrepostos e alguns filiformes, a única em que esta junção de técnicas acontece. Os filiformes encontram-se em nove rochas, todas sobre o Côa, destacando-se a Rocha 8, com múltiplos motivos de grande qualidade, incluindo uma figura antropomórfica.

Vale de Figueira. A ribeira começa nos limites do planalto de Foz Côa, percorre um caminho quase linear de c. de 2 kms., na direcção Oeste-Leste, descendo dos 430 m até aos 120 m da cota do leito do Côa, escavando um profundo vale encaixado em V. Curiosamente, os afloramentos xistosos distribuem-se essencialmente nas encostas sobre o Côa e não tanto na ribeira, onde não conhecemos rochas historiadas, com excepção da Rocha 1, já na foz. As seis rochas conhecidas estão todas no fundo do vale, sensivelmente a cotas de 125 e 130 m. Há duas com motivos pré-históricos, “unhadas do diabo” nas Rochas 1 e 3 e pinturas a vermelho na Rocha 3, com vários antropomorfos. Gravuras paleolíticas encontram-se em cinco rochas, a melhor das quais é a Rocha 1, com muitos motivos picotados e incisos. Há alguns filiformes indiferenciados na Rocha 4, a montante da foz, e três quadrúpedes picotados em outras tantas rochas, a jusante da foz. A relativa abundância de afloramentos e o recente aparecimento da Rocha 6 faz suspeitar da existência de mais rochas gravadas.

Vale de Videiro. Esta ribeira tem um percurso de cerca de 3, 5 kms e é mais sinuosa que a de Vale Figueira, tendo de resto características muito similares, correndo paralela e a Norte desta última, com os respectivos vales separados por uma estreita linha de cumeada. Este núcleo confina assim a Sul com Vale de Figueira, e a Norte com a encosta das grandes pedreiras do Poio, abaixo das quais se inicia o núcleo da Canada do inferno. Tem apenas duas rochas conhecidas, a Rocha 1 com um auroque picotado, num painel parcialmente submerso a montante da foz, e a Rocha 2 com pinturas pré-históricas a vermelho, num enorme e destacado afloramento na margem esquerda da ribeira, à cota de 160 m, com vários antropomorfos e geométricos, a uma distância de aproximadamente 250 m da foz. O sítio está ainda pouco estudado, mas pelas suas características não nos surpreenderia se poucas mais rochas fossem descobertas, excepto na parte submersa.

Canada do Inferno. Trata-se de uma pequena ribeira com pouco mais de 1800 m de comprimento, com um percurso inicial ainda no planalto, a 400 m de altura, descendo depois até ao Côa num profundo vale em V, numa extensão de 1 km, em curva acentuada mas pouco sinuosa. A

parte superior da margem direita foi toda alterada pela exploração das pedreiras do Poio, quase nada restando aí para observar. A margem oposta apresenta afloramentos de alto a baixo, mas só na parte inferior são conhecidas rochas historiadas. Estas são em número de 43, e a maioria está hoje submersa, distribuindo-se de um e outro lado da enseada na foz da linha de água. Há algumas rochas no entanto mais a montante na linha de água, estando a última conhecida a uma distância de c. de 250 metros da foz. Há assim uma variação de cotas entre os 160 e os 110 m.

Depois da Foz do Côa, a Canada do Inferno é o núcleo com maior quantidade de rochas e motivos, distribuídos por todos os períodos cronológicos. Apenas a Rocha 10 terá um atípico motivo geométrico da Idade do Ferro, sendo este o período aqui menos representado. A época moderna/contemporânea está em seis rochas, concentradas de um e outro lado da embocadura da linha de água, e todas submersas, excepto uma. Estão claramente associadas aos antigos moinhos aqui existentes, com uma grande profusão de motivos picotados, datáveis entre os séculos XVII-XX, e destacando-se a Rocha 24 já referida. Da Pré-História recente há motivos em cinco rochas, todos picotados e concentrados no lado esquerdo da embocadura da ribeira, destacando-se vários quadrúpedes e dois peixes, e ainda alguns geométricos. Os motivos paleolíticos encontram-se em 37 das 43 rochas, com uma grande quantidade de filiformes e de picotagens e abrasões, que fazem da Canada do Inferno um dos sítios em que a sequência de gravação paleolítica está melhor representada. Quanto à prospecção, pouco haverá a fazer na zona inferior do núcleo, desde sempre muito trabalhada, havendo talvez algumas rochas ainda por detectar a cotas superiores.

Rêgo da Vide. Este sítio confina a Norte com o núcleo de Vale de Moinhos e a Sul com a Canada do Inferno, tratando-se de uma pequena canada que segue linearmente para o Côa. Começa na orla superior do planalto, a 400 m de altitude, com diversos sub-afluentes que, no seu todo, formam um vale bastante aberto, ainda que profundo, com 1.200 m de comprimento e 700 m de largura, um dos mais largos de toda a zona. Foi dos núcleos mais afectados pelas obras de construção da barragem do Côa. Conhecem-se apenas nove rochas historiadas, mas só uma está emersa. Estão dispersas numa pequena área sobre o Côa, de um e outro lado da embocadura da pequena canada, estando apenas a rocha emersa no interior da ribeira, na margem esquerda. Das nove rochas, cinco têm motivos modernos, essencialmente picotados, mas também com alguns filiformes, associados aos moinhos aqui existentes e com as temáticas habituais, inscrições, nomes (incluindo vários de Alcino Tomé), datas, motivos religiosos e outros, como um

comboio, representações solares e lunares, um peixe, etc. As outras quatro rochas têm exclusivamente motivos paleolíticos, quase todos representações singulares de quadrúpedes, todos obtidos por picotagem ou abrasão. Há ainda alguns filiformes não figurativos dispersos. Tal como a Canada do Inferno, este é um sítio muito afectado pelas águas do Pocinho, mas aqui com a agravante da grande destruição causada pelas obras da barragem, que impedem a prospecção em zonas fulcrais, embora haja ainda bastantes afloramentos na parte superior das encostas.

Vale de Moinhos. Esta ribeira começa na junção de pequenas e sinuosas linhas de água ainda em pleno planalto perto de Vila Nova de Foz Côa, à cota de c. de 420 metros. Rapidamente inicia a escavação do vale no seu percurso para o Côa, numa extensão de c. de 2.600 m, é extremamente sinuoso e com acentuados meandros, particularmente na parte inicial, mas mantendo no essencial uma direcção Oeste-Leste. O vale é profundo e abrupto, de acentuado perfil em V, e tem muitos afloramentos, particularmente do lado esquerdo, culminando essa concentração nas grandes paredes rochosas na zona da embocadura.

Este núcleo está em curso de prospecção sistemática, ainda limitada a uma pequena área sobre o Côa a montante da foz. As treze rochas até agora inventariadas distribuem-se de alto a baixo no vale, todas na margem esquerda, entre os 320 e os 120 m de cota, e estão quase todas muito perto do leito da ribeira ou do Côa, com duas únicas excepções. Os motivos modernos estão apenas em dois painéis, a Rocha 10, na parte superior do vale, com duas datas picotadas de 1604, e a Rocha 11 na parte média, com um único e curioso filiforme, representando uma ave. Da Idade do Ferro há também duas rochas, ambas figurando cavalos e geométricos, a Rocha 7 na parte superior do vale, a 120 m do leito da ribeira, e surpreendentemente isolada (é possível que a abertura da estrada que passa em baixo tenha destruído outras), e a Rocha 6, sobre o Côa, também isolada (mas talvez na companhia de rochas actualmente submersas). As restantes nove rochas têm exclusivamente motivos paleolíticos, havendo duas que apresentam cada uma um quadrúpede picotado, a Rocha 3 no princípio do vale, com um estranho quadrúpede indeterminado, e a Rocha 9, sobre o Côa, com um cavalo incompleto. Os filiformes dominam em oito destas rochas, quase todas na zona da embocadura, mas com duas na parte média do vale, destacando-se as figuras de cervídeos de traço múltiplo.

Moinhos de Cima. Encosta sobre o Côa, limitada a Sul e Sudeste por Vale de Moinhos, e a Norte e Noroeste pelo Vale do Forno. É relativamente abrupta, estendendo-se numa largura de 550 m desde os 400 m de altura até aos

125 m do Côa, mais a zona submersa. A meio é cortada por uma discreta mas evidente linha de água central, havendo uma outra mais curta e ainda mais discreta ligeiramente a jusante. Embora a encosta se estenda por quase 1 km, praticamente só há afloramentos a jusante da canada central, e quase todos na parte inferior da encosta, numa extensão de 400 m, formando em algumas zonas impressionantes paredões de xisto. Esta área de concentração de afloramentos foi quase toda sistematicamente prospectada, salvo na zona submersa.

Ao todo, conhecem-se 25 rochas historiadas, distribuídas entre 250 e 130 m de cota, todas exclusivamente com motivos filiformes. Há sete rochas indeterminadas, e apenas três com escassos e pouco relevantes motivos modernos. O paleolítico encontra-se em seis rochas, quatro na embocadura direita da canada central, uma do outro lado e uma isolada a jusante. Têm diversas representações de quadrúpedes, sobretudo cervídeos, e alguns capríneos e equídeos, em traço simples e múltiplo. Destacam-se as Rochas 10, pela grande quantidade e qualidade dos seus motivos, e a 23 pela implantação pouco habitual, sendo um pequeno painel completamente isolado na parte superior de um vasto e destacado conjunto de afloramentos, com alguns raros sinais geométricos, para além de um ou dois quadrúpedes. A Idade do Ferro está documentada em doze rochas, divididas em dois grupos. O primeiro tem apenas três rochas, localizadas na parte superior do lado esquerdo da linha de água a jusante da canada central, figurando cervídeos, equídeos e alguns geométricos. As restantes estão agrupadas no lado esquerdo da parte terminal da canada central, e têm um amplo e interessantíssimo conjunto de motivos, com múltiplas sobreposições. Algumas destas gravuras são muito peculiares e originais no contexto da Arte do Côa. As restantes constituem-se na habitual panóplia de guerreiros, armas e cavalos, associados a vários geométricos.

Vale do Forno. Tal como Vale de Moinhos, a ribeira do Vale do Forno tem origem em diversas linhas de água no planalto, muito perto de Vila Nova de Foz Côa. Escava um vale em direcção ao Côa a partir da cota dos 350 m e numa extensão de 1.700 m, com um percurso algo sinuoso, na direcção Oeste-Leste. O vale é profundo mas relativamente aberto e tem boas e bem definidas concentrações de afloramentos em zonas circunscritas das encostas, sobretudo do lado esquerdo, estando as restantes áreas quase despidas. O núcleo confina a Sul com os Moinhos de Cima na parte inferior e com Vale de Moinhos na parte superior, e a Norte com o núcleo da Foz do Côa. As 25 rochas conhecidas distribuem-se, de acordo com os afloramentos, em três grupos distintos, um na parte superior do vale, outro na zona

Fig. 7. A foz da ribeira de Urros, pouco a montante da Foz do Côa, onde se localiza um dos dois raros conjuntos de gravuras conhecidos na margem direita do Douro.



Fig. 8. Foz do Côa. Ao fundo à esquerda vê-se o Vale do Forno. O Côa separa a Quinta das Tulhas, na sua margem direita, do núcleo da Foz do Côa, na margem esquerda. Ao centro da imagem está o Vale de José Esteves, seguido da Vermelhosa, mais para a sua direita.



média e o último na mancha terminal junto ao Côa, entre os 320 m e os 140 m de cota. Todas sem excepção estão na margem esquerda da ribeira, tendo exclusivamente motivos incisos de diferentes períodos. Apenas cinco rochas têm temas modernos, pouco relevantes, destacando-se os dois pentagramas da Rocha 20. Os motivos paleolíticos distribuem-se por doze rochas, de alto a baixo do vale, predominando as incisões de traço múltiplo e estando as melhores rochas sitas na parte mais elevada do vale. Com semelhante localização há 16 rochas com o habitual repertório da Idade do Ferro, destacando-se a Rocha 6, junto ao Côa, num painel horizontal com um dos melhores conjuntos sidéricos de todo o vale do Côa, com vários guerreiros, armas e quadrúpedes de boa factura. O mesmo se poderá afirmar para as Rochas 1 e 22 na parte superior do vale, conjuntos que no seu todo tornam este sítio um dos mais interessantes núcleos da Idade do Ferro.

Foz do Côa. É a encosta esquerda sobre o Côa no seu troço terminal, delimitada entre o Côa e o Douro, tendo o Vale do Forno a Sul e o Vale de José Esteves a Norte. É muito declivosa, descendo da cota de 360 m até ao Côa. A parte inferior tem um comprimento de 800 m, entre a ponte ferroviária na foz e a ponte rodoviária a jusante. Está repleta de afloramentos, cuja densidade aumenta paulatinamente de cima para baixo e de montante para jusante. Com excepção da parte submersa, toda a área do núcleo foi sistematicamente prospectada, e o resultado é a maior e mais densa concentração de rochas decoradas de toda a Arte do Côa, num total de 186 rochas, considerando-se a Foz do Côa como o grande centro da arte da Idade do Ferro e um dos lugares cimeiros da imagética magdalenense do Vale do Côa.

As rochas distribuem-se por toda a extensão do sítio e de alto a baixo da encosta, sendo a Rocha 18, com escassos filiformes paleolíticos, o painel mais elevado, à cota 340. Há ainda um número considerável de rochas com cronologia indeterminada, trinta e duas no total. 45 têm motivos da época moderna/contemporânea, 66 têm gravuras da Idade do Ferro, e 83 são de época paleolítica.

Das rochas modernas destaca-se um grupo de sete com motivos picotados, na parte inferior da encosta sobre o Douro, seis das quais actualmente submersas, com datas dos séculos XVIII ao XX e variados outros motivos, associadas a moínhos que aqui existiam. Existe também uma inscrição em abrasão dos anos 40 na parte central da encosta, e os restantes motivos são filiformes, de qualidade e interesse muito variado.

A Idade do Ferro legou-nos uma imensa quantidade de motivos, na sua habitual temática, mas com uma grande diversidade estilística, destacando-se um bom número de

guerreiros e cavaleiros, alguns de grande qualidade. Destaque-se também a cena de caça ao veado da Rocha 177 e a hipotética cena de luta da Rocha 153.

Do paleolítico, para além do grande número de gravuras, destaque-se a excelente qualidade de algumas delas e a presença aqui de algumas composições graficamente apelativas. Todos estes motivos são incisos, com excepção de um pequeno cervídeo raspado na Rocha 10 e todos deverão ser enquadrados no período magdalenense, à semelhança, aliás, do que sucede nos núcleos vizinhos. A temática é amplamente dominada pelos quadrúpedes, com as espécies habituais do Côa, mas com um certo predomínio dos cervídeos de traço múltiplo. De realçar ainda a presença de algumas rochas densamente gravadas, com múltiplas sobreposições, como as Rochas 14, 16, 52 e 103. Destaque-se também algumas representações de cervídeos em manada, particularmente na Rocha 50, em que duas crias são também figuradas.

A MARGEM ESQUERDA DO DOURO A JUSANTE DA FOZ DO CÔA: DO VALE DE JOSÉ ESTEVES AO VALE ESCURO

Vale de José Esteves. Esta ribeira começa na periferia de Vila Nova de Foz Côa, percorrendo um longo troço de c. de 3.400 m no planalto, onde desce dos 420 para os 350 m, num percurso bastante sinuoso, mantendo sensivelmente uma orientação SW-NE, que inflecte para Leste ao iniciar a escavação do vale na encosta final sobre o Douro. Este percurso final é também sinuoso, com c. de 1.300 m, confinando a Norte com a Vermelhosa, e a Sul com a Foz do Côa. O vale é profundo, de acentuado perfil em V.

Aqui chegados, é necessário fazer uma rectificação no que toca ao até agora denominado núcleo do Alto da Bulha, referido em várias publicações (não confundir o Alto da Bulha com o recentemente descoberto núcleo da Bulha, descrito mais abaixo; o topónimo em causa aplica-se a uma larga e prolongada linha de cumeada, que abrange a parte superior dos núcleos de Vale de José Esteves, Vermelhosa, Vale de Cabrões e a própria Bulha). Na realidade, o Alto da Bulha distinguia-se do Vale de José Esteves por um critério estritamente toponímico, que se aplicava à parte superior esquerda do vale, sem limites bem definidos nem qualquer distinção geomorfológica evidente, ao contrário do que acontece com as definições dos limites dos restantes núcleos, que procuram seguir lógicas não estritamente toponímicas e arbitrárias. Assim, decidimos recentemente não mais considerar o Alto da Bulha como núcleo distinto, mas sim integrá-lo na sua geomorfologia natural, o Vale de José Esteves (e não Vale de Cabrões, como é por lapso referido em A. M. BAPTISTA, GARCÍA DIEZ, 2002:192).

Assim, a única rocha até ao momento inventariada e publicada deste sítio, a Rocha 1 do Alto da Bulha, foi agora renumerada como a Rocha 19 do Vale de José Esteves.

Desta forma, este núcleo tem actualmente 23 rochas inventariadas, todas com motivos filiformes. Há uma de cronologia indeterminada, e apenas a Rocha 2 tem motivos de época moderna.

O Paleolítico e a Idade do Ferro estão presentes em doze rochas cada um, havendo vários painéis de grande interesse para ambos os períodos, como as Rochas 5, 13, 16 ou 17 para o Paleolítico. Aqui predominam os cervídeos de traço múltiplo, entre muitas outras figuras de quadrúpedes de traço simples ou múltiplo, salientando-se também os vários sinais geométricos, como nas Rochas 4 e 16.

Na Idade do Ferro destacam-se particularmente as Rochas 7, 8, 18 e 19, com o repertório habitual de antropomorfos, quadrúpedes e armas, salientando-se na Rocha 8 a grande dimensão dos motivos.

A maioria das rochas localiza-se na parte terminal da ribeira, com algumas na parte intermédia e superior do vale. Quase todas estão na margem esquerda, com a excepção da Rocha 16. Têm uma ampla variação de cotas, entre os 290 e os 130 m. O núcleo está pouco prospectado, com muitos afloramentos de alto a baixo do vale, havendo seguramente muitas mais rochas gravadas por descobrir.

Vermelhosa. Começando na cota 350, é uma pequena canada de escorrência de águas que segue linearmente para o Douro, de Oeste para Leste, paralelamente à ribeira do Vale de José Esteves, numa extensão de pouco mais que 800 m. O vale, embora bem evidenciado, não é dos mais profundos e fechados, e a maioria dos afloramentos concentra-se na parte terminal, onde se encontram as doze rochas actualmente conhecidas, todas com motivos filiformes e entre as cotas 180 e 150 m. Embora não esteja sistematicamente prospectado, não pensamos que o total de rochas deste núcleo venha a ser muito superior ao actual. O número de rochas indeterminadas é relativamente avultado, seis no total. As outras seis têm todas motivos paleolíticos. Duas destas têm também gravuras da Idade do Ferro, as Rochas 1 e 3, ambas de excelente qualidade, salientando-se particularmente a cena de combate da Rocha 3, associada às únicas figuras femininas da Idade do Ferro até ao momento identificadas na Arte do Côa. Do Paleolítico destacam-se as Rochas 1, 2, 3 e 4, com grande quantidade de motivos de traço simples e múltiplo, dominando os capríneos e os cervídeos.

Bulha. É a encosta voltada ao Douro, contida entre Vale de Cabrões a Norte e a Vermelhosa a Sul, iniciando-se à cota 360 e descendo acentuadamente para o Douro. De Sul para Norte estende-se por pouco menos de 1 km, mas a área

Fig. 9. Conjunto de afloramentos xistosos na encosta direita de Vale de Cabrões, um exemplo da típica distribuição e orientação dos painéis verticais nas encostas do Côa, do Douro e dos seus afluentes. Aqui há várias rochas historiadas, com motivos paleolíticos e da Idade do Ferro.



mais relevante para a distribuição das gravuras parece ser uma depressão central formada por duas pequenas e pouco cavadas linhas de escorrência de águas que se juntam mais em baixo e formam um espaço intermédio em forma de V, com uma largura de 280 m e um comprimento de alto a baixo de c. de 340 m (não confundir este sítio da Bulha, sobre o Douro, com o antigo Alto da Bulha na parte superior do Vale de José Esteves, conforme se disse acima).

Este espaço foi sistematicamente prospectado, tendo-se descoberto 40 rochas, todas com gravuras filiformes, divididas em dois grupos, entre as cotas 350 e 190 m, não se conhecendo para já gravuras junto ao Douro, na parte inferior do núcleo, sendo provável que poucas mais haja por descobrir. Para além de quatro rochas indeterminadas, há seis com motivos modernos, destacando-se algumas curiosas figuras antropomórficas. Há 14 rochas com motivos paleolíticos, de traço simples e múltiplo e, para além de vários tipos indeterminados, apenas se identificaram vários cervídeos de traço múltiplo. Da Idade do Ferro registaram-se 22 rochas, várias delas de excelente qualidade, destacando-se em particular as múltiplas sobreposições da Rocha 35, com vários antropomorfos, e a Rocha 38, com uma cena de luta protagonizada por cinco guerreiros.

Vale de Cabrões. É uma linha de água muito sinuosa que se inicia na orla do planalto à cota 300 (conferir abaixo a descrição do Tudão), com um percurso SW-NE, quase paralelo ao Douro, formando um vale muito fechado e encaixado, de acentuado perfil em V, e com as encostas repletas de afloramentos, particularmente na margem esquerda. Este percurso inicial tem uma extensão de 1.200 m, entre os 300 e os 170 m de cota, altura em que a ribeira inflecte bruscamente para Leste, correndo mais 750 m até ao Douro, num vale ainda profundo mas bastante mais aberto, e com muito menos afloramentos.

Há aqui 25 rochas conhecidas, mas o número total deverá ser bem superior. Todas estão na margem esquerda. Há motivos picotados em três rochas, o conhecido veado da Rocha 1, e uns quadrúpedes pouco definidos nas Rochas 6 e 20, de cronologia paleolítica. Todos os restantes motivos são filiformes. Há um pequeno grupo de três rochas no troço final junto ao Douro, entre os 150 e os 130 m de altura, sendo duas paleolíticas e a outra da Idade do Ferro. As restantes vinte e duas encontram-se no troço inicial da ribeira, distribuindo-se ao longo da encosta desde a orla do planalto até ao leito da ribeira, entre os 330 e os 230 m de cota. Há três rochas indeterminadas, e apenas duas com motivos de época moderna, pouco relevantes. A Idade do Ferro está presente em 12 rochas, com uma grande quantidade e qualidade de motivos. O Paleolítico em 14 rochas, também com abundantes e excelentes motivos, particular-

mente quadrúpedes de traço simples ou múltiplo, cervídeos, capríneos e equídeos.

Tudão. É o único dos sítios paleolíticos e proto-históricos localizado em pleno planalto, a Norte e nas imediações de Vila Nova de Foz Côa. Este discreto curso de água estende-se por 1.600 m no planalto, seguindo um percurso curvilíneo, sensivelmente na direcção NW-SE e, chegando à orla do planalto, inicia a escavação de Vale de Cabrões, ou seja, trata-se do troço inicial da ribeira de Vale de Cabrões, correndo entre as cotas de 400 e 300 m.

A única rocha aqui conhecida encontra-se relativamente perto da nascente, a mais de 1.200 m de distância do início do encaixe de Vale de Cabrões, e está à cota 370, na margem direita da ribeira. Esta é pouco pronunciada, com um vale baixo e aberto, de perfil em U. Todo o seu percurso está intensamente agricultado, com vários muros de propriedade e outras construções agrícolas.

Poucos afloramentos são hoje visíveis, aliás nunca terão sido muitos, alguns terão sido destruídos, havendo mesmo algumas pedras com restos de gravuras antigas nas imediações da Rocha 1. Esta forma a base de uma pequena plataforma onde foi implantado um pequeno casebre agrícola. O seu painel vertical, baixo e alongado, encontra-se quase inteiramente preenchido com gravuras filiformes, essencialmente paleolíticas, mas também com bastantes incisões da Idade do Ferro, destacando-se aqui vários geométricos e equídeos, entre estes um pequeno grupo de três cavalos com as mais pequenas dimensões conhecidas no Côa. Quanto aos motivos paleolíticos, são em grande número, com vários quadrúpedes, de traço simples e múltiplo, destacando-se um excelente grupo de veados de traço múltiplo.

Vale da Casa. Este sítio, também conhecido por Vale da Cerva ou Horta das Freiras, é uma linha de água pouco sinuosa e com vários pequenos afluentes de ambos os lados, percorrendo cerca de 2 km na direcção NW-SE, tendo ainda um percurso de c. de 500 m no planalto até que, à cota 350, inicia a escavação do vale, profundo mas bastante aberto, com perfil em V.

Os afloramentos actuais são pouco numerosos ao longo das encostas, e pouco mais haverá por descobrir na parte emersa. São aqui conhecidas 29 rochas gravadas, 25 das quais no grande terraço fluvial que se formou na embocadura da ribeira sobre o Douro, e que está hoje totalmente submerso. As outras quatro estão na parte intermédia do vale, entre as cotas 190 e 160, todas na margem direita da ribeira junto ao leito. Destas, duas têm motivos pré-históricos, salientando-se o pequeno antropomorfo picotado da Rocha 28, uma apresenta alguns filiformes da Idade do



Fig. 10. Rocha 9 de Vale de Moinhos. Cabeça de equídeo paleolítico picotado, uma das raras picotagens glaciares encontradas nas prospecções mais recentes.

Fig. 11. Rocha 7 do Vale de João Esquerdo. Denso grupo de incisões paleolíticas, ainda não estudadas.



Fig. 12. Rocha 10 da Foz do Côa. Cervídeo paleolítico (virado para a direita) obtido por raspagem. Rocha ainda não estudada.



Fig. 13. Rocha 18 da Bulha. Cerva, cuja técnica de execução combina o traço inciso múltiplo com a raspagem, e que aproveita algumas manchas naturais da superfície da rocha. São bem visíveis alguns traços muito recentes sobrepostos ao motivo.



*Fig. 14. Rocha 7 da
Canada da Moreira.
Duas belas figuras de
auroques, em traço
inciso de contorno
múltiplo muito fino,
o que permite grande
detalhe na execução
das figuras.*

*Fig. 15. Rocha 9 do
Vale do Forno.
Fêmea de cervídeo.*



Fig. 16. A bem conhecida Rocha 1 de Vale de Cabrões, com um cervídeo ferido no ventre por um dardo, olhando para trás. Tanto a técnica como o estilo sugerem uma cronologia já pós-glaciar, provavelmente epipaleolítica.



Ferro e paleolíticos, e outra tem incisões paleolíticas, com destaque para um pequeno cervídeo de traço múltiplo.

No terraço foram inventariadas 23 rochas, em 1982-3, mas sabia-se já da existência de mais algumas, que na altura dos trabalhos de levantamento estavam já ligeiramente submersas devido do alteamento das águas do Pocinho. Duas outras foram inventariadas em 1996, num abaixamento temporário das águas da albufeira, sendo uma delas uma laje solta com filiformes proto-históricos, que foi transportada para a sede do PAVC, em cuja entrada se encontra actualmente.

Todas estas rochas no terraço tinham uma disposição horizontal (como se sabe, não é esta a situação normal de jazida da Arte do Côa, que é vertical), ao contrário das quatro rochas situadas mais acima na parte intermédia do vale. Em oito delas havia motivos pré-históricos, abertos por picotagem e abrasão, destacando-se alguns antropomorfos e podomorfos do Calcolítico e da Idade do Bronze. Apenas duas apresentavam motivos pouco relevantes de época moderna, e dezanove tinham motivos filiformes da Idade do Ferro, com uma variedade bem típica do agora melhor conhecido ciclo rupestre da IIª Idade do Ferro do Côa. Entre estas destacavam-se os notáveis equídeos e as falcas da Rocha 6 (A. M. BAPTISTA, 1986: 53; e 1999: 178-179), a cena de caça ao veado da Rocha 23 (A. M. BAPTISTA, 1983-84: 78 ss., Est. IV; e 1999: 180-181), com a

única inscrição em caracteres de tipo celtibérico até hoje identificada na região, e a extraordinária Rocha 10, ainda hoje de características únicas no complexo do Côa/Douro, com um conjunto de mais de 200 motivos densamente sobrepostos, estando representados todos os tipos de motivos da IIª Idade do Ferro e tendo-se identificado quatro fases distintas de gravação mas de um mesmo período cultural (A. M. BAPTISTA, 1986: 30 e 1999: 174-75).

Vale Escuro. É actualmente o mais setentrional dos núcleos da Arte do Côa, estando voltado ao troço do Douro orientado a Leste, perto da aldeia do Pocinho, tendo assim uma orientação Sul-Norte, com um percurso quase linear numa extensão de 1.500 m, iniciando-se na orla do planalto, aos 400 m de altura. O vale é profundo, particularmente na parte terminal, com perfil em V. O sítio tem uma baixa quantidade de afloramentos, bastantes dispersos ao longo da encosta, e é possível que não haja muitas mais rochas decoradas por descobrir, excepto eventualmente na parte submersa, aqui bastante profunda, pois a barragem do Pocinho está a poucas centenas de metros a jusante. As três rochas hoje conhecidas estão na parte baixa do vale, mas ainda a 360 m de distância do Douro, entre os 190 e 200 m de cota, em frente umas às outras, em ambas as margens. Uma é indeterminada, e as



Fig. 17. Rocha 28
do Vale da Casa.
Figura antropomórfica
picotada.

outras duas são da Idade do Ferro, destacando-se algumas representações de falcas na Rocha 1 e um interessante veado na Rocha 3.

A MARGEM DIREITA DO CÔA: DA PENASCOSA À QUINTA DAS TULHAS

Esta margem do Côa tem, em geral, piores condições para a existência de gravuras que a margem esquerda, e os núcleos são aqui em menor quantidade, com menos rochas e menos interessantes, excepto a Penascosa. A sequência dos núcleos é razoavelmente bem conhecida, mas poderão haver ainda sítios por identificar.

Penascosa. Está em frente à Quinta da Barca. É a encosta de uma colina, à cota máxima de 267 m, sobranceira a um terraço fluvial do Côa, bastante recente e mais baixo que o da Quinta da Barca, à cota de 130 m, praticamente ao nível do rio.

As 26 rochas decoradas conhecidas até ao momento encontram-se na base e na própria encosta, quase todas na parte inferior, entre as cotas 220 e 140 m, e numa extensão de c. de 400 m, na direcção Sul-Norte, numa disposição simétrica às rochas fronteiras da Quinta da Barca.

Apesar de intensamente investigado, é possível que uma prospecção sistemática possa ainda descobrir mais algumas rochas, nomeadamente na parte superior da encosta.

Há duas rochas indeterminadas, e apenas uma com uma incisão moderna. Há motivos da Idade do Ferro em quatro rochas, alguns quadrúpedes e um punhal, e em apenas duas rochas surgem motivos da Pré-História recente, uma picotagem (antropomorfo ?) na Rocha 5 e o antropomorfo fálico da Rocha 17, simultaneamente inciso e raspado. Do paleolítico há vinte e duas rochas, predominando as picotagens profundas da fase arcaica, capríneos, equídeos, bóvidos e cervídeos, por esta ordem de frequência. Há também bastantes incisões, na sua generalidade do período Magdalenense, predominando os cervídeos. Destaca-se aqui o grande veado raspado da Rocha 10.

Namorados. A Canada da Quintanilha é um curso de água que corre paralelamente e a Sul da Canada do Amendoal, mas apenas o seu percurso final tem este topónimo, numa extensão linear e de encostas profundas com c. de 1 km. Antes, a depressão toma o nome de Ribeira do Piçarral e divide-se em vários subafluentes, de um e de outro lado, numa extensão de pouco menos de 1km, cada um deles com o seu pequeno e fundo vale, e inicia-se no planalto, à cota de 550 m, no sopé Norte do Monte de São Gabriel. Percorre no planalto uma extensão de quase 1 km. As diversas linhas de água que formam a parte intermédia da ribeira do Piçarral têm diversos topónimos, e aquela onde primeiro foram identificadas rochas decoradas tem o topónimo de Namorados, razão pela qual foi adoptada esta



FFig. 18. Rocha 1 de São Gabriel. Grande figura reticulada com o interior segmentado, pintada a vermelho num painel vertical bastante exposto. A detecção do motivo é dificultada pela própria cor da superfície da rocha.

Fig. 19. Rocha 1 de Tambores. Laje de xisto com covinhas, na periferia de um grande habitat pré-histórico.





Fig. 20. Rocha 19 do Vale de José Esteves (antiga Rocha 1 do Alto da Bulha). Densa sobreposição de temáticas da Idade do Ferro

designação para este núcleo na sua globalidade, correspondente à algo intrincada bacia hidrográfica da parte intermédia da ribeira, entre a orla do planalto, à cota de 400 m, e o princípio do percurso linear da Canada da Quintanilha, à cota de 250 m (aqui ainda não são conhecidas rochas historiadas). A ribeira segue aqui um percurso sinuoso, orientado na direcção E-W, com um comprimento de quase 1 km, e tendo outro tanto de largura máxima, contando com a extensão máxima dos pequenos afluentes perpendiculares ao troço principal.

É um núcleo muito insuficientemente prospectado, com potencial para mais rochas do que as sete presentemente conhecidas. Destas, quatro estão de um e de outro lado da pequena linha de água dos Namorados, entre as cotas 430 e 390 m. As outras estão a montante, em ambas as margens da ribeira principal, entre os 310 e 330 m. Há duas rochas indeterminadas, apenas uma com incisões modernas, onde se destaca uma curiosa figura de ave, também uma só com um equídeo filiforme da Idade do Ferro, e três com pictagens da Pré-História recente. Entre estas destaca-se a excelente Rocha 1 com o belo conjunto de esquemáticos liriformes, presentes também na Rocha 5 (e com paralelos na Rocha 11 do Vale da Casa). Por cima situa-se a Rocha 7, com um pequeno motivo serpentiniforme.

Canada do Amendoal. Trata-se de uma longa ribeira com pouco mais de 4 km de extensão, que começa no sopé Norte do Monte de São Gabriel, à cota 550. Alonga-se no planalto durante c. de 3 km, em percurso sinuoso com a orientação tendencial SE-NW até que, a ocidente do Orgal, inflecte o curso para Oeste e, à cota de 400 m, inicia a escavação do vale pendente sobre o Côa, paralelo ao Meijapão, que corre a Norte, e desaguando frente ao Rêgo da Vide, mantendo neste troço final um percurso sinuoso, com um comprimento de c. de 1.100 m. A parte inferior do vale foi bastante afectada pelas obras da barragem.

As seis rochas conhecidas, com gravuras incisas, encontram-se quase todas na parte intermédia do vale, numa e noutra margem, com apenas uma na parte inferior, ainda assim a 300 m da embocadura, na margem esquerda, e uma outra na parte inicial do vale, onde este inicia o encaixe, na margem direita. Apenas a Rocha 3 tem motivos modernos, com destaque para uma curiosa figura antropomórfica. Há três rochas com incisões da Idade do Ferro, pouco definidas, e cinco rochas com motivos paleolíticos, incluindo as duas nas extremidades, também eles motivos pouco claros, mas com alguns cervídeos de traço múltiplo.

Fig. 21. Rocha 1 de Meijapão. Cavaleiros da Idade do Ferro, empunhando dardos.



Meijapão. É uma pequena e sinuosa linha de água, orientada E-W, com c. de 1300 metros de extensão, iniciando-se quase no interior do Orgal, à cota 380, e percorrendo ainda mais de 500 m no planalto antes de, à cota 350, se lançar para o Côa, desaguando um pouco a montante da foz da ribeira de Vale de Moinhos. O vale é uma depressão pouco cavada, de perfil em V relativamente aberto. Tal como na Canada do Amendoal, a zona inferior foi profundamente afectada pelas obras da barragem, pouco restando para prospectar, mas na parte superior há vários afloramentos dispersos, mais na margem direita, onde estão as quatro rochas conhecidas, todas incisas, localizadas entre os 350 e os 320 m de altura. Uma só rocha tem motivos modernos pouco relevantes. Há três rochas com incisões da Idade do Ferro, destacando-se a Rocha 1, com um excelente conjunto de cavaleiros. As incisões paleolíticas dispersam-se por três rochas, são pouco definidas, em traço simples e múltiplo, destacando-se um cervídeo de traço múltiplo da Rocha 2.

Broeira. É uma longa encosta sobre o Côa, entre a Quinta das Tulhas a Norte e o Meijapão a Sul, estendendo-se por c. de 1.500 m, tendo em frente parte da Foz do Côa, o Vale do Forno, os Moinhos de Cima e Vale de Moinhos.

A encosta é bastante inclinada, iniciando-se à cota 350, e tem uma distribuição muito irregular de afloramentos, com vastos troços quase despídos e outros, particularmente nos pequenos vales das canadas que cortam a encosta, com grande densidade de rochas afloradas. Conhecem-se aqui treze rochas, todas com temática filiforme, mas o núcleo está pouco prospectado, sobretudo na zona superior das encostas.

As rochas distribuem-se por três grupos, um com sete painéis na mancha superior e os outros junto ao Côa. Há três rochas de cronologia indeterminada e outras três com incisões modernas pouco relevantes. Da Idade do Ferro há também três rochas, todas na parte superior da encosta, com alguns quadrúpedes e geométricos. Do paleolítico há cinco rochas, todas agrupadas numa e noutra margem da foz de uma das canadas que divide o núcleo a meio, na sua maioria com motivos pouco definidos, de traço simples e múltiplo, identificando-se pelo menos um equídeo de traço simples e cervídeos de traço múltiplo.

Quinta das Tulhas. É o troço de encosta final sobre o Côa na margem direita, em frente à Foz do Côa, limitado a Sul pela Broeira. É um dos mais pequenos núcleos do Côa, com c. de 500 metros de comprimento e pouco mais de

*Fig. 22. Rocha 148 da
Foz do Côa. Uma bela
figura de cavalo da
Idade do Ferro.*



*Fig. 23. Rocha 6 do Vale do
Forno. Uma dos raros painéis
horizontais, com um excelente
conjunto de figuras da Idade
do Ferro. Na imagem, um
guerreiro e a sua espada.*

Fig. 24. Rocha 6 do Vale do Forno. Impressiva figura de guerreiro apeado, com escudo redondo e punhal afalcado no cinturão, segurando uma pesada lança, com conto na extremidade oposta à ponta principal. Se confrontarmos esta figura com a descrição de Estrabão sobre os guerreiros lusitanos, pode dizer-se que calçará umas alpercatas e vestirá uma cota eventualmente de linho.

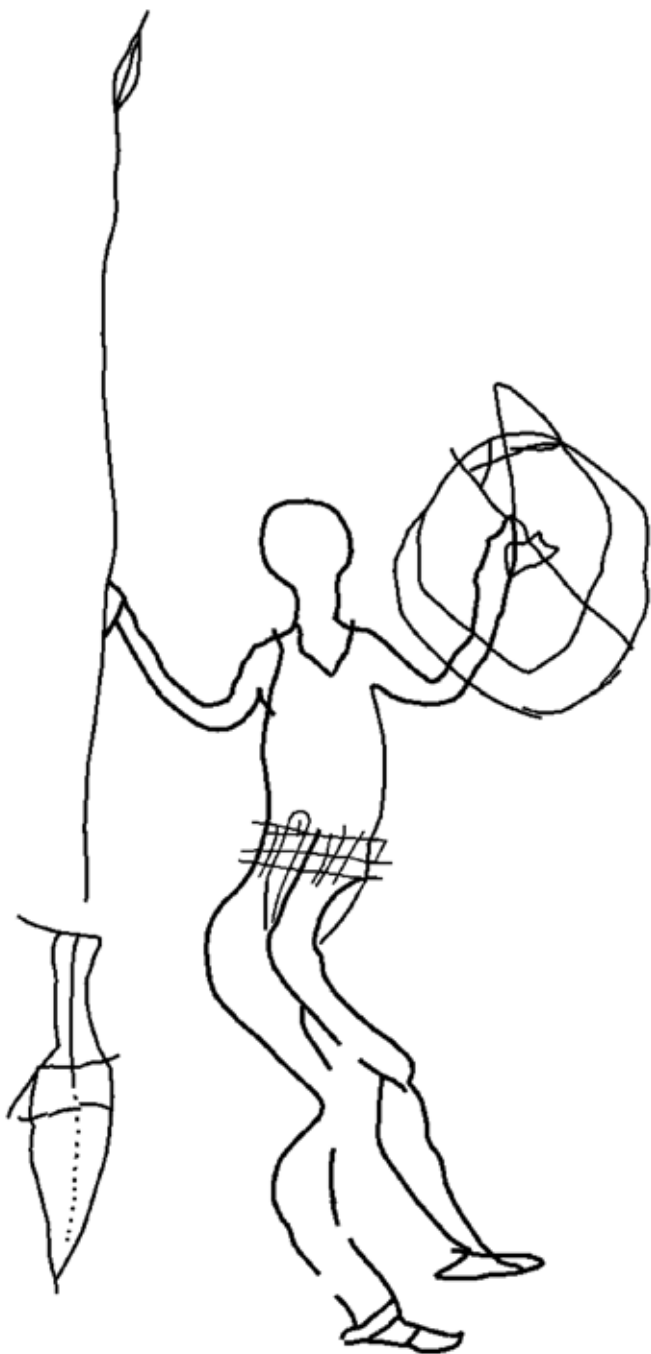


Fig. 25. Rocha 11 de Vale de Cabrões.
Punhal com punho globular da IIª Idade
do Ferro, com bainha decorada.

100 metros de altura de encosta, uma vez que a sua parte superior foi em tempos surribada para plantação de vinha, não restando nenhum afloramento. O troço de encosta final sobre o Côa é bastante escarpado, com muitos afloramentos, e está pouco prospectado, apenas se conhecendo quatro rochas, todas com incisões, duas na parte média da encosta, à cota 150, e as outras parcialmente submersas. Na parte superior, a Rocha 3 tem alguns motivos modernos e a Rocha 4 escassas incisões paleolíticas de difícil caracterização. Na parte inferior, as Rochas 1 e 2 têm gravuras da Idade do Ferro, e a Rocha 1 tem ainda algumas figuras paleolíticas, essencialmente cervídeos de traço simples ou múltiplo, quase sempre submersos.

*Fig. 26. Rocha 18 do
Vale de José Esteves.
Canídeo da Idade
do Ferro.*



*Fig. 27. Muro dos
Namorados.
Pormenor de algumas
das pedras que
integram este muro,
no interior da aldeia
de Castelo Melhor,
com motivos florais
e geométricos,
provavelmente
de princípios da
Era Moderna.*



*Fig. 28. Rocha 10
de Vale de Moinhos.
Uma das mais antigas
datas gravadas
conhecidas no Côa,
associada a um
moinho.*

*Fig. 29. Rocha 20
de Vale de Moinhos.
Cruciformes picotados,
de época recente,
sobrepostos a alguns
filiformes da Idade do
Ferro, também ao lado
de um moinho.*



**OS NÚCLEOS DE ORGAL E CASTELO
MELHOR. A MARGEM ESQUERDA DO DOURO
PARA MONTANTE DA EMBOCADURA
DO CÔA**

Ribeira do Picão. Nasce na orla do planalto a Leste da aldeia do Orgal, com um vale profundo em V assimétrico, tendo a encosta do lado direito um declive muito acentuado, culminando numa estreita linha de cumeeada que a separa do vale da ribeira da Cabreira, sendo a encosta do lado esquerdo bastante mais larga e aberta, por onde correm algumas linhas de água em fundos vales afluentes da ribeira do Picão, uma das quais é a Canada da Moreira. Tem um comprimento de 2.200 m, iniciando-se à cota 430, efectuando um percurso sinuoso de Sudeste para Noroeste. Não parece ter muitos afloramentos, juntos em pequenos e pouco impressionantes grupos, de alto a baixo do vale, mas tendo em princípio mais rochas por identificar do que a única conhecida, da Idade do Ferro, localizada na margem esquerda no sector intermédio da ribeira, à cota 240. As gravuras são todas filiformes, figurando diversos equídeos e geométricos, com o interessante pomenor de vários cavalos estarem representados em posição invertida.

Garrido. Este núcleo, que por lapso foi inicialmente chamado de Canada das Magreiras, está na parte superior da encosta do lado esquerdo da ribeira do Picão, a Norte da Canada da Moreira, sobre uma pequena e pouco destacada linha de água afluente da Ribeira do Picão e a mais de 500 m do seu leito. Trata-se de um denso e circunscrito grupo de afloramentos, entre os 350 e os 320 m, com seis rochas historiadas, todas com incisões da Idade do Ferro, e uma ainda com gravuras modernas, também filiformes, com uma curiosa cena com antropomorfos, incluindo um cavaleiro, cruciformes e geométricos. Da Idade do Ferro destacam-se alguns guerreiros e cavaleiros, acompanhados por equídeos. A zona não foi sistematicamente prospectada, mas poucos afloramentos restam por observar.

Canada da Moreira. É uma pequena e profunda ribeira, que começa no planalto ao lado da aldeia do Orgal, à cota 400. É formada inicialmente por duas curtas linhas de água que rapidamente se fundem em vale cavado, com vertentes muito pronunciadas, com um percurso SW-NE relativamente linear, que quando se aproxima da ribeira do Picão se torna pouco profundo e aberto, de forma que a



Fig. 30. Rocha 2 do Vale de José Esteves. Barco a vapor e motivos florais envoltos em cartela, com nome e data de 1968.

diferenciação dos dois núcleos se faz precisamente pelo término do vale da Canada da Moreira, c. da cota 220, com um comprimento total pouco inferior a 900 m.

Conhecem-se aqui 14 rochas, divididas em dois grupos, o primeiro com três rochas da Idade do Ferro na orla do planalto, a 380 m de altura, o segundo na margem esquerda, no fundo do vale, junto à linha de água, entre os 280 e os 310 m. Todas as gravuras são filiformes. Há uma rocha indeterminada, três com gravuras pouco interessantes de época moderna, e quatro com incisões paleolíticas, destacando-se os excelentes auroques de traço múltiplo da Rocha 7. A Idade do Ferro é predominante, figurada em 13 rochas, com um amplo leque de motivos, alguns de grande qualidade, destacando-se em especial as Rochas 1 e 2, com cavaleiros.

Ribeira da Cabreira. É uma comprida ribeira, com um percurso de mais de 4 kms., iniciado no sopé NE do Monte de São Gabriel, à cota 570. Tem um percurso inicial de 2.500 m no planalto até à orla, na direcção SW-NE. Aqui chegada, à cota 350, inflecte para NW, e inicia a escavação de um fundo e escarpado vale, de acentuado perfil em V, que corre paralelamente à ribeira do Picão, numa extensão de c. de 1.500 m.

Os afloramentos distribuem-se de forma muito desigual ao longo do seu curso, com grandes paredes de xisto de alto a baixo da encosta no troço inicial do encaixe da ribeira, ainda não prospectadas, e pequenos conjuntos numa e outra margem nas proximidades do leito, dos quais apenas um ou outro foram sumariamente vistos. Conhecemos aqui apenas quatro rochas, todas com gravuras incisas. A Rocha 1 tem um interessante conjunto moderno, com antropomorfos, zoomorfos e geométricos, localizando-se no topo da encosta do lado esquerdo, à cota 360. As Rochas 2 e 3 têm alguns desinteressantes motivos modernos, mas caracterizam-se melhor pelas incisões proto-históricas, de grande qualidade no caso da Rocha 2, com antropomorfos, cavalos e um raro arboriforme. Estão sobre o leito, a 1.200 m da foz, uma em cada margem e à cota 240, bem a montante da Rocha 1. A Rocha 4 está à entrada de um grupo de afloramentos na margem esquerda, junto à foz, e tem alguns motivos paleolíticos pouco perceptíveis, de traço simples e múltiplo.

Canada do Arrovão. Pequena canada sobre o Douro, num sítio em que este tem as encostas mais escarpadas. Tem pouco menos de 600 m de extensão, iniciando-se à cota 400. Configura um vale estreito e de perfil desigual, com a margem direita suave e com poucos afloramentos, e a margem esquerda muito alta e escarpada, repleta de afloramentos. Apesar de pequeno, é um núcleo de difícil

prospecção, e está apenas sumariamente visto, conhecendo-se aqui três rochas com incisões, entre as cotas 180 e 220, todas do lado esquerdo da canada, na orla inferior do grande conjunto de afloramentos. As Rochas 1 e 2 estão lado a lado, sendo a primeira indeterminada e a segunda moderna, com alguns cruciformes. A Rocha 3 está mais abaixo, tem alguns traços modernos e também motivos paleolíticos e proto-históricos, os primeiros de traço simples e múltiplo, e os segundos com uma temática variada, incluindo alguns com características humanas e animais.

A MARGEM DIREITA DO DOURO: RIBEIRA DE URROS E VALE DE JOÃO ESQUERDO

Esta margem do Douro é a zona menos explorada na área de distribuição da Arte do Côa, com apenas dois núcleos e talvez com mais algumas rochas por identificar. Do que conhecemos relativamente ao ordenamento da Arte do Côa, esta não deverá ultrapassar as encostas e linhas de água que pendem directamente sobre o Douro, sendo também pouco provável que vá muito para montante do Vale de João Esquerdo ou para jusante do Pocinho. Assim, os cerca de 15 km entre estes dois pontos poderão albergar novos conjuntos de rochas decoradas, ainda que, tendo em conta o que conhecemos da distribuição dos afloramentos e das suas características, nos pareça mais provável que esses eventuais novos sítios se restrinjam aos 5 km entre a Ribeira de Urros e o Vale de João Esquerdo.

Ribeira de Urros. Inicia-se no planalto, à cota aproximada de 500 m, perto da aldeia de Peredo dos Castelhanos, cavando um vale profundo logo desde o seu início, e tendo neste percurso a contribuição de pequenas linhas de água, de um e outro lado, todas também muito cavadas. A ribeira prolonga-se por quase 4 kms., em vale sinuoso e profundamente escavado, sensivelmente na direcção NE-SW, de vertentes inclinadas com perfil em V, desaguando no Douro, pouco a montante da foz do Côa.

As oito rochas conhecidas estão no troço final, em ambas as margens, entre as cotas 160 e 130. Apenas a Rocha 3 apresenta algumas incisões paleolíticas pouco caracterizadas, numa pequena península formada pela subida das águas no troço final da ribeira. Aqui poderá haver mais rochas paleolíticas na parte submersa. A época moderna encontra-se em 3 rochas, todas com filiformes, das quais apenas a Rocha 4 tem alguma relevância, com um curioso grupo de antropomorfos, cruciformes e arcos e flechas, ou talvez bestas. A Idade do Ferro está representada por cinco rochas, três delas na margem direita, destacando-se a Rocha 1. Aqui deverão existir mais rochas decoradas.



Fig. 31. Rocha 4 da Ribeira de Urros. Possíveis representações de arcos e flechas ou bestas, datáveis dos séculos XV-XVI.

Vale de João Esquerdo. É uma linha de água com apenas 1.800 m de comprimento, iniciando-se na orla do planalto a uma cota de 500 m, e com um percurso quase linear de Leste para Oeste, formando um vale relativamente profundo e fechado, de acentuado perfil em V, desaguando no Douro ligeiramente a jusante e em frente da Canada do Arrovão. Os afloramentos são relativamente abundantes ao longo do seu percurso, tendo potencial para ter mais rochas decoradas do que as nove ora conhecidas. Estas dividem-se em dois grupos, ambos na margem direita da ribeira, o primeiro com quatro rochas da Idade do Ferro no sector intermédio do vale, longe do leito, entre as cotas de 350 e 320 m, figurando um reduzido conjunto de motivos. Junto ao Douro está o outro grupo de cinco rochas, todas com incisões paleolíticas, algumas com boas representações de quadrúpedes, em traço simples e múltiplo, destacando-se as Rochas 1 e 7, esta com um pequeno painel com múltiplas sobreposições.

OUTROS NÚCLEOS: TAMBORES E SÃO GABRIEL

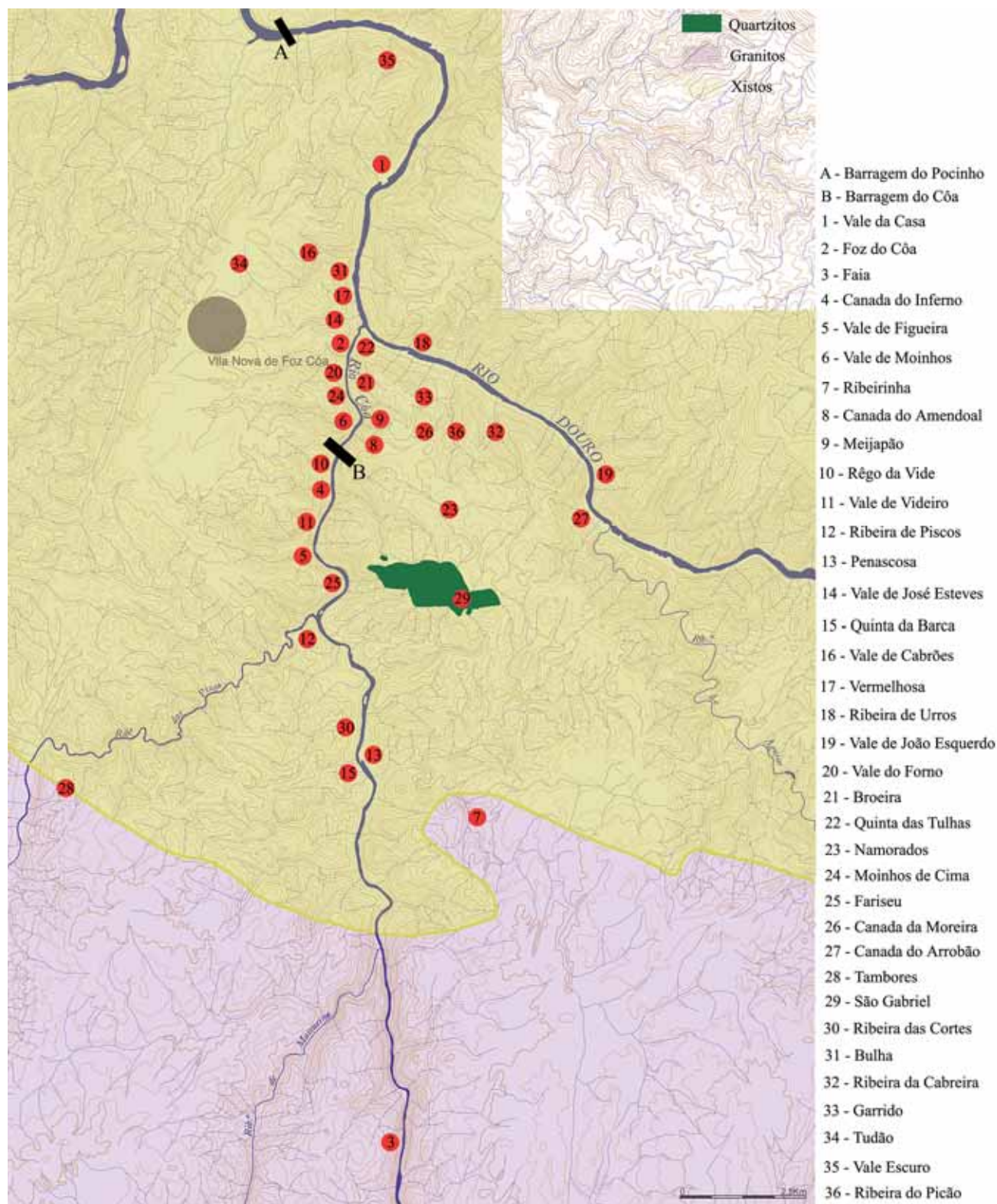
Tambores. Localiza-se na orla NW do planalto das Chãs, voltado para Oeste sobre a encosta do vale da ribeira de Pis-

cos, imediatamente antes do ponto onde esta inflecte bruscamente para Leste em direcção ao Côa, a cerca de 6 km em linha recta da sua foz. As duas rochas deste núcleo estão ambas dentro da área de distribuição dos materiais de superfície do sítio neolítico/calcolítico dos Tambores, na zona de separação entre terrenos de xisto e granito. Ambas apresentam exclusivamente covinhas, sendo a primeira uma laje solta de xisto e a outra um penedo de forma arredondada.

São Gabriel. É a grande crista quartzítica das vertentes Sul e SW do Monte de São Gabriel, ainda não prospectada, e onde o potencial para o aparecimento de mais pinturas nos parece elevado. Conhece-se aqui apenas uma rocha decorada, localizada em zona onde a crista é ainda pouco impressiva, perto da capela de São Gabriel, logo abaixo de uma área de dispersão de materiais pré-históricos. Trata-se de um único reticulado pintado com ocre vermelho, curiosamente situado não num abrigo ou pala, mas num painel quase vertical e exposto aos elementos. Talvez por isso, é notório que a tinta quase desapareceu da superfície da rocha, observando-se uma espécie de negativo da imagem original, de difícil detecção.

PROSPECÇÃO DA ARTE RUPESTRE NO VALE DO CÔA E ALTO DOURO PORTUGUÊS: PONTO DA SITUAÇÃO EM JULHO DE 2006

Fig. 32. Carta geológica simplificada da zona de distribuição das gravuras da Arte do Côa (adaptada da Carta Geológica de Portugal, Folha 15-A), com a distribuição dos 36 núcleos de gravuras e pinturas conhecidos e a localização da barragem do Pocinho e da abandonada do Côa. A numeração segue a ordem de identificação e registo dos sítios.



Conclusão

Apesar do intenso trabalho de prospecção já realizado e da grande quantidade de sítios de arte rupestre e de rochas inventariadas no Côa/Douro, estamos ainda longe de podermos considerar a área bem prospectada. Alguns núcleos estarão ainda por identificar, embora as características essenciais da distribuição da Arte do Côa e os seus limites genéricos sejam já relativamente bem conhecidos. A recente descoberta de uma importante rocha com gravuras paleolíticas e da Idade do Ferro em pleno planalto, com uma implantação totalmente distinta das restantes, não só alargou consideravelmente a área prospectável,

como obrigou a uma actualização dos paradigmas vigentes sobre as características de implantação das rochas historiadadas da região. E isto aplica-se não só quanto à arte paleolítica, mas também à dos períodos seguintes.

Relativamente ao total de rochas existentes, as mais de 600 inventariadas até finais de Julho de 2006 dão bem uma ideia do potencial rupestre da região. Muitos painéis decorados estarão submersos pelas águas do Pocinho, já que nunca houve prospecção sistemática em toda esta vasta região afogada desde 1983, ano de encerramento das comportas desta barragem.

Bibliografía general

- ABELANET, J. 1985. Le premier site d'art rupestre paléolithique à l'air libre: le rocher gravé de Campôme. *Conflent* 133. pp. 2-7.
- 1990. *Les roches gravées nord catalanes*. Centre d'Etudes Préhistoriques Catalanes, Perpignan, 5, Revista Terra Nostra, 1989, Prades, 209 pp.
- ABREU, M. S. de, ARCÀ, A., JAFFE, L., FOSSATTI, A. 2000. As gravuras rupestres de idade do ferro no vale de Vermelhosa Douro – Parque Arqueológico do Vale do Côa: Notícia preliminar. In JORGE, V. O., ed. – *Proto-história da Península Ibérica Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Vol. V. Porto: ADECAP, pp. 403-406.
- ACOSTA, P. 1968. *La pintura rupestre esquemática en España*, Salamanca.
- 1986. Arte rupestre postpaleolítico hispano, en *Historia de España*. 1. Prehistoria, Ed. Gredos, pp. 265-299, Madrid.
- ADAN, G., GARCÍA, M. A., JORDA PARDO, J. F., SÁNCHEZ, B. 1989. Jarama II, nouveau gisement Magdalénien avec art mobilier de la “Meseta Castellana” (Guadalajara, Espagne). *Préhistoire Ariégeoise*, t. XLIV. pp. 97-120.
- AFONSO, B. 1993. Ritos de delimitação e sacralização do espaço no Nordeste Transmontano, *Brigantis*, vol. XIII (3-4), Bragança, pp. 89-105.
- AIRVAUX, J. 2001. *L'art préhistorique du Poitou-Charentes*. La Maison des roches, 223 pp.
- ALARCÃO, J. DE. 1998a. Paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. *Conimbriga*. Coimbra. 37, pp. 89-119.
- 1998b. On the *Civitates* Mentioned in the Inscription on the Bridge at Alcântara. *Journal of Iberian Archaeology*. Lisboa. 0, pp. 143-157.
- 2001. Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, pp. 293-349.
- 2005. Povoações romanas na Beira Transmontana e Alto Douro. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 7 Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, pp. 9-29.
- ALCALDE DEL RÍO, H., BREUIL, H., SIERRA, L. 1911. *Les cavernes de la région cantabrique*. Mónaco.
- ALCOLEA, J. J. 1990. *El Arte Paleolítico en la Meseta*. Memoria de Licenciatura inédita. Universidad de Alcalá de Henares.
- ALCOLEA, J. J., BALBÍN, R. DE. 2003a. Témoins du froid. La faune dans l'art rupestre paléolithique de l'intérieur péninsulaire. *Rev. L'Anthropologie* 107 pp. 471-500.
- 2003b. El Arte Rupestre Paleolítico del interior peninsular. Elementos para el estudio de su variabilidad regional. En: R. DE BALBÍN y P. BUENO eds. *Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella, Ribadesella, 2003*, pp 223-253.
- 2006a. *Arte Paleolítico al aire libre*. El yacimiento rupestre de Siega Verde, Salamanca. *Arqueología de Castilla y León* nº 16. Junta de Castilla y León 2006, 390 p., 203 figs., 126 láms.
- 2006b. Siega Verde y el Arte Paleolítico al aire libre del interior peninsular. En: *Delibes de Castro, G., y Díez Martín, F., eds: El Paleolítico Superior en la Meseta Española, Studia Archaeologica* nº 94, Valladolid, pp. 41-74.
- ALCOLEA, J. J., BALBÍN, R. de, GARCÍA VALERO M. A., CRUZ, L. A. 1995. La cueva del Turismo (Tamajón, Guadalajara): Un nuevo yacimiento rupestre paleolítico en la Meseta Castellana. En: *Arqueología en Guadalajara. Patrimonio Histórico-Arqueología Castilla-La Mancha*. pp. 125-136.
- ALCOLEA, J. J., BALBÍN, R. DE, GARCÍA VALERO M. A., JIMÉNEZ, P. J. 1997a. Nouvelles decouvertes d'Art Pariétal Paléolithique á la Meseta: La grotte del Reno (Valdesotos, Guadalajara). *Rev. L'Anthropologie*. Tome 101, Paris. 1997, pp. 144-163.
- 1997b. Nuevos descubrimientos de arte rupestre paleolítico en el centro de la Península Ibérica: La cueva del Reno (Valdesotos, Guadalajara). En R. de BALBÍN BERHMANN, P. BUENO RAMÍREZ: *II Congreso de Arqueología Peninsular. Tomo I. Paleolítico y Epipaleolítico*. Fundación Rei Afonso Henriques. Zamora, pp. 239-257.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- ALCOLEA, A., BALBÍN, R. DE, GARCÍA VALERO, M. A., JIMÉNEZ, P., ALDECOA, A., CASADO, A., ANDRÉS, B. 1997. Avance al estudio del poblamiento paleolítico del Alto valle del Sorbe (Muriel, Guadalajara). *II Congreso de Arqueología Peninsular. Tomo I. Paleolítico y Epipaleolítico. Fundación Rei Afonso Henriques. Zamora, 1997*, pp. 201-218.
- ALCOLEA, J., BALBÍN, R. de, JIMÉNEZ, P., GARCÍA, M. A., FOYO, A. 2000. La cueva de El Reno (Valdesotos, Guadalajara). Una visión de conjunto de su arte parietal paleolítico. *3º Congreso de Arqueología Peninsular. Actas. Vol. 2. Porto 2.000*, pp. 525-540.
- ALCOLEA, J. J., GARCÍA VALERO, M. A., ALCAINA, A. 1995. El poblamiento prehistórico antiguo en el sector suroriental del Sistema Central: Investigaciones en el valle alto del Sorbe, Guadalajara. *Rev. Raña*, nº 19, pp. 37-40.
- ALDECOA, A. 2005. *Memoria de la prospección intensiva y documentación de arte rupestre en el tramo final del río Ibor y en el área del Alto Tajo a su paso por los términos municipales de Berrocalejo, El Gordo, Peraleda de San Román y Valdelacasa del Tajo*. Inédita.
- ALMAGRO BASCH, M. 1973. Las pinturas y grabados rupestres de la cueva de Chufín. Riclones (Santander). *Trabajos de Prehistoria* 30, pp. 9-67.
- 1958. *Origen y formación del pueblo hispano*. Editorial Bergara.
- ALMEIDA, C. A. B. de 1986. A paróquia e o seu território, *Cadernos do Noroeste*. Braga, pp. 113-130.
- 1995. Aspectos da Idade do Ferro e da Romanização da Bacia Inferior do Rio Côa. *Boletim da Universidade do Porto*. 25: Junho, p. 26-27.
- ALMEIDA, C. A. F. e MOURINHO, M. M. 1981. Pinturas esquemáticas de Penas Róias, terra de Miranda do Douro, *Arqueologia*, 3, Porto, pp. 43-48.
- ALMEIDA F., ANGEL LUCCI D., GAMEIRO C., COREIA J., PEREIRA T. 2004. Novos dados para o Paleolítico Superior final da Estremadura Portuguesa: Resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos de 1997-2003 no Lapa dos Coelho (Casias Martanes, Torres Novas). *Promontoria*, Ano 2, n.º 2, pp. 157-192.
- ALMEIDA, F., MAURICIO, J., SOUTO, P., VALENTE, M. J. 1999. Novas perspectivas para o estudo do Epipaleolítico do interior alentejano: notícia preliminar sobre a descoberta do sítio arqueológico da Barca do Xerez da Baixo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2-1, pp. 25-38.
- ALONSO, A. y GRIMAL, A. 1999. El arte levantino: una manifestación pictórica del epipaleolítico peninsular. *Cronología del Arte Rupestre Levantino. Serie Arqueológica* nº 17. Real Academia de Cultura Valenciana, pp. 43-76.
- ÁLVAREZ-SANCHÍS, J. R. 2003. *Los señores del ganado: Arqueología de los pueblos prerromanos en el occidente de Iberia*. Madrid: Ediciones Akal AKAL Arqueología 2.
- 2004. Etnias y fronteras: Bases arqueológica para el estudio de los pueblos prerromanos en el occidente de Iberia. In LOPES, M. C. VILAÇA, R., ed. — *O Passado em cena: Narrativas e fragmentos*. Coimbra Porto: CEAUCP, pp. 299-327.
- ALVES, F. M. 1938. *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança. Tomo X – Arqueologia, Etnografia e Arte*, Porto.
- ALVES, L. B. 2001. Rock art and enchanted moors: the significance of rock carvings in the folklore of north-west Iberia, in R. J. WALLIS and K. LYMER (eds.), *A Permeability of Boundaries? New Approaches to the Archaeology of Art, Religion and Folklore*, BAR International Series S936, Oxford, pp. 71-78.
- 2002. The architecture of the natural world: rock art in western Iberia, in C. SCARRE (ed.), *Monuments and Landscapes in Atlantic Europe. Perception and Society during the Neolithic and Early Bronze Age*, chapter 4, London and New York: Routledge, pp. 51-69.
- 2003. *The movement of signs. Post-glacial rock art in north-western Iberia*. (Tese de Doutoramento apresentada ao Dep. de Arqueologia da Universidade de Reading, Reino Unido) 2 vols. Policopiada.
- 2006. *IC-1 – Viana do Castelo/Caminha, Ligação a Caminha, Relatório técnico-científico da prospeção arqueológica entre Pks 1+800 e 2+300*. AMB&Veritas, Lda. Relatório dos trabalhos arqueológicos (IPA).
- ALTUNA, J. 1997. *L'art des cavernes en Pays Basque*. Seuil, 200. pp.
- ANATI, E. 1968. El arte rupestre galaico-português, *Simpósio Internacional de Arte Rupestre - Barcelona 1966*, Diputación provincial de Barcelona, Instituto de Prehistoria y Arqueología, Barcelona, pp. 195-256.
- ANDRADE, J. S. 1940. Vila Nova de Fozcoa. In CORDEIRO, J. Alcino (ed.), *Anuário da Região Duriense*, 1940, Imprensa do Douro, Régua, pp. 498-505.
- ANONYME. 2004. Renonciation par Guillaume Utalgar, vicomte de Castelnou, aux droits qu'il perçoit à

- Pezilla-la Rivière, au bénéfice de l'abbaye de Lagrasse (18 décembre 1003). *Perspectives. Les archives de l'Aude*, 19, p. 6.
- APELLANIZ CASTROVIEJO, J. M. 1982. *El arte prehistórico del Pais Vasco y sus vecinos*. Ed. Desclée de Brouwer, Bilbao, 227 pp.
- ARANDA, I. 2006. Cerámica ibérica [Em linha]. In *Contestania Ibérica: Guía arqueológica de los iberos contestanos*. [citado em 21 de Setembro de 2006]. Disponível em <<http://contestania.com/Ceramica%20iberica.htm>>.
- ARAÚJO, A. C. 2003. O Mesolítico inicial da Estremadura. En GONÇALVES, V. Ed: *Muita gente, poucas antas*. Trabalhos de Arqueologia, Lisboa: 101-113.
- ARGOTE, P. J. C. de 1734. *Memórias para a História Ecclesiástica do Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas*, tomo I, Lisboa Occidental.
- 1738. *De Antiquitatibus Conventus Bracaugustani*, Typis Silvanis, Ulyssipone Occidentali.
- ARIAS CABAL, P., CERRILLO CUENCA, E., GÓMEZ PELLÓN, E., e. p. A view from the edges: the Mesolithic settlement of the interior areas of the Iberian Peninsula reconsidered, MESO2005. Belfast.
- ARIAS CABAL, P., GONZÁLEZ SAINZ, C., MOURE ROMANILLO, A., ONTAÑÓN PEREDO, R., PEREDA SAINZ, E., SAURA, P. 1999. *La Garma. Un descenso al pasado*. Gobierno de Cantabria. Universidad de Cantabria.
- ARNAUD, J. M. 1982. Le néolithique ancien et le processus de néolithisation au Portugal. Le Néolithique ancien méditerranéen. *Archéologie en Languedoc*, n° spécial, pp. 29-48.
- AUBRY, T. 1998. Olga Grande 4: uma sequência do Paleolítico superior no planalto entre o Rio Côa e a Ribeira de Aguiar. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 1, n° 1, pp. 5-26.
- 2001. L'occupation de la basse vallée du Côa pendant le Paléolithique supérieur. En *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de la U.I.S.P.P.* pp. 253-273.
- 2002. Le contexte archéologique de l'art. Paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa. En D. Sacchi ed. *L'art. Paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image. Tautavel-Campôme*. pp. 139-157. pp. 25-38.
- AUBRY T., BAPTISTA, A. M. 2000. Une datation objective de l'art du Côa. *La Recherche*, Hors série n° 4, novembre 2000: 54-55.
- AUBRY, T. e CARVALHO, A. F. DE. 1998. O povoamento pré-histórico no Vale do Côa – Síntese dos trabalhos do P. A. V. C. (1995-1997), *Côavisão*, N.º 0, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp. 23-34.
- AUBRY, T., CARVALHO, A. F., ZILHÃO, J. 1997. Arqueologia. En: ZILHÃO, J. Ed. *Arte rupestre e Pré-História do vale do Côa*. Ministério da Cultura, Lisboa, pp. 77-209.
- AUBRY T., CHAUVIERE F. X., MANGADO LLACH X., SAMPAIO J. D. 2003. Constitution, territoires d'approvisionnement et fonction des sites du Paléolithique supérieur de la basse vallée du Côa. In: BAR S1122 2003: Perceived Landscapes and Built Environments *The cultural geography of Late Paleolithic Eurasia. Acts of the XIVth UISPP Congress, University of Liège, Belgium, 2-8 September 2001. Colloques / Symposia 6. 2 & 6. 5* edited by S. A. Vasil'ev, O. Soffer and J. Kozłowski, pp.
- AUBRY T., GARCÍA Díez M. 2001. Actualité sur la chronologie et l'interprétation de l'art de la vallée du Côa (Portugal). *Les Nouvelles de l'Archéologie*, n° 82: 52-57.
- AUBRY T., MANGADO-LLACH X. 2003 a. Interprétation de l'approvisionnement en matières premières siliceuses sur les sites du Paléolithique supérieur de la vallée du Côa (Portugal). In : *Actes de la table ronde d'Aurillac, "Les matières premières lithiques en Pré-histoire"*, 20-23/06/2002. Préhistoire du Sud-Ouest, Supplément n° 5, pp. 27-40.
- 2003b. Modalidades de aprovisionamento em matérias-primas líticas nos sítios do Paleolítico superior do Vale do Côa: dos dados à interpretação. In: *Paleoecologia Humana e Arqueociências, Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*. MATEUS, J. E. e MORENO-GARCÍA M. eds. *Trabalhos de Arqueologia* 29, pp. 340-342.
- AUBRY T., MANGADO LLACH X., FULLOLA, J. M., ROSSEL L., SAMPAIO J. D. 2004. The raw material procurement at the Upper Palaeolithic settlements of the Côa Valley (Portugal); new data concerning modes of resource exploitation in Iberia. *The Use of Living Space in Prehistory, papers from a session at the E. A. A. 6th Annual*.
- AUBRY T., MANGADO LLACH X., SELLAMI F., SAMPAIO J. D. 2002. Open-air Rock-art. Territories and modes of exploitation during the Upper Paleolithic in the Côa Valley (Portugal). *Antiquity* Vol. 76, n° 291, pp. 62-76.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- AUBRY, T. e J. SAMPAIO, J. D. 2003 a. O método das remontagens de vestígios líticos: aplicação ao nível de ocupação gravettense do sítio de Olga Grande 14 (Almendra, Vila Nova de Foz Côa)” in MATEUS, J. E. e MORENO-GARCÍA, M. (eds.), *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*, Lisboa, IPA [Trabalhos de Arqueologia, 19], pp. 327-330.
- 2003b. Remontagem de rochas termo-alteradas; um meio de reconstrução dos modos de funcionamento de estruturas de combustão no sítio de Olga grande 4 (Almendra, Vila Nova de Foz Côa), In: *Paleoecologia Humana e Arqueociências, Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*. MATEUS, J. E. e MORENO-GARCÍA M. eds. *Trabalhos de arqueologia* 29, pp. 331-335.
- AUBRY T., ZILHÃO J., ALMEIDA F. e. p. A propos de la variabilité technique et culturelle de l'entité gravettienne au Portugal: bilan des dernières découvertes et perspectives de recherche. Actes de la Table Ronde: «Entités régionales d'une paléoculture européenne: Le Gravettien». Les Eyzies-de-Tayac, juin 2005. Supplément à Paleo.
- AUJOLAT, N. 1993. La perspective. En “*L'Art Pariétal Paléolithique. Techniques et méthodes d'étude*”. *Documents Préhistoriques*, 5. Paris. pp. 281-288.
- AURA, J. E. 1995. *El Magdaleniense mediterráneo: la Cova del Parpalló (Gandía, Valencia)*. Trabajos Varios del S. I. P., 91. Valencia.
- BACHILLER GIL, J. A. 2004. Aportación al estudio del arte rupestre postpaleolítico: La piedra de los Siete Infantes de Lara (Cortos, Soria), *Celtiberia*, núm. 98, pp. 285-297, Soria.
- BAHN, P. G. 1985. Ice Age drawing on open rock faces in the Pyrenees, *Nature* vol. 313, n° 6003, pp. 530-531.
- 1992. Open air rock art in the Palaeolithic. En M. Lorblanchet Ed. *Rock Art in the Old World*. New Delhi. pp. 395-400.
- 1994. Lascaux: composition or accumulation? *Zephyrus XLVII*. pp. 3-13.
- 1995. Cave art without the caves. *Antiquity*, n° 69. pp. 231-237.
- BAHN, P. G., VERTUT, J. 1988. *Images of the Ice Age*. Windward. London.
- BALBÍN, R. de 1975. *Contribución al estudio del arte rupestre del Sahara español*. T. Doctoral extracto, Univ. Complutense, 39, pp. 1975.
- 1989a. El arte megalítico y esquemático del Cantábrico, en M. R. GONZÁLEZ MORALES (ed.): *Cien años después de Sautuola*, pp. 15-96, Santander.
- 1989b. Reflexiones en torno al Arte Levantino. *Rev. Arqueología*, n° 104, Diciembre 1989, pp. 6-7.
- 1989. L'Art de la grotte de Tito Bustillo (Ribadesella, Espagne). Une vision de Synthèse. *Rev. L'Anthropologie*. T. 93-2. París. pp. 435-462.
- 1995. L'art paléolithique à l'air libre de la vallée du Douro. *Archéologia*, n° 313, Junio. pp. 34-41.
- 2002. Estado actual de la investigación del Arte Paleolítico en Guadalajara. *Actas del Primer Simposio de Arqueología de Guadalajara*. T. I. pp. 187-228.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J. 1992a. La grotte de Los Casares et l'Art Paléolithique de la Meseta espagnole. *Rev. L'Anthropologie*. T. 96, 2-3. París. pp. 397-452.
- 1992b. Los Casares. En *El Nacimiento del Arte Europa. Catalogo de la Exposición de la Unión Latina*. París. pp. 311-314.
- 1994. Arte Paleolítico de la Meseta española. *Complutum*, 5. Madrid. pp. 97-138.
- 1999. Vie quotidienne et vie religieuse. Les sanctuaires dans l'Art Paléolithique. *Rev. de l'Anthropologie*, T. 103. París pp. 23-49.
- 2001. L'Art Paléolithique en plein air dans la Péninsule Ibérique: quelques précision sur son contenu, chronologie et signification. En *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commision VIII de la U.I.S.P.P.* pp. 205-236.
- 2002. L'art rupestre paléolithique de l'intérieur péninsulaire ibérique: une revision chronoculturelle d'ensemble. In: *Actes du Colloque "L'art Paléolithique à l'air libre: le Paysage modifié par l'image"*, 07-09/10/1999. Coord. D. Sacchi, pp. 139-157.
- 2005a. Testigos del frío. La fauna en el Arte Rupestre Paleolítico del interior peninsular. En M. Santonja, A. Pérez-González y M. J. Machado eds. *Geoarqueología y Patrimonio en la Península Ibérica y el entorno mediterráneo*. ADEMA. Soria 2005, pp. 547-566.
- 2005b. Espace d'habitation, espace d'enterrement, espace graphique. Les coïncidences et les divergentes dans l'Art Paléolithique de la Corniche Cantabrique.». En D. VIALOU, J. RENAULT-MISKOVSKY y M. PATOU-MATHIS Dirs. *Comportements des hommes du Paléolithique moyen et supérieur en Europe. Territoires et milieux*. Eraul 111. pp. 193-206.

- . 2006. Arte paleolítico en los confines de Europa: cuevas y aire libre en el sur de la Península Ibérica. *IV Simposio de Prehistoria Cueva de Nerja. La cuenca mediterránea durante el Paleolítico Superior. 38.000-10.000 años. Fundación Cueva de Nerja-UISPP*. pp. 118-136.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., GONZÁLEZ PEREDA, M. A. 2003. El macizo de Ardines, Ribadesella, España. Un lugar mayor del arte paleolítico europeo. En: R. DE BALBÍN Y P. BUENO Eds: *El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI. Ribadesella 2003*. pp. 91-152.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., GONZÁLEZ, M. A., MOURE, J. A. 2002. Recherches dans le massif d'Ardines: nouvelles galeries ornées de la grotte de Tito Bustillo. *L'Anthropologie*, 106, pp. 565-602.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., MOURE, A., GONZÁLEZ, M. 2000. Le Massif d'Ardines (Ribadesella. Les Asturies). Nouveaux travaux de prospection archéologique et de documentation artistique. *L'Anthropologie*, 104. París; pp. 383-414.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., MORENO, F., CRUZ, L. A. 1995. Investigaciones arqueológicas en la cueva de La Hoz (Sta. María del Espino, Guadalajara). Una visión de conjunto actualizada. En R. DE BALBÍN, J. VALIENTE y M. MUSSAT Coord. "Arqueología en Guadalajara". *Patrimonio Histórico-Arqueología Castilla-La Mancha*. pp. 37-53.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., SANTONJA, M. 1994. Siega Verde y el arte rupestre paleolítico al aire libre. *VI Coloquio Hispano-Ruso de Historia. Madrid*. pp. 5-19.
- . 1995. El yacimiento rupestre paleolítico al aire libre de Siega Verde (Salamanca, España): una visión de conjunto. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (3). Porto. pp. 73-102.
- . 1996a. Siega Verde. Un art rupestre à l'air libre dans la vallée du Douro. *Dossiers d'Archéologie*, n° 209. Diciembre 1995-enero 1996. Dijon. pp. 98-105.
- . 1996b. Arte Rupestre Paleolítico al aire libre en la cuenca del Duero: Siega Verde y Foz Côa. *Fundación Rei Afonso Henriques, Serie monografias y estudios. Zamora*.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., SANTONJA, M., PÉREZ, R. 1991. Siega Verde (Salamanca). Yacimiento artístico paleolítico al aire libre. En "Del Paleolítico a la Historia". *Museo de Salamanca. Salamanca*. pp. 33-48.
- BALBÍN, R. DE y BUENO, P. 1994. Arte Postpaleolítico en Castilla-La Mancha. En: *La Edad del Bronce en Castilla-La Mancha. Simposio 1990. Diputación Provincial de Toledo*. pp. 87-110.
- . 2000. El análisis del contexto en el arte prehistórico de la Península Ibérica. La diversidad de las asociaciones. *Arkeos*, 10. pp. 91-128.
- BALBÍN, R. DE, BUENO, P., ALCOLEA, J. J. 1995. Carta. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 35 (4), pp. 872-873.
- BALBÍN, R. DE, BUENO, P., JIMÉNEZ, P., ALCOLEA, J. J., FERNANDEZ, J. A., PINO, E., REDONDO, J. C. El yacimiento de Rillo de Gallo (Guadalajara) *Wad-Al-Hayara*, n° 16, 1989, pp. 31-73.
- . 1989b. El abrigo rupestre del Llano, Rillo de Gallo. Molina de Aragón. *XIX Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza. 1989. vol. II; pp. 179-194.
- BALBÍN, R. DE, MOURE, J. A. 1981a. La "Galería de los Caballos" de la cueva de Tito Bustillo. *Altamira Symposium. Madrid-Asturias-Santander 1979. Ministerio de Cultura*. pp. 85-117.
- . 1981b. Las pinturas y grabados de la cueva de Tito Bustillo: El Sector Oriental. *Studia Archaeologica*, 66. Valladolid.
- . 1982. El panel principal de la cueva de Tito Bustillo (Ribadesella, Asturias). *Ars Praehistorica*, t. I, pp. 47-97.
- . 1988. El Arte Rupestre de Domingo García (Segovia). *Revista de Arqueología*, N.º 87, Julio. pp. 16-24.
- BALBÍN, R. DE, MOURE, J. A., RIPOLL, E. 1982. Grabados esquemáticos de la comarca de Santa María de Nieva (Segovia). *Coloquio Internacional sobre Arte Rupestre Esquemático de la Península Ibérica. Resumen de Comunicaciones. Salamanca*. pp. 8-9.
- BALBÍN, R. DE, SANTONJA, M. 1992. Siega Verde (Salamanca). En *El Nacimiento del Arte Europa. Catálogo de la Exposición de la Unión Latina*. París. pp. 250-252.
- BALDELLOU, V. UTRILLA, P. 1999. Arte rupestre y cultura material en Aragón: presencias y ausencias, convergencias y divergencias. *Bolskan*, 16, pp. 21-37.
- BAPTISTA, A. M. 1980. Introdução ao estudo da arte pré-histórica do noroeste peninsular. 1. As gravuras rupestres do Gião. *Minia*. 2.ª série 3 (4), Braga, pp. 80-100.
- . 1981. A rocha F-155 e a origem da Arte do vale do Tejo. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. *Monografias Arqueológicas 1. Porto*.
- . 1981b. O complexo de arte rupestre da Bouça do Colado (Parada, Lindoso). *Notícia preliminar, Giesta 1 (4)*, Braga, pp. 6-16.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- 1983. O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia*. Porto. 8, pp. 57-69.
- 1983-84. Arte rupestre do norte de Portugal: uma perspectiva. *Portugália*. Porto. Nova série: 4-5 *Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste*, Novembro de 1983, pp. 71-82.
- 1985. A estátua-menir da Ermida (Ponte da Barca, Portugal), *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 3, Lisboa, pp. 7-44.
- 1986. Arte rupestre pós-glaciária: Esquematismo e abstracção. In ALARCÃO, J., ed. *História da Arte em Portugal*. 1. Lisboa: Editorial Alfa, pp. 31-55.
- 1997. Arte megalítica no planalto de Castro Laboreiro, *Brigantium*, 10, A Coruña, pp. 191-216.
- 1998. A arte do Côa e Alto-Douro e o Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART). In LIMA, A.C.P.S., ed. *Terras do Côa: da Malcata ao Reboredo: os valores do Côa*. Maia: Estrela-Côa, pp. 196-201.
- 1999a. *No tempo sen tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do vale do Côa*. Centro Nacional de Arte rupestre. Vila Nova de Foz Côa.
- 1999b. O ciclo quaternário do Vale do Côa. Copm algumas considerações do metodo sobre estilos, valoração estética e crono-estratigrafia figurativa. *Arkeos*. Tomar, 6:2m, pp. 197-277.
- 2000. Procés de Foz Côa (Portugal). *Història i arqueologia*, *Cota Zero*, 16, Dezembro 2000, Barcelona, pp. 96-110.
- 2001. Novas descobertas de arte paleolítica de aire libre no Alto Sabor (Tras-os-Montes, Portugal). *Site www.ipa.min-cultura.pt*, 3 págs.
- 2001a. The Quaternary Roc Arte of the Côa Valley (Portugal). In *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de la U.I.S.P.P.* pp. 237-252.
- 2001b. Ocreza (Envendos, Maçao, Portugal central): um novo sítio com arte paleolítica de ar livre. *Arkeos: perspectivas em diálogo*, N° 11, 2001, pags. 163-192.
- 2002. Nuevos descubrimientos de Arte Paleolítico al aire libre en el río Sabor (Norte de Portugal). In *Libro Guía del Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella*, 2002, pp. 57-58.
- 2003. A fauna plistocénica na arte rupestre do Vale do Côa. *Tribuna da Natureza*. Porto. 13, pp. 14-20.
- 2004a. A Arte Proto-Histórica no Vale do Côa. *Comunicação apresentada nas 2.ªs Jornadas de Património da Beira Interior: Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia, na Guarda, a 21 de Outubro, e não publicada nas respectivas actas*.
- 2004b. Arte paleolítica de ar livre no rio Zêzere (Barroca, Fundao). *Eburóbriga, Fundao*, N.º 1, Primavera/verao, pp. 9-16.
- BAPTISTA, A. M., GARCÍA, M. 2002. L'Art Paléolithique dans la vallée du Côa (Portugal). La symbolique dans l'organisation d'un sanctuaire de plein air. In D. SACCHI ed. *L'art. Paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image*. Tautavel-Campôme, 7-9 octobre 1999. pp. 187-205.
- BAPTISTA, A. M., GOMES, M. V. 1995. Arte rupestre do Vale do Côa. 1. Canada do Inferno. Primeiras impressões. *Dossier Côa*. pp. 349-422.
- 1997. Arte Rupestre. In J. ZILHAO Coord. *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Ministerio de Cultura. Lisboa. pp. 211-406.
- BAPTISTA, A. M., MARTINS, M. M., SERRAO, E. da C. 1978. Felskunst im Tejo-Tal. Sao Simao (Nisa, Portalegre) Portugal. *Madri der Mitteilungen* 19, pp. 89-11. 29 taf.
- BAPTISTA, A. M., REIS, M., 2006. *Prospecção da arte rupestre na Foz do Côa: Do Paleolítico à Idade do Ferro. Comunicação apresentada no III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Debates no Vale do Côa, em Pinhel, a 20 de Maio*.
- En prensa. *Prospecção da Arte Rupestre na Foz do Côa: da iconografia do Paleolítico superior à do nosso tempo, com passagem pela IIª Idade do Ferro*, In *III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior (Vila Nova de Foz Côa, 15 a 20 de Maio de 2006)*.
- BAPTISTA A. M., SANTOS A. T., CORREIA D. 2006. Da ambiguidade das margens na Grande Arte de ar livre no Vale do Côa. Reflexões em torno da organização espacial do santuário Gravetto-Solutrense na estação da Penascosa/Quinta da Barca. *Côavisão, Cultura e Ciência*, nº 8, pp. 156-184.
- BARANDIARAN, I. 1972a. *Arte Mueble del Paleolítico Cantábrico*. Monografias arqueológicas. Universidad de Zaragoza. 369 pp.
- 1972b. Algunas convenciones de representación en las figuras animales del Arte Paleolítico. *Santander Symposium. Santander-Asturias 1970. Santander-Madrid*. pp. 345- 381.
- BARRETT, J. C. 1999. The Mythical Landscapes of the British Iron Age. In ASHMORE, W. KNAPP, A. B., ed.

- Archaeologies of Landscape: Contemporary Perspectives*. Massachusetts Oxford: Blackwell Publishers, pp. 253-265.
- BÉCARES, J. 1974. Nuevas pinturas rupestres en Las Batuecas: El covacho del Pallón, *Zephyrus*, XXV, pp. 281-294, Salamanca.
- 1983. Hacia nuevas técnicas de trabajo en el estudio de la pintura rupestre esquemática, *Zephyrus*, XXXVI, p. 137-148, Salamanca.
- 1991. La pintura rupestre esquemática en la provincia de Salamanca, *Del Paleolítico a la Historia*, Museo de Salamanca, pp. 61-79.
- BEDNARIK, R. G. 1995 a. More news from Hell's Canyon. Portugal. *AURA Newsletter*, 12, pp. 7-8.
- 1995b. Côa Valley rock art analytical research program. *Internal report to Electricidade de Portugal*.
- 1995c. The Côa petroglyphs: an obituary to the stylistic dating of Palaeolithic rock-art. *Antiquity* 69, pp. 877-882.
- 1997a. The Côa petroglyphs : an obituary to the stylistic dating of Palaeolithic rock-art. En: ZILHÃO, J. Ed. *Arte rupestre e Pré-História do vale do Côa*. Ministério da Cultura, Lisboa, pp. 411-416.
- 1997b. European Art: the Palaeolithic Legacy? *Cambridge Archaeological Journal* 7:2 (1997). pp. 255-68.
- BÉGOUËN, H., BREUIL, H. 1958. *Les cavernes du Volp, Trois Frères-Tuc d'Audoubert*. Arts et Métiers Graphiques ed., Paris, 124 pp.
- BELLO DIÉGUEZ, J. M. 1994. Grabados, pinturas e ídolos en Dombate (Cabanas, A Coruña). Grupo de Viseu o Grupo Noroccidental? Aspectos taxonómico y cronológicos, in D. CRUZ (coord.) *O Megalitismo no Centro de Portugal*. *Actas do Seminário*. Estudos Pré-históricos, Vol. II, CEPBA, Viseu, pp. 287-304.
- 1995. Arquitectura, arte parietal y manifestaciones escultóricas en el Megalitismo noroccidental, in F. P. LOSADA and L. CASTRO PÉREZ (eds.), *Arqueoloxía e arte na Galicia Prehistórica e Romana*, Monografías 7, Museu Arqueolóxico e Histórico de A Coruña, A Coruña, pp. 29-98.
- 2003. Un siglo de arte megalítico en Galicia, in R. DE BALBÍN BEHRMANN e P. BUENO RAMIREZ (eds.), *El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI. Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella*, Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, Ribadesella, pp. 341-350.
- BELTRÁN, A. 1986. Megalitismo y arte rupestre esquemático: problemas y planteamientos. *Actas de la Mesa Redonda sobre Megalitismo peninsular*. Madrid, pp. 21-32.
- 1989a. Perduración en el arte prehistórico del “estilo paleolítico” durante el Mesolítico y los posibles enlaces: el “levantino”. *Almazor. Revista de Cultura*, nº 7: 125-166.
- 1989b. Crónica da reunião e conclusões. *Almazor. Revista de Cultura*, nº 7:303-306.
- 1989c. *El arte rupestre aragonés. Aportaciones de las pinturas prehistóricas de Albalate del Arzobispo y Estadilla*, Iber-Caja, Zaragoza.
- 1989d. *Ensayo sobre el origen y significación del arte prehistórico*, Universidad de Zaragoza, Col. “Ciencias Sociales”, 12, Zaragoza.
- 1989e. *Los parques culturales y el arte rupestre en Aragón*, Diputación General de Aragón, Zaragoza.
- 1996. La datación de los grabados de Foz do Côa, en Portugal y la importancia del yacimiento: síntesis de una polemica y planteamientos. In MACIEL, M. JUSTINO (coord.), *Miscellania de homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*, Edições Colibri, Lisboa, pp. 45-54.
- BENDER, B. 1993. Introduction. Landscape – Meaning and Action, in B. BENDER (ed.), *Landscape, Politics and Perspectives*, Berg, New York/Oxford, pp. 1-17
- BENITO DEL REY, L., GRANDE DEL BRÍO, R. 1992. *Santuarios Rupestres Prehistóricos en las provincias de Zamora y Salamanca*, Gráficas Cervantes, Salamanca.
- 1993. Estaciones de grabados rupestre en la comarca cacereña de las Hurdes. *Zephyrus*, vol. XLVI, pp. 215-225.
- 1995. *Petroglifos prehistóricos en la comarca cacereña de las Hurdes*. Ed. Librería Cervantes, Salamanca. 89 págs.
- 2000. *Santuarios rupestres prehistóricos en el centro-oeste de España*, Librería Cervantes, Salamanca.
- 2002. Art Rupestre dans la Grotte du Parpalló (Gandía, Valencia). *Inora* 33, pp. 7-11. Foix.
- BERGMANN, L. 1995. Nuevas cuevas con pinturas rupestres en el término municipal de Tarifa. III Jornadas de Historia del Campo de Gibraltar, Octubre de 1994. Almoraima. *Revista de Estudios Campogibraltareros*, 13: 51-61. Edita Mancomunidad de Municipios del Campo de Gibraltar. Cádiz.
- 1996a. Los grabados paleolíticos de la cueva del Moro (Tarifa, Cádiz): el arte rupestre del paleolítico

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- más meridional de Europa. *Almoraima. Revista de Estudios Campogibaltareños*, 16: 9-26. Edita Mancomunidad de Municipios del Campo de Gibraltar. Cádiz.
- 1996b. La Cueva del Moro (Tarifa). El arte paleolítico más meridional de Europa. *Aljaranda*, 21: 9-11. Ed. Ayuntamiento de Tarifa.
- BERGMANN, L., CARRERAS, A. M., GOMAR, A. M., RUIZ, A. En prensa. La fauna gaditana en el arte sureño. *III Jornadas de Historia Natural de Cádiz*. 2006.
- BERNALDO DE QUIRÓS, F. 1994. Reflexiones en la cueva de Altamira, *Monografías*, nº 17, Museo y Centro de Investigación de Altamira, pp. 261-267.
- BERNALDO DE QUIRÓS, F., NEIRA, A. 1991. Le Paléolithique supérieur dans le Bassin du Duero. En M. OTTE Ed. "Le Paléolithique supérieur européen. Bilan quinquennal. Etudes et Recherches Archéologiques de l'Université de Liège. Liège. pp. 281-283.
- BERNALDO DE QUIRÓS, F., NEIRA CAMPOS, A., FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, C. 1996. Panorama del Paleolítico Superior y Epipaleolítico en el Norte de la cuenca del Duero. R. DE BALBÍN BEHRMANN, P. BUENO RAMÍREZ, eds: *II Congreso de Arqueología Peninsular, T. I. Paleolítico y Epipaleolítico*. Zamora: 367-382.
- BETTENCOURT, A. M. S., REBLO, T. M. H. 1988/89. Monumentos megalíticos da Serra do Arestal (Sever do Vouga-Vale de Cambra). Inventário preliminar, *Portugália*, nova série, Porto IX-X, pp. 7-30.
- BETTENCOURT, A. M. S., SANCHES, M. J. 1998. Algumas questões sobre a Idade do Bronze do Norte de Portugal, in R. FÁBREGAS VALCARCE (ed.), *A Idade do Bronze en Galicia. Novas perspectivas*. Cadernos do Seminário de Sargadelos 77. Edicions do Castro, A Coruña, pp. 13-45.
- BICHO, N. 2000. Technological change in the final upper Paleolithic of Rio Maior, Tomar, *Arkeos* 8, Thèse de Doctorat de la Southern Methodist University soutenue en 1992 (Dallas, U.S.A.).
- BICHO, N., STINER, M., LINDLY, J., FERRING, C. R. 2003. O Mesolítico e o Neolítico antigo da costa algarvia. GONÇALVES, V. ed: *Muita gente, poucas antas. Trabalhos de Arqueologia*, 23. Lisboa:15-22.
- BLAS CORTINA, M. A. de 1997. El arte megalítico en el territorio Cantábrico: un fenómeno entre la nitidez y la ambigüedad, *Brigantium* 10, A Coruña, pp. 69-89.
- BOSCH-GIMPERA, P. 1954. La Edad del Bronce en la Península Ibérica, *Archivo Español de Arqueología*, vol. XXVIII, nº 89-90, Madrid, pp. 45-92.
- BOVEDA, M. J., CAÑIZO, J. A., VILASECO, X. I. 2000. Places to Engrave, Places to Die: Rock Art and Burial Cists of the Bronze Age in the North-west Iberian Peninsula. In NASH, G., ed. *Signifying Place and Space: World Perspectives of Rock Art and Landscape*. Oxford: Archeopress, pp. 49-57.
- BOURDIEU, P. 2002. *Esboço de uma teoria da prática – Precedido de Três Estudos de Etnologia Cabila*, Oeiras, Celta Editora.
- BRADLEY, R. 1997. *Rock art and the Prehistory of Atlantic Europe. Signing and the land*. Routledge.
- 1990. *The Passage of Arms: an archaeological analysis of prehistoric hoards and votive deposits*, Cambridge University Press, Cambridge.
- 1997. *Rock art and the Prehistory of Atlantic Europe. Signing the Land*, Routledge, London/New York.
- 1998. *The significance of monuments. On shaping the human experience in Neolithic and Bronze Age Europe*. Routledge, London/New York.
- 2000. *An Archaeology of Natural Places*. Routledge, London/New York.
- 2002. Access, style and imagery: the audience for prehistoric rock art in Atlantic Spain and Portugal, 4000-2000 BC, *Oxford Journal of Archaeology*, 21, Oxford, pp. 231-247.
- BRADLEY, R.-CRIADO, F., FÁBREGAS, R. 1993-1994. Petroglifos en el paisaje: nuevas perspectivas sobre el arte rupestre gallego, *Minius*, II-III, Ourense, pp. 17-28.
- 1994. Los petroglifos como forma de apropiación del espacio: alguns ejemplos gallegos, *Trabajos de Prehistoria*, 51 (2), Madrid, pp. 159-168.
- 1994-95. Arte rupestre y paisaje prehistórico en Galicia: resultados del trabajo de campo entre 1992 y 1994, *Castrelos*, 7-8, pp. 67-95.
- 1995. Rock art and the prehistoric landscape of Galicia. *Proceedings of the Prehistoric Society*, 61:341-370.
- BRADLEY, R., FÁBREGAS, R. 1996. Petroglifos Gallegos y Arte Esquemático : una propuesta de trabajo: *Complutum Extra*, 6 (II), pp. 103-110.
- 1998. Crossing the border: contrasting styles of rock art in the Prehistory of north-west Iberia, *Oxford Journal of Archaeology*, 17 (3), Oxford, pp. 287-308.
- 1999. La "Ley de Frontera": grupos rupestres Galaico y Esquemático y Prehistoria del Noroeste de la Península Ibérica, *Trabajos de Prehistoria*, 56, nº 1, Madrid, pp. 103-114.

- BRADLEY, R., FÁBREGAS, R., VALCARCE, R., ALVES, L. B., VILASECO VÁZQUEZ, X. I. 2005. El Pedroso – A prehistoric cave in Castille, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 7, Porto, pp. 125-156.
- BRANDÃO, D. de P. 1959-60. Ara dedicada a Júpiter na Igreja de Vila Nova de Fozcoa. *Humanitas*. Coimbra. 11-12, pp. 66-70.
- 1961. Insulturas do Monte de Eiró, Penha-Longa (Marco de Canaveses), *Lucerna*, vol. 1(2), pp. 45-58.
- BREUIL, H. 1921. Nouvelles cavernes ornées paleolithiques dans la province de Málaga. *L'Anthropologie*, Vol. 31: 239-253. París.
- 1933-1935: *Les peintures rupestres schématiques de la Peninsule Ibérique*, Lagny.
- 1934. Presidential address, *Proceedings of the Prehistoric Society of East Anglia*, 7, pp. 289-322.
- 1960. Les roches peintes paléolithiques de l'Espagne orientale. *Documentos preparatorios de la sesión Burg Warstenstein*.
- 1974. *Quatre cents siècles d'Art Pariétal*. Editions Max Fourny. París.
- BREUIL, H., BURKITT, M. C. 1929. *Rock Paintings of Southern Andalusia. A description of a Neolithic and Copper Age Art Group*. Clarendon Press, Oxford, XII, 88 págs., 54 figs. y XXXIII láms.
- BREUIL, H., OBERMAIER, H., VERNER, W. 1915. *La Pileta a Benaolán (Málaga)*. Institut de Paleontologie Humaine, Fondation Albert, I Prince de Monaco, Mónaco, 1915.
- BRITO, J. P. DE. 1992. Tesouros: o passado, o presente e o risco de desordem, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXXII (1-4), Porto, 47-70.
- BRÜCK, J. 2005. Experiencing the past? The development of a phenomenological archaeology in British prehistory, *Archaeological Dialogues*, 12 (1), Cambridge University Press, pp. 45-72.
- BUENO RAMÍREZ, P. 2000. El espacio de la muerte en los grupos neolíticos y calcolíticos de la Extremadura española. *Extremadura Arqueológica*, VIII. El Megalitismo en Extremadura. Homenaje a E. Dieguez: 35-80.
- BUENO, P., BALBÍN, R. de. 1992. L'art mégalithique dans la Péninsule Ibérique. Une vue d'ensemble. *L'Anthropologie*, París, t. 96, n°s 2-3; pp. 499-572.
- 1998. The origin of the megalithic decorative system :graphics versus architecture. *Journal of Iberian Archaeology*, vol. O. Porto: 53-68.
- 2000a. Art mégalithiques art en plein air. Approches de la définition du territoire pour les groupes producteurs de la Péninsule Ibérique. *L'Anthropologie*, 104. París : 427-458.
- 2000b. La grafía megalítica como factor para la definición del territorio. *Arkeos*, 10. pp. 129-178.
- 2000c. Arte megalítico en la Extremadura española. Homenaje a Elías Diéguez Luengo. *Extremadura Arqueológica*, VIII: El Megalitismo en Extremadura: 345-379.
- 2001. Le sacré et le profane: notes pour l'interprétation des graphies préhistoriques péninsulaires. *Revue Archéologique de l'Ouest, supplé. N° 9*. pp. 141-148.
- 2002. L'Art mégalithique péninsulaire et l'art mégalithique de la façade atlantique: un modèle de capillarité appliqué à 'art post-paléolithique européen, *L'Anthropologie*, t. 106, París, pp. 603-646.
- 2003a. Una geografía cultural del arte megalítico ibérico: las supuestas áreas marginales". In: BALBÍN, R. DE BUENO, P., Eds. *Primer Symposium internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella. El arte prehistórico desde los inicios del siglo XXI*. Ribadesella: 291-313.
- 2003b. Grafías y territorios megalíticos en Extremadura. Muita gente, poucas antas? Orígens, espaços e contextos do megalitismo. *Trabalhos de Arqueología*, 25. Lisboa: 407-448
- 2006a. Between power and mythology: evidence of social inequality and hierarchisation in Iberian megalithic art. En P. DIAZ DEL RÍO y L. GARCÍA SAN JUAN eds.: *Social Inequality in Iberian Late Prehistory*. Bar International Series, XXX.
- 2006b. Arte megalítico en la Península Ibérica: contextos materiales y simbólicos para el arte esquemático. En J. MARTÍNEZ GARCÍA y M. HERNÁNDEZ PÉREZ eds.: *Arte rupestre Esquemático en la Península Ibérica. Comarca de Los Vélez*. 2006, 57-84.
- 2006c. Arte parietal megalítico en la Península Ibérica. En F. CARRERA RAMIREZ y R. FÁBREGAS VALCARCE: *Arte Parietal Megalítico en el Noroeste peninsular. Conocimiento y conservación*. Santiago de Compostela: 153-212.
- 2006d. Cervidés et serpents dans la mythologie funéraire du mégalithisme ibérique. *Anthropozoologica*, 41: 85-102.
- BUENO, P., BALBÍN, R. de, ALCOLEA, J. J. 2003. Prehistoria del lenguaje en las sociedades cazadoras y productoras del sur de Europa. En: R. DE BALBÍN y P.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- BUENO Eds: *El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI*. Ribadesella 2003. pp. 13-22.
- BUENO, P., BALBÍN, R. DE, BARROSO. 2004a. Application d'une méthode d'analyse du territoire à partir de la situation des marqueurs graphiques à l'intérieur de la Péninsule Ibérique: le Tago International. *L'Anthropologie* 108, pp. 653-710.
- 2004b. Arte Megalítico en Andalucía: una propuesta para su valoración global en el ámbito de las grafías de los pueblos productores del Sur de Europa. *Mainake*, XXVI. Málaga, 29-62.
- 2005a. *El dolmen de Azután (Toledo) Areas de habitación y áreas funerarias en la cuenca interior del Tajo*. UAH. Diputación de Toledo. Monografías 02.
- 2005b. Hierarchisation et métallurgie. Les statues armées de la Péninsule Ibérique. *L'Anthropologie*, 109. París, 577-640.
- BUENO, P., BALBÍN, R. DE, BARROSO, R., ALDECOA, A., CASADO, A. 2000. Arte megalítico en el Tajo: los dólmenes de Alcántara. Cáceres. España. *Pré-historia Recente da Península Ibérica*. Porto: 481-496, VI láms.
- BUENO, P., BALBÍN, R. DE, BARROSO, R., ALDECOA, A., VILLA, R., MORALEDA, A. 1999a. *El dolmen de Navalcán. El poblamiento megalítico en el Guadyybas*. Diputación de Toledo. 136 p.
- BUENO, P., BALBÍN, R. DE, BARROSO, R., ALDECOA, A., CASADO, A. GILES, F., GUTIÉRREZ, J. M. CARRERA, F., 1999b. Estudios de arte megalítico en la necrópolis de Alberite. *Papeles de Historia*. Ubrique, 4: 35-60.
- BUENO, P., BALBÍN, R. de., DÍAZ-ANDREU, M., ALDECOA, A. 1998. Espacio habitacional/espacio gráfico. Grabados al aire libre en el término de la Hinojosa (Cuenca). *Trabajos de Prehistoria* 55 (1): 101-120.
- BUENO, P., BARROSO, R., BALBÍN, R. DE., CARRERA, F. 2006. *Megalitos y marcadores gráficos en el Tajo Internacional: Santiago de Alcántara (Cáceres)*. Ayuntamiento de Santiago de Alcántara.
- BUENO RAMÍREZ, P., BARROSO BERMEJO, R., JIMÉNEZ SANZ, P. 2002. Culturas productoras, culturas metalúrgicas y grafías en la provincia de Guadalajara. Una revisión historiográfica. *Actas del Primer Simposio de Arqueología de Guadalajara*. Guadalajara, 2002; pp. 47-64.
- BUENO, P., JIMÉNEZ, P., BARROSO, R. 1995. Prehistoria Reciente en el Noreste de Guadalajara. *Arqueología en Guadalajara*. Toledo, 1995; pp. 72-95.
- CABRAL, A. A. D. 1963. *História da cidade de Calábria em Almendra (Subsídios)*. Porto: Casa da Beira Alta.
- CABRÉ ACUILÓ, J. 1912-1916. *Catálogo arqueológico, histórico, artístico y monumental de la provincia de Soria*, "II: Neolítico y Edad del Cobre". (Inédito).
- 1915. *El arte rupestre en España*, Memorias de la Comisión de Investigaciones Prehistóricas y Paleontológicas, 1, Madrid.
- 1934. Las cuevas de los Casares y de la Hoz. *Archivo Español de Arte y Arqueología*, nº 30. pp. 225-254.
- 1941. Pinturas y grabados rupestres, esquemáticos, de las provincias de Segovia y Soria, *Archivo Español de Arqueología*, XLIII, pp. 316-344, Madrid.
- CACHO, C., PÉREZ, S. 1997. El Magdaleniense de la Meseta y sus relaciones con el Mediterráneo Español: El abrigo de Buendía (Cuenca). En *El Món Mediterrani després del Pleniglacial (18.000-12.000 BP)*. Col. loqui. Banyoles. pp. 263-274.
- CACHO, C., RIPOLL, S. 1987. Nuevas piezas de arte mueble en el Mediterráneo Español. *Trabajos de Prehistoria*, 44: 35-62.
- CACHO, C., RIPOLL, S., MUNICIO, L. 2001. L'art mobilier d'Estebanvela (Segovia, Espagne). En *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commision VIII de la U.I.S.P.P.* pp. 263-278.
- CACHO, C., RIPOLL, S., JORDÁ, J. F., MUÑOZ, F., YRAVEDRA, J., MAICAS, R. 2003. El registro arqueológico del Pleistoceno Superior Final en el abrigo de la Peña de Estebanvela (S. de la cuenca del Duero, Segovia, España). *XI Reunión nacional de Cuaternario, Oviedo, 2003, AEQUA*, pp. 191-198.
- CALADO, M. 1997. Cromlechs alentejanos e a arte megalítica. *Brigantium*, 10. La Coruña, 289-297.
- 2004a. *Menires do Alentejo Central genese e evolução da paisagem megalítica regional*. Tesis doctoral. Lisboa.
- 2004b. Entre o ceu e a Terra. Menires e arte rupestre no Alentejo Central. *Sinais da pedra*. Cd. Rom.
- CALADO, M., ROCHA, L. 2004. Relatorio da escavação do povoado pré-histórico de Aguas Frias-Rosario. Campanha 1. Recogido en M. Calado, *Menires do Alentejo Central*. Tesis Doctoral. Universidad de Lisboa.
- CALADO, D., NIETO, J. M., NOCETE, F. 2004. Menires, símbolos e organização social. O extremos SW peninsular. *Sinais da Pedra*. Cdrom.

- CANINAS, J., HENRIQUES, F., BATATA, C., BATISTA, A. 2004. Novos dados sobre a Pré-história Recente da Beira interior Sul. Megalitismo e arte rupestre no concelho de Oleiros. *Estudos "Castelo Branco"*, nova serie, nº 3. pp. 3-30.
- CANTALEJO, P. La cueva de Malalmuerzo (Moclín, Granada): nueva estación con arte rupestre paleolítico en el área mediterránea. *Antropología y Paleoeología Humana*, 3: 59-99. Granada.
- CÁMARZ POZA, A. 1997. Por las sendas pinariegas de Urbión, *Revista de Soria*. II época, núm. 18, pp. 21-28. Soria.
- CARRASCO RUS, J., NAVARRETE ENCISO, M. S., PACHÓN ROMERO, J. A. 2006. Las manifestaciones rupestres esquemáticas y los soportes muebles en Andalucía, in J. MARTÍNEZ GARCÍA e M. S. HERNÁNDEZ PÉREZ (eds.), *Arte rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, pp. 85-118.
- CARRERA, F., BUENO, P., BARROSO, R., BALBÍN, R. DE. 2007. *Recuperación patrimonial de arte prehistórico: los abrigos de El Buraco y La Grajera, Santiago de Alcántara*, (Cáceres). Ayuntamiento de Santiago de Alcántara ISBN-10:84-611-4500-3, ISBN -13:978-84-611-4500-3.
- CARTAILHACC, E. 1885. Oeuvres inédites des artistes chasseurs de rennes. *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'Homme*, XIX, pp. 63-75.
- CARVALHO, A. F. de, ZILHÃO, J., AUBRY, T. 1996. Vale do Côa. Arte Rupestre e Pré-História. *Parque Arqueológico do Vale do Côa*, Ministério da Cultura. Lisboa.
- CASABO BERNARD, J. 2004. *Paleolítico Superior Final y Epipaleolítico en la Comunidad Valenciana*. MARQ. Serie mayor 3.
- CASEY, E. S. 1996. How to get from space to place in a fairly short stretch of time. Phenomenological prolegomena in FELD S. e BASSO, K. H. (eds.) *Senses of Place*, School of American Research Advanced Seminar Series, pp. 13-52.
- CASSEN, S., VAQUERO LASTRES, J. 2004. El deseo pasmado. *Sinais de Pedra*. Evora. CdRom.
- CERRILLO CUENCA, E. 2005. *Los primeros grupos neolíticos de la cuenca extremeña del Tajo*. BAR International Series 1393.
- CERRILLO CUENCA, E., PRADA GALLARDO, A., GONZÁLEZ CORDERO, A., HERAS, F. J. 2002. La secuencia cultural de las primeras sociedades productoras en Extremadura: una datación absoluta del yacimiento de Los Barruecos (Malpartida de Cáceres, Cáceres). *Trabajos de Prehistoria*, 59, 2:101-111.
- CHIPPINDALE, C., NASH, G. 2004. *The Figured Landscapes of Rock-Art. Looking at Pictures in Place*. Cambridge University Press, Cambridge.
- CHOLLET, A., DUJARDIN, V. 2005. *La grotte de Bois-Ragot à Goux (Vienne). Magdalénien et Azilien. Essais sur les hommes et leur environnement*. Société Préhistorique Française. Mém. XXXVIII.
- CHOLLOT, M. 1964. *Musée des Antiquités Nationales. Collection Piette, art mobilier préhistorique*. Éditions des Musées nationaux, 479 pp.
- CLOTTES, J. 2002. *World Rock Art*. Los Angeles. Getty Publications.
- CLOTTES, J., ALTEIRAC, A., SERVELLE, C., 1981. Oeuvres d'art mobilier magdaléniennes des anciennes collections du Mas d'Azil. *Bulletin de la Société Préhistorique de l'Ariège*, XXXVI, pp. 37-70.
- CLOTTES, J. e J. COURTIN, J. 1992. *La Grotte Cosqueur. Peintures et Gravures de la Caverne Engloutie*, Paris, Éditions du Seuil.
- CLOTTES, J., LEWIS-WILLIAMS, J. D. 1996. *Les chamanes de la préhistoire. Transe et magie dans les grottes ornées*. Paris, Ed. Le Seuil.
- COIXÃO, A. do N. S. 2000. *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.
- COLECTIVO BARBAÓN. 1998. Nuevas pinturas rupestres en la provincia de Cáceres: 42 nuevos abrigos en el Parque Natural de Monfragüe. *Revista de Arqueología*, año XIX, nº 212, pp. 12-17.
- COLLADO, H. 2003. Nuevas representaciones de Arte Paleolítico en Extremadura. C.A.E.A.P. *Veinticinco años de investigaciones sobre el patrimonio cultural de Cantabria*, pp. 111-121.
- 2004. Un nuevo ciclo de arte prehistórico en Extremadura: el arte rupestre de las sociedades de economía cazadora recolectora durante el Holoceno inicial como precedente del arte rupestre esquemático en Extremadura. *Sinais da Pedra*. Evora. Cdrom.
- 2006. *Manifestaciones rupestres de estilo levantino en Extremadura*. (en prensa).
- COLLADO, H., FERNÁNDEZ, M., GIRÓN, M. 2001. Paleolithic Rock Art in Manzaner Mill Area (Alconchel-Cheles, Badajoz) *Arkeos: perspectivas em diálogo*, nº 12, 2001, pp. 29-64.
- COLLADO, H., RIPOLL, S. 1996. Una nueva estación paleolítica en Extremadura. Los grabados de la cueva de la

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- Mina de Ibor (Castañar de Ibor, Cáceres). *Revista de Estudios Extremeños*. Tomo LII, nº 2, pp. 383-399.
- COMPÓSITO 2004. *Conservação das rochas com gravuras do Vale do Côa: estudo e proposta de intervenção (Núcleo da Canada do Inferno)*. Relatório entregue pela Compósito, Lda ao PAVC no âmbito do projecto de experimentação prévia de soluções de conservação para a arte rupestre do Vale do Côa.
- CONDE BERDÓS, M. J. 1998. Estado actual de la investigación sobre la cerámica ibérica pintada de época plena y tardía [Em linha]. In *Revista de Estudios Ibericos*, 3 El mundo Ibérico: una década de investigaciones [1985-1995] 2.ª parte. [citado em 21 de Setembro de 2006]. Disponível em <<http://www.ffil.uam.es/reib3/>>.
- CORCHÓN, M. S. 1985. Características técnicas y culturales del arte parietal paleolítico: su proyección en la Meseta. *Studia Zamorensia Historica*, vol. VI. pp. 223-271.
- 1986. *El Arte Mueble Paleolítico Cantabro: Contexto y Análisis Interno*, Madrid, Centro de Investigación y Museo de Altamira [Monografías, 16].
- 1989. Datos sobre el epipaleolítico en la Meseta Norte: la cueva del Nispero (Burgos/España). *Zephyrus*, XLI-XLII:85-100.
- 2002. El Tardiglacial y la transición al Postglacial en la Meseta Norte española: Una visión de síntesis. *Zephyrus*, LV, pp. 85-142.
- 2006. Las cuevas de La Griega y Palomera (Ojo Guareña) y la cuestión de la cronología del Arte Paleolítico en la Meseta. En: DELIBES DE CASTRO, G., y DIEZ MARTÍN, F., eds: *El Paleolítico Superior en la Meseta Española*, *Studia Archaeologica* nº 94, Valladolid, pp. 75-111.
- CORCHÓN, M. S. Coord. 1997. *La cueva de La Griega de Pedraza (Segovia)*. *Arqueología en Castilla y León*, 3. *Junta de Castilla y León*.
- CORCHÓN, S., LUCAS, R., GONZÁLEZ TABLAS, F., BECARES, J. 1991. El arte rupestre prehistórico en la región castellano-leonesa. *Zephyrus*, XLI-XLII, *Salamanca*. pp. 7-18.
- CORCHÓN, M. S., VALLADAS, H., BECARES, J., ARNOLD, M., TISNERAT, N., CACHIER, H. 1996. Datación de las pinturas y revisión del Arte Paleolítico de Cueva palomera (Ojo Guareña, Burgos, España). *Zephyrus*, 49, 1996, pp. 37-60.
- CORDEIRO, A. M. R., REBELO, F. 1996. Carta geomorfológica do vale do Côa a jusante de Cidadelhe. *Cader-nos de Geografia*. Coimbra. 15, pp. 11-33.
- CORREIA, V. H., RECAREY, M. A. 1988. Insculturas rupestres da Serra da Gávea, Sra da Encarnação, *Actas do Colóquio Manuel de Boaventura –1985– Arqueologia*, Esposende, pp. 93-111.
- COSME, S. 1998. Projecto de investigação arqueológica do território do Monte do Castelo (Almendra). In LIMA, A. C. P. S., ed. - *Terras do Côa: da Malcata ao Reboredo: os valores do Côa*. Maia: Estrela-Côa, p. 208-214.
- 2006. Proto-história e romanização entre o Côa e o Águeda. *Comunicação apresentada no III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Debates no Vale do Côa*, em Pinhel, a 17 de Maio.
- En prensa. Proto-história e romanização entre o Côa e o Águeda. In *III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior (Vila Nova de Foz Côa, 15 a 20 de Maio de 2006)*.
- COSTAS GOBERNA, F. J., HIDALGO CUÑARRO, J. M., NOVOA ÁLVAREZ, P., PEÑA SANTOS, A. de la. 1997. Aproximación a las representaciones de cuadrúpedos en el grupo galaico de arte rupestre, in F. J. COSTAS GOBERNA e J. M. HIDALGO CUÑARRO, *Los motivos de fauna y armas en los grabados prehistóricos del continente europeo*, Asociación Arqueológica Viguesa, Serie Arqueología Divulgativa, nº 3, Vigo, pp. 53-84.
- COSTAS GOBERNA, F. J., HIDALGO CUÑARRO, J. M., PEÑA SANTOS, A. 1999. *Arte Rupestre no sur da Ría de Vigo*. Instituto de Estudios Vigueses, Vigo.
- COUREAUD, C. 1985. *L'Art Azilien. Origine et survivance*. XX Supplé. Gallia Préhistoire. CNRS. Paris.
- COUTURIER, Dr. 1962. *Le bouquetin des Alpes*. Impr. Allier, Grenoble, 2 vol. 1564 pp.
- CRIADO BOADO, F. 1993. Espacio monumental y paisajes prehistóricos en Galicia. *Concepcions espaciais e estrategias territoriais na historia de Galicia*. Asociación Galega de Historiadores. Santiago de Compostela: 23-54.
- CRIADO BOADO, F., SANTOS ESTÉVEZ, M. 2006. Paisajes domésticos, Espacios Cerrados: los Espacios de la representación y la Domesticación del Paisaje en la Edad del Bronce, in J. MARTÍNEZ GARCÍA e M. HERNÁNDEZ PÉREZ (eds.), *Actas del Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, pp. 173-192.
- CUNHA, A. L., SILVA, E. J. L. 1980. Gravuras rupestres do Concelho de Valença. Montes dos Fortes (Taião),

- Tapada do Ozão, Monte da Laje, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. II, Guimarães, pp. 121-131.
- CRUZ, D. 1995. Cronologia dos monumentos com *tumulus* do Noroeste peninsular e da Beira Alta *Estudos Pré-históricos* 3, CEPBA, Viseu, pp. 81-112.
- 1998. Expressões funerárias e culturais no Norte da Beira. In *Actas do Colóquio "A Pré-história na Beira Interior" (Tondela, Nov. 1997)*. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Estudos Pré-históricos 8, pp. 149-166.
- CURA, M. 1997. Cuestiones generales en torno al neolítico y megalitismo. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 141-149.
- CURADO, F. P. 1988-94. A propósito de Conimbriga e de Coniumbriga. *Gaya*. Vila Nova de Gaia. 6 I Congresso do Rio Douro, pp. 213-234.
- DAVIDSON, I. BAILEY, G. N. 1984. Los yacimientos, sus territorios de explotación y la topografía. *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*. Madrid. 2, pp. 25-31.
- DELIBES, G. 1985. El Paleolítico. Los primeros asentamientos humanos en el valle del Duero. En *"Historia de Castilla y León I. La Prehistoria del valle del Duero"*. Ambito. Valladolid. pp. 8-21.
- DELIBES, G., SANTONJA, M. 1986. *El fenómeno megalítico en la provincia de Salamanca*, Diputación Provincial, Salamanca.
- DELLUC, B. G. 1978. Les manifestations graphiques aurignaciennes sur support rocheux des environs des Eyzies (Dordogne). *Gallia Préhistoire*, 21, 1 y 2. París. pp. 213-438. 96 figs.
- 1991. *L'art pariétal archaïque en Aquitaine*. XXVII supplément à Gallia Préhistoire. Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique. París. 393 págs. 235 figs.
- 1999. El arte paleolítico arcaico en Aquitania de los orígenes a Lascaux. En *32.000 BP: Una odisea en el tiempo. Reflexiones sobre la definición cronológica del arte parietal paleolítico*. pp. 145-166.
- 2003. L'art pariétal archaïque du sud-ouest de la France à la lumière des découvertes récentes. En: R. de BALBÍN y P. BUENO eds. *Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella, Ribadesella, 2003*, pp. 23-39.
- DELPORTE, H. 1990. *L'image des animaux dans l'art préhistorique*. Paris, Picard, 254 pp.
- DEL RIEGO, C. 2005. Arqueología. Los primeros bercianos también dejaron documentos gráficos, *El Mundo*. Jueves científico, 16 de junio de 2005, p. 6.
- DENDALETCHÉ, C. 1990. *Animaux sauvages des Pyrénées*. Milan ed. 168 pp.
- D'ERRICO, F. 1994. *L'art gravé azilien. De la technique à la signification*. XXXI^o supplément à Gallia Préhistoire. Edition du C. N. R. S.
- D'ERRICO, F., CACHO, C. 1994. Notation versus decoration in the Upper Palaeolithic. A case study from Tossal de la Roca. Alicante (Spain). *Journal of Archaeological Science*, 21:185-200.
- D'ERRICO, F., POSSENTI, L. 1999. L'art mobilier épipaléolithique de la Méditerranée occidentale: comparaisons thématiques et technologiques. XXIV Congrès Préhistorique de France. *Les Facies leptolithiques du Nord-Ouest Méditerranéen : milieux naturels et culturels*. París: 93-116.
- D'ERRICO, F., SACCHI, D., VANHAEREN, M. 2002. Analyse technique de l'art gravé de Fornols-Haut, Campôme-France. Implications dans la datation des représentations de style paléolithique à l'air libre. En D. Sacchi ed. *L'art. Paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image. Tautavel-Campôme*. pp. 75-86.
- DIEZ CORONEL I MONTULL, L. 1987. La roca con grabados de Mas de N'Olives, en Torreblanca (Lérida). *Ars Praehistórica*, V/VI:71-102.
- DOMÍNGUEZ, A. 2005. *Memoria final de la prospección intensiva y documentación de arte rupestre en la ZEPA de la Serena: términos municipales de Puebla de Alcocer, Esparragosa de Lares y Campanario*. Inédita.
- DOMINGO, I. 2005. Las formas de representación de la figura humana. *Arte Rupestre en la Comunidad Valenciana*, pp. 279-291.
- DORN R. I. 1997. Constraining the age of the Côa valley (Portugal) engraving with radiocarbon dating. *Antiquity* 71 pp. 105-115.
- ECO, U. 1990. *Os Limites da Interpretação*, Lisboa, Difel.
- ESCUDERO LACUSSANT, G. 1900. Los Infantes de Lara. Historia y tradición, *Recuerdo de Soria*, núm. 7 (2^a ép.), pp. 13-17, Soria.
- ESPARZA ARROYO, A. 1977. El castro zamorano del Pedroso y sus insculturas, *Boletín del Seminario de Arte y Arqueología*, XLIII, pp. 27-39, Valladolid.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- ESTEVEZ ESCALERA, J., GASSIOT BALLBÉ, E. 2002. El cambio en sociedades cazadoras litorales: tres casos comparativos. *Rampas*, V. Cádiz: 43-83.
- FABIÁN GARCÍA J. F. 1985. El cerro del Berrueco. *Revista de Arqueología*. N.º 56. pp. 6-17.
- 1986. La industria lítica del yacimiento de la Dehesa en El Tejado de Béjar (Salamanca). Una Industria de tipología magdalenense en la Meseta. *Numantia* n.º 2, pp. 101-143.
- 1997. La difícil definición del Paleolítico Superior en la Meseta. El yacimiento de la Dehesa (Salamanca) como exponente de la etapa Magdalenense final. In R. DE BALBÍN BERHMANN, P. BUENO RAMÍREZ. Eds.: *II Congreso de Arqueología Peninsular, Tomo I – Paleolítico y Epipaleolítico*, Zamora, 24-27/09/1996. pp. 219-237.
- FÁBREGAS VALCARCE, R., VILASECO VÁSQUEZ, X. I. 2004. El megalitismo gallego a inicios del siglo XXI, *Mainake*, XXVI, Málaga, pp. 63-87.
- FERNANDES, A. P. B. 2003. O sistema de visita e a preservação da arte rupestre em dois sítios de ar livre do Nordeste português: o Vale do Côa e Mazouco. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 5-47.
- 2004. O Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa: Filosofia, objetivos e ações concretas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, pp. 5-37.
- 2005. Programa de conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa: Primeiros resultados da estação sismológica e da estação meteorológica em funcionamento no PAVC. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 7 (Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior), pp. 159-166.
- 2006. Understanding an Unique Conservation Work Environment: The Case of the Côa Valley Rock Art Outcrops. In RODRIGUES, J. D. ; MIMOSO, J. M., (ed.), *Theory and Practice in Conservation: A Tribute to Cesare Brandi (Proceedings of the International Seminar)*, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa, p. 323-332.
- FERNANDES, A. P. B., MARQUES, M. L., RODRIGUES, M., BLANES, F., COSTA, C. En prensa. Estudo das formas de degradação de filitos com gravuras rupestres no Vale do Côa. In *Actas do VII Congresso Nacional de Geologia*, Universidade de Évora, Évora, 2006.
- FERNÁNDEZ, M. 2006. *Memoria final de la prospección en el área interior del Tajo Internacional*. TT. MM.: Ceclavín, Zarza la Mayor y Acehuche. Inédita.
- FERNÁNDEZ, M., GIRÓN, M., CRIADO, A. 2004. *Memoria de los trabajos de prospección en el Parque Natural de Monfragüe*. Inédita.
- FERNÁNDEZ, J., GUILLEM, P. M., MARTÍNEZ VALLE, R., GARCÍA, R. M. 2002. El contexto arqueológico de la Cova dels Cavalls: poblamiento prehistórico y Arte Rupestre en el tramo superior del Riu de les Coves. En R. MARTÍNEZ y V. VILLAYERDE (Coor.): *La Cova dels Cavalls en el Barranc de la Valltorta*. Monografías del Instituto de Arte Rupestre. Museu de la Valltorta, 1, 49-73. Valencia: Generalitat Valenciana.
- FERNÁNDEZ, J., GUILLEM, P. M., MARTÍNEZ VALLE, R., PÉREZ, R. 2005. Nuevos datos sobre el Neolítico en el Maestrazgo: el Abric del Mas de Martí (Albocàsser). *III Congresos del Neolítico en la Península Ibérica*: 879-887. Santander. 2003.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F., LÓPEZ FERNÁNDEZ, M.ª T. 1990. Secuencia cultural de El Raso de Candelada (Ávila), *Nvmantia*, III, pp. 95-124, Valladolid.
- FERNÁNDEZ MARTÍNEZ, V. M., RUIZ ZAPATERO, G. 1984. El análisis de territorios arqueológicos: una introducción crítica. *Arqueología Espacial*. Teruel. 1, pp. 55-71.
- FERNÁNDEZ-TRESGUERRES, J. 1980. *El aziliense en las provincias de Asturias y Santander*. Santander.
- FERREIRA, A. de B. 1978. *Planaltos e montanhas do Norte da Beira: Estudo de geomorfologia*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- FERREIRA DA SILVA, A., RIBEIRO, M. L. 1991. Carta geológica de Portugal. *Notícia explicativa da folha 15-A, Vila Nova de Foz Côa*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- FINN, P.; HALL, N. 1996. Removal of iron fastenings and iron stains from sites in the Grampians. In THORN, A.; BRUNET, J., eds. - *Preservation of Rock Art*. Melbourne. Australian Rock Art Research Association, pp. 65-71.
- FORTEA, F. J. 1975. *Los complejos microlaminares y geométricos del Levante español*. Universidad de Salamanca.
- 1978. Arte Paleolítico del Mediterráneo español. *Trabajos de Prehistoria*. 35. pp. 99-149.
- 1981. Investigaciones en la cuenca media del Nalón, Asturias(España).Noticia y primeros resultados. *Zephyrus*, XXXII-XXXIII, pp. 5-16.

- . 1989. Cuevas de La Lluera. Avance al estudio de sus artes parietales. En M. R. GONZÁLEZ MORALES ed. “Cien años después de Sautuola. Estudios en homenaje a Marcelino Sanz de Sautuola en el Centenario de su muerte”. Diputación Regional de Cantabria. Santander. pp. 189-202.
- . 1990. Abrigo de La Viña. Informe de las campañas 1980-1986. *Excavaciones Arqueológicas en Asturias* pp. 55-68.
- . 1992. Abrigo de La Viña. Informe de las campañas 1987-1990. *Excavaciones Arqueológicas en Asturias* pp. 19-28.
- . 1994. Los “santuarios” exteriores en el Paleolítico cantábrico. *Complutum*, nº 5. pp. 203-220.
- FORTEA PÉREZ, F. J., GIMÉNEZ GÓMEZ, M. 1972-73. La cueva del Toro. Nueva estación malagueña con arte paleolítico. *Zephyrus*, XXIII-XXIV: 5-17. Salamanca.
- FOSSATI, A. 1996. The Iron Age in the Rock Art of Vermelhosa, Portugal [em linha]. In *Tracce*. 5. 26 de Outubro de 1996. [citado em 17 de Fevereiro de 2003]. Disponível em <<http://www.geocities.com/RainForest/3982/coaferro.html>>.
- FRADE, H. 1998. Ara a Júpiter da *Civitas Coberlcorum*. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 58, p. nº 266.
- FRADKIN, A., ANATI, E. 2001. *Valcamonica preistorica: Guida ai parchi archeologici*. Capo di Ponti: Centro Camuno di Studi Preistorici.
- FREITAS, A., SANTOS, M. F., ROLÃO, J. M. F. 1994. Notícia preliminar sobre “Fraga das Passadas” (Valpaços, Portugal), *Zephyrus*, vol. XLVIII, Salamanca, pp. 353-363.
- FULLOLA, J. M., VIÑAS, R. 1985. El primer grabado parietal naturalista en cueva de Cataluña: la Cova de la Taverna (Margalef de Montsant, Priorat, Tarragona). *Caesaraugusta*, 61-62: 67-78.
- FULLOLA PERICOT, J. M., VIÑAS R., GARCÍA ARGUELLES, P. 1990. La nouvelle plaquette gravée de Sant Gregori (Calatogne, Espagne). *L'Art des Objets au Paléolithique*. Tome 1. *L'art mobilier et son contexte*. pp. 279-286.
- GARCÍA, J. J. 1997. La pintura rupestre esquemática en la provincia de Cáceres. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 119-140.
- GARCÍA, N., ARSUAGA, J. L. 2003. Last Glaciation cold-adapted faunas in the Iberian Peninsula. En J. REUMER, J. de Vos y D. MOL eds. *Advances in Mammoth Research*. Róterdam. pp. 159-170.
- . 1999. Sobre la organización cronológica de las manifestaciones gráficas del Paleolítico superior. Perplejidades y algunos apuntes desde la región cantábrica. En 32. 000 BP: *Una odisea en el tiempo. Reflexiones sobre la definición cronológica del arte parietal paleolítico*. pp. 123-144.
- GARCÍA DÍEZ M., AUBRY T. 2002. Grafismo mueble en el Valle de Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): la estación arqueológica de Fariseu. *Zephyrus* 55, 2002, pp. 157-182.
- GARCÍA DÍEZ, M., ABARQUERO MORAS, J. L., GÓMEZ-BARRERA, J. A., PALOMINO LÁZARO, A. e. p. Las pinturas rupestres de la Covacha de Las Cascarroñas (Becerril del Carpio, Palencia), *Sautuola*, en prensa.
- GARCÍA DÍEZ, M., LUÍS, L. 2003. José Alcino Tomé e o último ciclo artístico rupestre do Vale do Côa: um caso de etnoarqueologia, *Estudos Pré-Históricos*, Vol. X-XI, 2002-2003, CEPBA, Viseu, pp. 199-223.
- GARCÍA DÍEZ, M., MARTÍN I UIXAN, J., GENE, J., VAQUERO, 2002. La plaqueta grabada del Molí del Salt (Vimbodí, conca de Barberá) i el grafisme paleolitic/epipaleolitic a Catalunya. *Cypsela*, 14; pp. 159-173.
- GARCÍA DÍEZ, M., RODRIGUES, A. F. C., MAURÍCIO, J. M. G. 2001. *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos do Projecto de Aproveitamento Hidroeléctrico do Alto Côa*, Crivarque (Relatório não publicado, entregue ao IPA em Dezembro de 2001).
- GARCÍA ROBLES, M.^a R. 2003. *Aproximación al territorio y el hábitat del Holoceno inicial y medio. Datos arqueológicos y valoración del registro gráfico en dos zonas con Arte levantino. La Rambla Carbonera (Castellón) y la Rambla Seca (Valencia)*. Tesis doctoral inédita. Universitat de Valencia.
- GARCÍA ROBLES M. R., VILLAVARDE BONILLA, V. 2002. Quelques conventions caractéristiques des niveaux anciens du Parpalló. Les graphismes du Gravettien et du Solutréen ancien, comparaison avec l'art rupestre du Côa. In: *L'art paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image. Tautavel- Campôme, 7-9 octobre 1999*, UMR 5590 du CNRS – Tautavel. D. Sacchi (dir.). GAEP & GÉOPRÉ (ed.). pp. 59-64.
- GARRIDO, R., GUTIÉRREZ, E., RODRÍGUEZ, F. J. 2000. Grabados rupestres al aire libre en el entorno de Tiermes. Algunas consideraciones respecto a su cronología y contexto cultural. *Actas Congreso Internacional de Arte Rupestre Europea*, Vigo, ed. en Cd-Rom, ponencia 23.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- GARRIDO PENA, R.-MUÑOZ LÓPEZ-ASTILLEROS, K. 2000. Visiones sagradas para los líderes. Cerámicas campaniformes con decoración simbólica en la Península Ibérica. *Complutum*, 11:285-300.
- GEERTZ, C. 1973. *The Interpretation of Cultures*, Basic Books, New York
- GIRÓN, M., FERNÁNDEZ, M. 2003. *Prospección, catalogación e inventario de pintura rupestre en la Siberia Extremeña (Sector Sur)*. Inédita.
- GIRY, A. 1894. Manuel de diplomatique: diplômes et chartes, chronologie technique, éléments critiques et parties constitutives de la teneur des chartes, les chancelleries, les actes privés. Hachette, Paris, p. 944.
- GOMES, M. V. 1983. Arte esquemática do Vale do Tejo. *Zephyrus*, vol. XXXVI, pp. 277-285.
- 1989a. A arte rupestre do Vale do Tejo. Um santuario pré-histórico. *Cuadernos de San Benito*, vol. 2; pp. 49-75.
- 1989b. Arte rupestre e contexto arqueológico, *Almonsor*, vol. 7, Montemor-o-Novo: 225-269.
- 1990. A rocha 49 de Fratel e os períodos estilizado-estático e estilizado-dinámico da arte do Vale do Tejo. *Homenagen a J. R. dos Santos Junior*. Lisboa, vol. I:151-177.
- 1997. Megalitismo do Barlovento algarvio. Nova síntese. *Setúbal Arqueológica*, vols. 11-12. 1997; pp. 147-190.
- 1999. *Gruta do Escoural*. IPAR, Lisboa.
- 2000. A Rocha 175 de Fratel-Iconografía e interpretação. *Estudos Pré-históricos*, vol. VIII;81-112.
- 2001. Arte rupestre do vale do Tejo (Portugal). Antropomorfos (estilos, comportamientos, cronologías e interpretações). *Semiótica del arte prehistórico. Servicio de estudios valencianos. Serie Arqueológica* nº 18, pp. 53-88
- 2002. Arte rupestre em Portugal, perspectiva sobre o último século, *Arqueologia & História*, 54, Lisboa, pp. 139-194.
- GOMES, M. V., CARDOSO, J. L., 1989. A mais antiga representação de Equus do Vale do Tejo. *Almonsor. Revista de Cultura*, nº 7: 167-210.
- GÓMEZ BARRERA, J. A. 1982. *La Pintura Rupestre Esquemática en la Altiimeseta Soriana*, Excmo. Ayuntamiento de Soria, Soria.
- 1984-1985. El abrigo de La Peña de los Plantíos: nuevo hallazgo de pinturas rupestres esquemáticas en Fuentetoba (Soria), *Ars Praehistorica*, t. III-IV, pp. 139-180, Sabadell.
- 1988. D. Teógenes Ortego Frías y su aportación al estudio del arte rupestre postpaleolítico en la Península Ibérica, *Celtiberia*, 75, pp. 47-77, Soria.
- 1989. Las pinturas rupestres del Abrigo II del Barranco de Valdecaballos (Valonsadero, Soria), *Boletín de la Asociación Española de Arte Rupestre*, 2, pp. 3-10, Barcelona.
- 1990. Pintura Rupestre Esquemática en Soria, significado e interpretación, en J. L. Argente Oliver (Coord.), *Arte Prehistórico de la Provincia de Soria*, Museo Numantino-Junta de Castilla y León, Soria, 1990, p. 59-78.
- 1992. *Grabados Rupestres Postpaleolíticos del Alto Duero*, Serie de Investigación, 1, Museo Numantino, Caja Salamanca y Soria-Junta de Castilla y León, Soria, 408 págs.
- 1993. *Arte Rupestre Prehistórico en la Meseta Castellano-Leonesa*, Junta de Castilla y León, Valladolid, 263 págs.
- 1997. Arte Rupestre en Castilla y León: catalogación, gestión y nuevas investigaciones, *Extremadura Arqueológica*, VII, p. 53-71, Cáceres-Mérida.
- 1997b. El problema de la autenticidad de los grabados de la cueva de Las Salinas, en San Esteban de Gormaz (Soria), *II Congreso de Arqueología Peninsular*, Zamora (1996), t. II, pp. 647-659.
- 1999. *La Cueva de Las Salinas de San Esteban de Gormaz. Documentación y estudio de sus grabados rupestres*, Ayuntamiento de San Esteban de Gormaz, Salamanca.
- 2000. Arte Rupestre Esquemático en la Meseta Castellano-Leonesa, *Actas do 3.º Congresso de Arqueología Peninsular*, vol. IV, pp. 503-523, Porto.
- 2001a. Las pinturas rupestres esquemáticas de La Cerrada de la Dehesa y de Los Callejones (Fuentetoba, Soria), *Quaderns de Prehistoria I Arqueologia de Castelló*, 22, pp. 73-87, Castellón.
- 2001b. *Ensayos sobre el Significado y la Interpretación de las Pinturas Rupestres de Valonsadero*, Excmo. Diputación Provincial, Soria, 295 págs.
- 2001c. *Pinturas Rupestres de Valonsadero y su entorno*, Caja Rural, Soria, 255 págs.
- 2004. El grabado como manifestación artística en la Prehistoria peninsular, *Cuadernos de Arte Rupestre*, 1, Murcia, pp. 25-55.

- 2005. La pintura rupestre esquemática como acción social de los grupos agroganaderos en la meseta castellano-leonesa, *Cuadernos de Arte Rupestre*, 2, Murcia, pp. 11-58.
- 2006. Grabados rupestres en el interior peninsular. Galería del Sílex, Cueva Maja y La Sala de la Fuente como paradigmas de investigación, *Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, Almería, mayo de 2004.
- GÓMEZ-BARRERA, J. A., FERNÁNDEZ MORENO, J. J. 1991. Dos nuevos abrigos con pinturas rupestres esquemáticas en El Cubillejo (Valonsadero, Soria). *Soria Arqueológica*, 1, pp. 103-120, Soria.
- GÓMEZ-BARRERA, J. A., ROJO GUERRA, M., GARCÍA DÍEZ, M. 2005. Las pinturas rupestres del Abrigo de Carlos Álvarez o Abrigo de la Dehesa (Miño de Medinaceli, Soria), *Zephyrus*, LVIII, pp. 223-244.
- GONÇALVES, M. E. (coord.) 2001. *O Caso de Foz Côa: Um Laboratório de Análise Sociopolítica*, Edições 70, Lisboa, 271 p.
- GONZALEZ CORDERO, A., ALVARADO GONZALO, M. 1992. Nuevas pinturas rupestres en Extremadura. Pintura naturalista en el entramado esquemático de Las Villuercas –Cáceres– *Revista de Arqueología*, 143, Madrid, 18-25.
- GONZÁLEZ-TABLAS SASTRE, F. J. 1980. Las pinturas rupestres de Peña Mingubela (Ávila), *Zephyrus*, XXX-XXXI, pp. 43-62, Salamanca.
- GONZÁLEZ SAINZ, C. 1989. *El Magdalenense Superior. Final de la región cantábrica*. Tantín-Universidad de Cantabria. Santander.
- 1993. En torno a los paralelos entre el Arte Mobiliario y el Rupestre. *Veleia*, T. 10. Vitoria, pp. 39-56.
- 1999. Sobre la organización cronológica de las manifestaciones gráficas del Paleolítico superior. Perplejidades y algunos apuntes desde la región cantábrica. En R. CACHO y N. GÁLVEZ, *32.000 BP: Una odisea en el tiempo. Reflexiones sobre la definición cronológica del arte parietal paleolítico*. pp. 123-144.
- 2005. Actividad gráfica magdaleniense en la región cantábrica. Datación y modificaciones iconográficas. En N. F. BICHO ed. *O Paleolítico. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. pp. 157-181.
- GONZÁLEZ SAINZ, C., SAN MIGUEL, C. 2001. *Las cuevas del Desfiladero. Arte rupestre paleolítico en el valle del río Carranza (Cantabria-Vizcaya)*. Santander.
- GONZALO, F. 1970. Arte rupestre en la provincia de Segovia. *Revista Ejército*, nº 370. pp. 5-9.
- GRANDE DEL BRÍO, R. 1978. Las pinturas rupestres del Risco de los Altares (Salamanca), *Zephyrus*, XXVIII-XXIX, pp. 235-248.
- 1979. Las pinturas rupestres de la Sierra de las Quilamas (Salamanca), *Estudios dedicados a Carlos Callejo Serrano*, Cáceres, pp. 371-378.
- 1982. Descubrimiento de pinturas rupestres en la Sierra de la Culebra *Zephyrus*, XXXIV-XXXV, pp. 145-148.
- 1987. *La pintura rupestre esquemática en el Centro-Oeste de España (Salamanca y Zamora)*. Ensayo de interpretación del arte esquemático, Diputación de Salamanca, Salamanca.
- 1997. *Eremitorios altomedievales en las provincias de Salamanca y Zamora. Los monjes solitarios*, Librería Cervantes, Salamanca.
- GRANDE DEL BRÍO, R., GONZÁLEZ-TABLAS SASTRE, F. J. 1980. Hallazgo de pinturas rupestres en el valle de Lera (Salamanca), *Zephyrus*, XXX-XXXI, pp. 63-72.
- GRAZIOSI, P. 1964. L'Art paleolithique de la Province Méditerranéenne et ses influences dans les temps post-paleolithiques. *Prehistoric art of the western mediterranean and the sahara*. Viking Fund Publications in Anthropology, nº 39, pp. 35-46.
- GROUPE DE RÉFLEXION sur les méthodes d'étude de l'art pariétal paléolithique, 1993. *L'art pariétal paléolithique : Techniques et Méthodes d'Etude*. Comité des travaux Historiques et Scientifiques, Paris, Ministère de l'Enseignement Supérieur et de la Recherche.
- GUERRA, A. M. R. 1998. *Nomes pré-romanos de povos e lugares do Ocidente peninsular*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (tese de dissertação de doutoramento).
- GUILLEM, P. M., MARTÍNEZ VALLE, R., MELIÀ, F. 2001. Hallazgo de grabados rupestres de estilo paleolítico en el norte de la provincia de Castellón: el Abric d'en Melià (Serra d'en Galceran). *Saguntum-PLAV*, 33: 133-140.
- GUIMARÃES, J. A. G. 1995. Arqueologia do Vale do Côa: a estação arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35:4 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular: Actas 8, pp. 569-575.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- GUSI, F. 1975. Un taller bajo abrigo en la 2.^a cavidad del Cingle de l'Ermita (Albocàsser). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense*, 2: 39-63.
- GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, J. A., AVELLÓ ÁLVAREZ, J. L. 1986. *Las pinturas rupestres esquemáticas de Sésamo, Vega de Espinareda (León)*, Monografías del Centro de Investigación y Museo de Altamira, 12, Madrid.
- GUY, E. 1993. Enquête stylistique sur l'expression figurative épipaléolithique en France: de la forme au concept. *Paleo*, 5: 333-373.
- 1997. Enquête stylistique sur cinq composantes de la figuration Epipaléolithique en France. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 94. 3, 309-313.
- 2002. Contribution de la Stylistique à l'Estimation Chronologique des Piquetages Paléolithiques de la vallée du Côa (Portugal) in SACCHI, D. (dir.), *L'Art Paléolithique à l'Air Libre. Le paysage modifié par l'image (Tautavel – Campôme, 7 – 9 octobre 1999)*, GAEP & GÉOPRÉ, pp. 65-72.
- HEIDEGGER, M. 1998. *El Ser y el Tiempo*, Madrid, Fondo de Cultura Económica.
- HELSKOG, K. 1999. The Shore Connection. Cognitive Landscape and communication with Rock Carvings in Northernmost Europe, *Norwegian Archaeological Review*, vol. 32, n° 2, pp. 73-93
- HERNÁNDEZ PÉREZ, M. S. 2006. Artes esquemáticos en la Península Ibérica: el paradigma de la pintura esquemática, in J. MARTÍNEZ GARCÍA e M. S. HERNÁNDEZ PÉREZ (eds.), *Arte rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, pp. 13-32.
- HERNÁNDEZ, M. S., FERRER, P., CATALÁ, E. 1988. *Arte rupestre en Alicante*. Alicante.
- HERNÁNDEZ PACHECO, E. 1919. *La caverna de la Peña de Candamo (Asturias)*. Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, 24, Madrid, 281 pp.
- HESJEDAL, A. 1995. Rock art, time and social context, in K. Helskog e B. Olsen (eds.), *Perceiving Rock Art: Social and Political Perspectives*. Instituttet for sammenlignende Kulturforskning, Oslo, pp. 200-206.
- HOCKETT, B. S., BICHO, N. F. 2000. Small mammal hunting during the late upper paleolithic of central Portugal. *Paleolítico da Península Ibérica*. Porto: 415- 424.
- IACOLEVA, L., PINÇON, G. 1997. *La frise sculptée du Roc-aux-Sorciers*. CTHS, 168 pp.
- IBERO, J. M. 1923. El Paleolítico de Oña y sus alrededores. *Razón y Fé*, t. 67.
- INGOLD, T. 1993. The temporality of the landscape. *World Archaeology*, vol. 25, n° 2, pp. 152-174.
- IN SITU 2005. *Estudo prévio de conservação das rochas gravadas do núcleo de arte rupestre da Penascosa - Parque Arqueológico do vale do Côa (PAVC)*. Relatório entregue pela In Situ, Lda ao PAVC no âmbito do projecto de experimentação prévia de soluções de conservação para a arte rupestre do Vale do Côa.
- JIMÉNEZ GUIJARRO, J. 2001. El Parral (Segovia). Caracterización del epipaleolítico del interior peninsular. *Estudios de Prehistoria y Arqueología madrileñas*, 11:37-44.
- JIMENO MARTÍNEZ, A. 1985. Prehistoria, en J. A. Pérez Rioja (Coord.): *Historia de Soria*, vol. I, pp. 85-121, Soria.
- JORDA, F. 1955. Sobre la edad solutrense de algunas pinturas de la cueva de la Pileta. *Zephyrus*, VI: 131-143. Salamanca.
- 1964. El arte rupestre paleolítico en la región cantábrica: nueva secuencia cronológica cultural. En PERICOT, I. y RIPOLL, E. eds. *“Prehistoric Art of the Western Mediterranean and the Sahara”*. Wenner-Gren Foundation, New York. Barcelona. pp. 47-82.
- 1965. Sobre técnicas, temas y etapas del Arte Paleolítico de la Región Cantábrica. *Zephyrus*, XV. Salamanca. pp. 5-25.
- 1978a. Los estilos en el arte parietal del magdalense cantábrico. *Curso de Arte Rupestre Paleolítico*. Univ. Intern. Menéndez Pelayo, Santander. pp. 79-130.
- 1978b. El arte de los pueblos agricultores, ganaderos y metalúrgicos, en *Historia, I: La Antigüedad*, Ed. Alambra, pp. 144-148, Madrid.
- JORDA PARDO, J. F., GARCÍA, M. A., PÉREZ, C., SÁNCHEZ-MONGE, M., ESTRADA, R., BENITO, F., SÁNCHEZ, B. 1989. Investigaciones Prehistóricas en el Alto Valle del Jarama (Valdesotos, Guadalajara). *Revista de Arqueología*. n° 94, pp. 61-62.
- JORDA PARDO, J., PASTOR MUÑOZ, F., RIPOLL LÓPEZ, S. 1999. Arte rupestre paleolítico y postpaleolítico al aire libre en los Montes de Toledo occidentales (Toledo, Castilla-La Mancha): noticia preliminar. *Zephyrus*, 52. Salamanca: 281-296.
- JORGE, S. O. 1991. A ocupação do espaço no Norte de Portugal durante o IIIº - inícios do IIº milénio A. C., in V. O. JORGE and S. O. JORGE (eds), *Incursões na Pré-história*, Fundação Eng. António de Almeida, Porto, pp. 299-380.
- JORGE, V. O. 1983: Gravuras portuguesas. *Zephyrus*, XXXVI. Salamanca; pp. 53-61.

- 1987. Arte Rupestre en Portugal. *Revista de Arqueología*, nº 76, Agosto. pp. 10-19.
- JORGE, S. O. 1999. *Domesticar a Terra*. Trajectos Portugueses, Gradiva, Lisboa.
- JORGE, V. O. Ed. 1995. Dossier Côa. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia XXXV-4*. Porto. pp. 311-896.
- JORGE, V. O., BAPTISTA, A. M., JORGE, S. O., SANCHES, M. J., SANTOS SILVA, M., LEITE DA CUNHA, A. 1988. O abrigo com pinturas rupestres da Fraga d'Aia (Paredes da Beira, S. João da Pesqueira) – notícia preliminar, *Arqueologia*, 18, Porto, pp. 109-130.
- JORGE, V. O., BAPTISTA, A. M., SANCHES, M. J. 1988b. A Fraga d'Aia (Paredes da Beira, S. João da Pesqueira) – Arte rupestre e ocupação Pré-histórica, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 28 (1-2), SPAE, Porto, pp. 201-233.
- JORGE, S. O., JORGE, V. O., ALMEIDA, C. A. F. DE., SANCHES, M. J., SOEIRO, M. T. 1981. Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo da Espada a Cinta). *Arqueologia*, Porto, nº 3. pp. 3-12.
- 1982. Descoberta de gravuras rupestres em Mazouco, Freixo da Espada a Cinta (Portugal). *Zephyrus XXXIV-XXXV*. pp. 65-70.
- JORGE, V. O., JORGE, S. O., SANCHES, M. J., RIBEIRO, J. P. 1981-82. Mazouco (Freixo-de-Espada à Cinta). *Nótula arqueológica. Portugalia, nova serie, II/III*. pp. 143-145.
- KNAPP, A. B., ASHMORE, W. 1999. *Archaeologies of Landscape. Contemporary Perspectives*. Blackwell Publishers, Oxford.
- LALANNE, G., BREUIL, H. 1911. L'Abri sculpté de Cap-Blanc à Laussel (Dordogne). *Rev. L'Anthropologie*, t. 22. pp. 385-402.
- LAMING-EMPERAIRE, A. 1962. *La signification de l'art rupestre paléolithique: Méthodes et applications*. Impr. Picard et Cie. París.
- LANHAS, F. 1969. As gravuras rupestres de Montedor. *Revista de Etnografia*, 13 (2), pp. 367-386.
- LARRÉN, H. 1986. *Informe preliminar sobre las pinturas rupestres del Risco de La Zorrera (Candelada, Ávila)*, Museo de Ávila-Delegación Territorial de Cultural.
- LAYTON, R. 1991. *The Anthropology of Art*, Cambridge University Press, Cambridge.
- 2001. Ethnographic study and Symbolic Analysis, in Whitley, D. S. (ed.), *Handbook of Rock Art Research*, Altamira Press, Walnut Creek e Oxford, pp. 311-331.
- LEAL, A.S.A.B.P. 1886. s. v. Villa Nova de Foscoa. In *Portugal antigo e moderno*. 11. Lisboa: Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, pp. 829-849.
- LEJEUNE, M. 1996. L'art pariétal de la grotte d'Escoural. M. Otte y C. da Silva : *Recherches préhistoriques à la grotte d'Escoural, Portugal*. ERAUL, 65 :135-240.
- LEMONS, F. S. 1993. *Povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*. Tese de dissertação de doutoramento, Universidade de Braga.
- 1995. Dossier Côa I: O relatório de impacte patrimonial (1989), *Forum*, 15/16, Jan.-Jun. 1994, Universidade do Minho, Braga, p. 141-156.
- LEMONS, F. S., CRUZ, G. 2006. *Muralhas e guerreiros na Proto-histórica do Norte de Portugal e Beira Interior Norte*. Comunicação apresentada no III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Debates no Vale do Côa, em Pinhel, a 17 de Maio.
- LEROI-GOURHAN, A. 1958a. La fonction des signes dans les sanctuaires paléolithiques. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, t. LV. pp. 307-321.
- 1958b. Le symbolisme des grands signes dans l'art pariétal paléolithique. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, t. LV. pp. 384-398.
- 1958c. Répartition et groupement des animaux dans l'Art pariétal paléolithique. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, t. LV. pp. 515-522.
- 1965. *Préhistoire de l'Art Occidental*. 1.^a edición, Mazenod. París.
- 1968. Le symbolisme des grands signes dans l'art pariétal paléolithique, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 55 (7-8), Paris, pp. 384-398.
- 1970. Résumé des cours 1969-70: Préhistoire. *En Annuaire du Collège de France*. París. pp. 367-376.
- 1971. *Préhistoire de l'Art Occidental*. 2.^a edición aumentada, Mazenod. París.
- 1972. Considerations sur l'organisation spatiale des figures animales dans l'art pariétal paléolithique", *Santander Symposium – Actas del Symposium Internacional de Arte prehistórico*, Santander, UISPP, pp. 281-308.
- 1974. Résumé des cours 1973-74: Préhistoire. *En Annuaire du Collège de France*. París. pp. 381-388.
- 1981. Les signes pariétaux comme marqueurs ethniques. *Altamira Symposium. Madrid-Asturias-Santander 1979*. Ministerio de Cultura. Madrid, pp. 164-168.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- . 1984. Reflexiones Metodológicas en Torno al Arte Paleolítico”, *Simbolos, Artes y Creencias de la Prehistoria*, Madrid, Ediciones Istmo [Artes, Técnicas, Humanidades, 3], pp. 414-436.
- . 1992. *L’art parietal. Langage de la préhistoire*. Grenoble. Jérôme Millon.
- . 1995. *Préhistoire de l’Art Occidental*, Paris, Citadelles et Mazenod [primeira edição: 1965].
- LEWIS-WILLIAMS, J. D., DOWSON, T. A. 1988. Entoptic phenomena in Upper paleolithic art. *Current Anthropology*, 29. 2:201-245.
- . 1993. On vision and power in the Neolithic: evidence from decorated monuments. *Current Anthropology*, 34. 1:55-65.
- LOMBA, J., MARTÍNEZ, M., MONTES, R., SALMERON, J. 1995. *Historia de Cieza. Cieza prehistórica. De la depredación al mundo urbano*. Ed. Campobell. Volumen I. Murcia. 235 págs.
- LÓPEZ CUEVILLAS, F. 1943. Las insculturas de Outeiro da Cruz, *Boletín del Museo Arqueológico Provincial de Orense*, vol. I, pp. 95-101.
- . 1951. La clasificación tipológica del arte rupestre del Noroeste Hispánico y una hipótesis sobre la cronología de alguno de sus tipos, *Zephyrus*, vol. II, Salamanca, pp. 73-81
- LÓPEZ JIMÉNEZ, O. BENET, N. 2005. La edad del Hierro en el área Sudoccidental de la meseta Norte: Organización social, explotación y ocupación del territorio. In *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia Actas das 2^{as} Jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, pp. 95-116.
- LORBLANCHET M. 1995. *Les grottes ornées de la Préhistoire*. Nouveaux regards. Eds Errance, Paris, 1995.
- . 2002. De l’art des grottes à l’art de plein air au Paléolithique. *L’art paléolithique à l’air libre. Le paysage modifié par l’image*. Carcassonne: 97-112.
- LORBLANCHET, M., BAHN, P. 1993. *Rock art studies. The Post-Styletic era or were do we go from here?* Oxford Monographs. 35.
- LORENZO-RUZA, R. S. 1951. Petroglifos e labirintos, *Revista de Guimarães*, vol. 61 (3-4), Guimarães, pp. 378-393.
- LOUREIRO, L. F. 2006. O santuário rupestre do Penedo da Moura, *Al-madam. Adenda electrónica*, nº 14, IV, pp. 1-6, disponível em Maio de 2007, no site www.almadam.cidadevirtual.pt ou www.almadam.publ.pt.
- LUCAS PELLICIER, R. 1971. Pinturas rupestres del Solapo del Águila (Río Duratón, Segovia), *Trabajos de Prehistoria*, 28, pp. 119-152, Madrid.
- . 1981. Aproximación al conocimiento de las estaciones rupestres y de la pintura esquemática en el Barranco de Duratón (Segovia), *Altamira Symposium*, pp. 505-526.
- LUÍS, L. 2000. Patrimoine archéologique et politique dans la vallée du Côa au Portugal, *Les Nouvelles de l’Archéologie*, 82: 4e trimestre, Paris, pp. 47-52.
- . 2005. Arte rupestre e ocupação humana no Vale do Côa: Balanço da investigação no Parque Arqueológico do Vale do Côa. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 7 Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, pp. 31-60.
- MACWHITE, E. 1951. *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispánica en la Edad del Bronce*, Seminario de Historia Primitiva del Hombre, Madrid.
- MAESTRO GONZÁLEZ, A. 2004. *Estructura y evolución alpina de la Cuenca de Almazán (Cordillera Ibérica)*, Excma. Diputación Provincial de Soria, Col. “Temas Sorianos”, núm. 48, Soria, 410 págs.
- MAESTRO ZALDIVAR, E. M. 1989. *Cerámica ibérica decorada con figura humana*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza Monografías arqueológicas 31.
- MARCO SIMÓN, F. 2005. Religion and Religious Practices of the Ancient Celts of the Iberian Peninsula. *e-Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies*. Milwaukee. 6 The Celts in the Iberian Peninsula, pp. 287-345. [Disponível em http://www.uwm.edu/Dept/celtic/ekeltoi/volumes/vol6/6_6].
- MARQUES, J. A. M. 1986. As gravuras da Chã da Sobreira e a arte rupestre no concelho de Monção. *Revista de Ciências Históricas*, vol. 1. Universidade Portucalense, Porto, pp. 11-29.
- MARTÍN, E. 1981. Arte rupestre paleolítico en la Meseta. *Memoria de Licenciatura inédita*, Valladolid.
- MARTÍN VALLS, R. 1983. Las insculturas del castro salmantino de Yecla de Yeltes y sus relaciones con los petroglifos gallegos, *Zephyrus*, XXXVI, pp. 217-231, Salamanca.
- MARTÍN, E., MOURE, J. A. 1981. El grabado de estilo paleolítico de Domingo García (Segovia). *Trabajos de Prehistoria*. 38. pp. 97-108.
- . 1988. El Arte Rupestre de Domingo García (Segovia). *Revista de Arqueología*, nº 87, Julio. pp. 16-24.

- MARTÍN, E., ROJO, A., MORENO, M. A. 1986. Hábitat postmusteriense en Mucientes (Valladolid). *Numantia*, II. pp. 87-100.
- MARTÍNEZ GARCÍA, J. 1986-87. Un grabado paleolítico al aire libre en Piedras Blancas (Escullar, Almería). *Ars Praehistorica*, V- VI. pp. 49-58.
- 1987. Reproducción y estudio directo del arte rupestre en la vertiente meridional de la Sierra de los Filabres. *Anuario Arqueológico de Andalucía*, 1987, T. II. Sevilla. pp. 395-397.
- 1992. Arte Paleolítico en Almería. Los primeros documentos. *Revista de Arqueología*, nº 130. pp. 24-33.
- 1995. Grabados prehistóricos, grabados históricos: reflexiones sobre un debate a superar, *Revista de Arqueología*, 172, pp. 14-23, Madrid.
- 1998. Abrigos y accidentes geográficos como categorías de análisis en el paisaje de la pintura rupestre esquemática. El sudeste como marco, *Arqueología Espacial* 19-20, pp. 543-561, Teruel.
- 2002. Pintura rupestre esquemática: el panel, espacio social”, *Trabajos de Prehistoria* 59-1, pp. 65-87, Madrid.
- 2003. Arte rupestre levantino: la complejidad de una confluencia espacio-temporal con el arte macroesquemático y esquemático en el proceso de “neolitización. *III Congreso Neolítico de la Península Ibérica*. 2003, Santander.
- 2005. Compartir el tiempo y el espacio: pinturas rupestres postpaleolíticas del levante peninsular. En *Arte Rupestre en la Comunidad Valenciana*. Ed. Generalitat Valenciana. 179-193. Valencia.
- MARTÍNEZ, M. I., COLLADO, H. 1997. Arte rupestre en la provincia de Badajoz. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 151-173.
- MARTÍNEZ SANCHEZ, C., NICOLÁS DEL TORO, M., GARCÍA BLÁNQUEZ, L. A., PONCE GARCÍA, J. 2006, Figuras esquemáticas pintadas procedentes de una sepultura de finales del III milenio en Lorca (Murcia), in J. Martínez García e M. S. Hernández Pérez (eds.), *Arte rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, pp. 513-520.
- MARTÍNEZ VALLE, R., GUILLEM CALATAYUD, P. M. 2005. Arte rupestre de l'Alt Maestrat; las cuencas de la Valltorta y de la Rambla Carbonera. En M. S. Hernández Pérez y J. A. Soler Díaz (Eds.) *Arte rupestre en la España mediterránea: actas del Congreso Alicante (25-28 de octubre de 2004)*: 71-88. Alicante: Instituto Alicantino de Cultura “Juan Gil-Albert”, Caja de Ahorros del Mediterráneo.
- MARTÍNEZ VALLE, R., GUILLEM, P. M., CUEVAS, R. (e. p.). Arte rupestre y poblamiento prehistórico en el territorio de Valltorta-Gassulla. *IV Congreso del Neolítico en la Península Ibérica*. 27 al 30 de Noviembre 2006. Alicante.
- MARTÍNEZ VALLE, R., CALATAYUD, P. G., VILLAVERDE, V. 2003. Las figuras grabadas de estilo paleolítico del Abric D'en Meliá (Castelló). En: R. de Balbín y P. Bueno eds: *Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella*. pp. 279-290.
- MARTÍNEZ VALLE, R., VILLAVERDE, V. 2002 *La cova dels Cavalls en el Barranc de la Valltorta*. Museu de la Valltorta.
- MARTINS, A. 2006. Gravuras rupestres do Noroeste peninsular: a Chã da Rapada, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 9, nº 1, Lisboa, pp. 47-70.
- MARTINS, C. M. B. 2006. *Proto-história e romanização no monte da Sra. do Castelo (Urros, Torre de Moncorvo*. Comunicação apresentada no III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Debates no Vale do Côa, em Pinhel, a 17 de Maio.
- MARTZLUFF, M., JOUY-AVANTIN, F., FABRE, B., BLAIZE. 2005. Nouvelles gravures rupestres au Pla de Vall en So (Conflent, P-O). *Roches ornées, roches dressées: colloque en hommage à Jean Abélanet*. Perpignan, 24-25 Mai 2001, A. A. P-O, Presses Universitaires, Perpignan. pp. 171-184.
- MAS CORNELLÀ, M. 1986-1987. Los grabados de la cueva del Arco (Conjunto rupestre del Tajo de las Figuras) y el abrigo del Tajo de Albarianes (Medina Sidonia, Cádiz). *Ars Praehistorica*, V-VI: 247-252. Vic.
- 1991. Documentación e investigación de las manifestaciones artísticas de las Cuevas de las Palomas. Abrigos de Bacinete y conjunto rupestre del Tajo de las Figuras (Cádiz). *Anuario Arqueológico de Andalucía*, 1991, II: 99-104. Sevilla.
- MAS, M. et alii. 1997. Arte rupestre en Andalucía. Nuevas investigaciones. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 33-51.
- MAS CORNELLÀ, M., RIPOLL LÓPEZ, S. 2002. Technologie et thématique de l'art rupestre paléolithique sous abris rocheux dans le sud de la péninsule ibérique (Andalousie-Espagne) . *L'art paléolithique à l'air libre*, le paysage modifié par l'image. Tautavel-Campôme, 7-9 octobre 1999. 87-94. Tautavel.
- MAS CORNELLÀ, M., RIPOLL LÓPEZ, S., MARTOS ROMERO, J. A., PANIAGUA PÉREZ, J. P., LÓPEZ MORENO DE

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- REDROJO, J. R., BERGMANN, L. 1995. Estudio preliminar de los grabados rupestres de la Cueva del Moro (Tarifa, Cádiz) y el arte paleolítico del Campo de Gibraltar. *Trabajos de Prehistoria*. Vol. 52, nº 2: 61-81. Madrid.
- MAS, M., RIPOLL, S., BERGMANN, L., PANIAGUA, J. P., LÓPEZ, J. R., MARTOS, J. A. 1996. La Cueva del Moro. El arte paleolítico más meridional de Europa. *Revista de Arqueología*, 177: 14-21.
- MATEO, M. A. 2002. La llamada fase pre-levantina y la cronología del arte rupestre levantino. Una revisión crítica. *Trabajos de Prehistoria*, 59 nº 1, pp. 49-64.
- 2003. *Arte rupestre prehistórico en Albacete. La cuenca del río Zumeta*. Estudios, nº 147. Instituto de Estudios Albacetenses Don Juan Manuel. Diputación Provincial de Albacete, 236 págs.
- MATEU BELLÉS, J. F. 1982. *El norte del País Valenciano. Geomorfología litoral y prelitoral*. Universitat de Valencia.
- MEIRELES, J. 1997. Quaternário do Vale do Côa in ZILHÃO (coord.), *Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa*, Ministério da Cultura, pp. 41-54.
- MEIRELES, J. ALMEIDA, F. 1998. Geologia. In ZILHÃO, J., ed. *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa: trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 41-73.
- MENÉNDEZ, M. 2003. Arte prehistórico y territorialidad en la cuenca del río Sella. En: R. de Balbín y P. Bueno Eds: *El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI. Ribadesella 2003*. pp. 185-200.
- MERCIER N., VALLADAS H., AUBRY, T., ZILHÃO J., JORONS, J. L., REYSS J. L., SELLAMI, F. e. p. Fariseu: first confirmed open-air paleolithic parietal art site in the Côa Valley (Portugal). *Antiquity*.
- MERCIER N., VALLADAS H., FROGET L., JORONS, J. L., REYSS J. L., AUBRY T. 2001. Application de la méthode de la thermoluminescence à la datation des occupations paléolithiques de la vallée du Côa. *Actes du Colloque: "Les premiers hommes modernes de la Péninsule ibérique"*, Vila Nova de Foz Côa, 22-24/10/1998, pp. 275-280.
- MITHEN, S. 1998. *Arqueología de la mente*. Barcelona.
- MOLEAUX, B. L. 1997. Introduction. The Cultural life of images, in B. L. Moleaux (ed.), *The Cultural life of Images. Visual representation in Archaeology*, Routledge, London/New York, pp. 1-10.
- MONTANO, C., IGLESIAS, M. 1988. *Grabados rupestres de Alcántara*. Excmo. Ayuntamiento de Alcántara. Cáceres.
- MONTEIRO-RODRIGUES, S. 2002. Estação pré-histórica do Prazo-Freixo de Numão. *Coavisaio: Cultura e Ciência*. Vila Nova de Foz Coa, 4: pp. 113-126.
- MONTEIRO-RODRIGUES S., ANGELUCCI D. 2004. New data on the stratigraphy and chronology of the prehistoric site of Prazo (Freixo de Numão). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 7, nº 1, pp. 39-60.
- MONTES BERNÁRDEZ, R., SALMERON JUAN, J. 1998. *Arte Rupestre Prehistórico en Murcia*, Murcia.
- MORENO, M. 1996. La mesa de los Infantes en la Sierra del Almuerzo, *Diario de Soria*, martes 30 de julio, p. 11.
- MORPHY, H. 1991. *Ancestral Connections*, Chicago University Press, Chicago.
- 1994. The Anthropology of Art, in T. Ingold (ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology*, Routledge, London/New York, pp. 648-685.
- 1998. *Aboriginal Art*, Phaidon, London/New York.
- MOURE, J. A., GONZÁLEZ SAINZ, C. 2000. Cronología del arte paleolítico cantábrico: últimas aportaciones estado actual de la cuestión. *Paleolítico da Península Ibérica*. Porto:461-473.
- MOURE ROMANILLO, A., GONZÁLEZ SAINZ, C., BERNALDO DE QUIRÓS, F., CABRERA VALDÉS, V. 1996. Dataciones Absolutas de Pigmentos en Cuevas Cantábricas: Altamira, El Castillo, Chimeneas y Las Monedas" in MOURE ROMANILLO (ed.), "El Hombre Fósil" 80 Años Después. *Homenaje a Hugo Obermaier*, Santander, Universidad de Cantabria, Fundación Marcelino Botín e Institute for Prehistoric Investigations, pp. 295-324.
- MOURE, J. A., GONZÁLEZ SAINZ, C., GONZÁLEZ MORALES, M. R. 1987. La cueva de La Haza (Ramales, Cantabria) y sus pinturas rupestres. *Veleia*, 4. Vitoria. pp. 67-92.
- MOURE, A., LÓPEZ, P. 1979. Los niveles preneolíticos del abrigo del Verdelpino (Cuenca). *XV Congreso Nacional de Arqueología*; pp. 11-124.
- MUÑOZ IBÁÑEZ, F. J., RIPOLL LÓPEZ, S., BALDELLOU MARTÍNEZ, V., AUSO, P. 2001. La Fuente del Trucho. *Bolskan* nº 18, 2001, pp. 211-224
- MURILLO, M. 1977. Hallazgos arqueológicos en Aldeacentenera. *Rev. Alcántara*, nº 188, pp. 46-48.
- NEIRA CAMPOS, A., FUERTES PRIETO, N., ERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, C., BERNALDO DE QUIRÓS, F. 2006. Paleolítico Superior y Epipaleolítico de la provincia de León. En G. Delibes y F. Díez (eds): *El Paleolítico Superior en la Meseta Norte Española. Studia Archaeologica*. nº 54; pp. 113-148.

- NOVA CONSERVAÇÃO 2004. *Análise e projecto de conservação da rocha nº 1 (com gravuras) e de uma rocha-tipo no núcleo da Ribeira de Piscos*. Relatório entregue pela Nova Conservação, Lda ao PAVC no âmbito do projecto de experimentação prévia de soluções de conservação para a arte rupestre do Vale do Côa.
- NOVOA ÁLVAREZ, P. e COSTAS GOBERNA, F. J. 2004. La fauna en los grabados rupestres de la Ribeira portuguesa del Miño, *Boletín del Instituto de Estudios Vigueses*, ano X, nº 10, Vigo, pp. 177-204.
- NOVOA ÁLVAREZ, P., Sanromán Veiga, J. 1999. Nuevos aportes al arte rupestre de Portugal, *Congreso Internacional de Arte Rupestre Europeia*, Vigo (texto da comunicação policopiado).
- NUÑEZ SOBRINO, A. 2000. Estudio preliminar, in R. SOBRINO BUHIGAS. 1935 [2000] *Corpus Petroglyphorum Gallaeciae*, Fac Similae, Edicios do Castro, A Coruña, pp. 13-67.
- OBERMAIER, H. 1916. El Hombre Fósil. *Memorias de la Comisión de Investigaciones Prehistóricas y Paleontológicas*, nº 9. Madrid.
- 1923. Impresiones de un viaje prehistorico por Galicia, *Separata del Boletim de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*, tomo VII, nº 148-149, Ourense, pp. 1-21.
- 1925. Die Bronzezeitlichen Felsgravierungen von Norwestspanien (Galicien), *Jahrbuch für Prähistorische und Ethnographische Kunst*, 1. Berlin: 51-59.
- ODDY, A., CARROLL, S. eds. 1999 - *Reversibility – Does It Exist?* London: British Museum.
- OLARIA PUYOLES, C. 1988. *Cova Fosca. Un asentamiento meso-neolítico de cazadores y pastores en la serranía del Alto Maestrazgo*. Monografies de Prehistòria i Arqueologia Castellonenques, 3. Castellón.
- 1999. *Cova Matutano*. (Villafamés, Castellón). Monografías de Prehistoria i Arqueología Castellonenses, 5.
- OLÀRIA, C., GUSI, F., DÍAZ, M. 1990. El asentamiento neolítico del Cingle del Mas Nou (Ares del Maestre, Castellón). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonenses*, 13, 1987-88: 95-170.
- ORTEGO FÍAS, T. 1951. Las estaciones de arte rupestre en el Monte Valonsadero de Soria, *Celtiberia*, 2, pp. 275-305, Soria.
- 1956. Los grabados prehistóricos de la Cueva de Santa Cruz, en el término de Conquezueta (Soria), *Libro Homenaje al Conde de la Vega del Sella*, Oviedo, pp. 219-229.
- 1960. Excavaciones arqueológicas en la provincia de Soria, *Caesaraugusta*, 15-16, pp. 107-132, Zaragoza.
- PARAFITA, A. 2003. O paradoxo do Vale do Côa, *Tribuna Douro*, 2, Junho 2003, Régua, p. 37.
- PAZ PERALTA, J. A. 2000. Consideraciones en la identificación de los grabados rupestres históricos-medievales en Aragón (siglos XI-inicios del XIII), *Bara*, 3, pp. 141-162, Zaragoza.
- PEÑA SANTOS, A. DE LA. 1998. Para una aproximación historiográfica a los grabados rupestres galaicos, in F. J. Costas Goberna e J. M. Hidalgo Cuñarro (eds.), *Reflexiones sobre el arte rupestre prehistórico de Galicia*, Asociación Arqueológica Viguesa, Serie Arqueología Divulgativa, nº 4, Vigo, pp. 7-37.
- 2003. Un acercamiento historiográfico a los grabados rupestres galaicos, in R. de BALBÍN BEHRMANN e P. BUENO RAMIREZ (eds.), *El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI. Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella*, Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, Ribadesella, pp. 351-390.
- 2005. Arte rupestre en Galicia, in J. M. Hidalgo Cuñarro (ed.), *Arte rupestre Pré-histórica do Eixo Atlântico*, Eixo Atlântico, pp. 3-82.
- PEÑA, A. DE LA, REY, J. M. 1993. El espacio de la representación. El arte rupestre gallego desde una perspectiva territorial. *Pontevedra. Revista de Estudios Provinciais*, 10:11-50.
- 1997a. Arte parietal megalítico y grupo galaico de arte rupestre: una revision crítica de sus encuentros y desencuentros en la bibliografía arqueológica, *Brigantium* 10, A Coruña, pp. 299-300.
- 1997b. Sobre las posibles relaciones entre el arte parietal megalítico y los grabados rupestres galaicos, in A. A. RODRÍGUEZ CASAL (ed) *O Neolítico Atlántico e as orixes do megalitismo*, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, pp. 829-838.
- 1998. Perspectivas actuales de la investigación del arte rupestre Galaico, in R. FÁBREGAS VALCARCE (ed.), *A Idade do Bronze en Galicia. Novas perspectivas*. Cadernos do Seminário de Sargadelos 77, Edicios do Castro, A Coruña, pp. 221-242.
- 2001. *Petroglifos de Galicia*. Ed. Viá Láctea.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- PEÑA SANTOS, A. DE LA, VÁZQUEZ VARELA, J. M. 1979. *Los Petroglifos Gallegos. Grabados rupestres prehistóricos al aire libre en Galicia*. Cuadernos del Seminario de estudios Cerámicos de Sargadelos 30, Edicions do Castro, A Coruña.
- PERESTRELO, M. S. G. 2003. *A Romanização na bacia do rio Côa*. [s. l.]: Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- 2005. O Castelo dos Mouros de Cidadelhe e a Idade do Ferro no Médio Côa. In *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia Actas das 2as Jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, pp. 67-92.
- PERESTRELO, M. S., SANTOS, A. T. OSÓRIO, M. 2003. Estruturas em fossa no sítio do Picoto (Guarda, Portugal). In *Pré-Actas do "Encuentro de Jóvenes investigadores sobre Bronce Final y Hierro en la Península Ibérica" Salamanca, 20 a 22 de Octubre de 2003*. Salamanca: Cátedra Condes de Barcelona Fundación Duques de Soria, pp. 156-176.
- PERICOT GARCÍA, L. 1942. *La cueva del Parpalló (Gandía)*. Excavaciones del Servicio de Investigación Prehistórica de la Excma. Diputación Provincial de Valencia. Instituto Diego Velázquez, Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 349 págs., Madrid.
- PETERSON, R., MOUNTFORT, G., HOLLOM, P., GEROUDET, P. 1981. *Guides oiseaux d'Europe*. Delachaux et Niestlé. 451 pp.
- PHILLIPS, F. M., MONTGOMERY, F., ELMORE, D., SHARMA, P. 1997. Maximum Ages of the Côa Valley (Portugal) Engravings Measured with Chlorine-36. *Antiquity*. Cambridge. 71, pp. 100-104.
- PIETTE, E. 1907. *L'art pendant l'age du renne*. Masson, Paris, 11 pp.
- PIGEAUD, R. 2004. La Grotte Ornée Mayenne-Sciences (Thorigné-en-Charnie, Mayenne), *Gallia Préhistoire*, 46, Paris, CNRS Éditions, pp. 1-154.
- PIGEAUD, R., VALLADAS, H., ARNOLD, M., CACHIER H. 2003. Deux datations carbone 14 en spectrométrie de masse par accélérateur (SMA9 pour une représentation pariétale de la grotte Mayenne-Sciences (Thorigné-en-Charnie, Mayenne): émergence d'un art gravettien en France septentrionale? *C. R. Palevol* 2 (2003), pp. 161-168.
- PINA CABRAL, J. de 1987. Paved roads and enchanted moorlands: the perception of the past amongst the peasant population of the Alto Minho, *Man*, 22, pp. 715-735.
- 1991. *Os contextos da Antropologia*, Memória e Sociedade, Difel.
- PINTO, R., 1929. Petroglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal, *Nós*, ano IX, nº 62, pp. 19-26.
- PIÑÓN VARELA, F. 1982. *Las pinturas rupestres de Albarraçín (Teruel)*. Centro de Investigación y Museo de Altamira. Monografía nº 6: 241 págs. Santander.
- PIÑÓN, F., BUENO, P., PEREIRA, J. 1984. La estación de arte rupestre esquemático de la Zorrera (Mora) *Anales Toledanos*, XIX. Toledo; pp. 11-36.
- PYE, E. 2001. *Caring for the past. Issues in conservation for archaeology and museums*. London. James&James.
- QUEIROGA, F. M. V. R. 1999. Breia, EIA IC/28 (Viana do Castelo, Estorãos) Relatório dos Trabalhos Arqueológicos, IPA (súmula dos resultados disponível, em Maio de 2007, na base de dados do IPA – Endovélico – no site www.ipa.min-cultura.pt).
- RAPHAEL, M. 1945. *Prehistoric Cave Paintings*, New York, Pantheon Books [The Bollingen Series, IV].
- RASILLA, M. DE LA, HOYOS, M. CAÑAVÉRAS, JIMÉNEZ, J. C. 1996. El abrigo de Verdelpino (Cuenca). Revisión de su evolución sedimentaria y arqueológica. *Complutum Extra* 6 "Homenaje al Dr. Fernández Miranda", Vol. 1:75-82.
- REBANDA, N. 1995a. Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa. *Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico*. Lisboa.
- 1995b. Barragem de Vila Nova de Foz Côa. Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre, *Boletim da Universidade do Porto*, 25, Junho, Porto, pp. 11-16.
- REYNOSO, C. 2000. Interpretando a Clifford Geertz, in C. Geertz, *La interpretación de las culturas*, Editorial Gedisa, Barcelona, pp. 9-12.
- RIBEIRO, M. L. 2001. *Notícia explicativa da carta geológica simplificada do Parque Arqueológico do Vale do Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- RIBEIRO, O. 1987. *A formação de Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa Coleção Identidade série Cultura Portuguesa.
- RIBEIRO, A. T., ALVES, L. B., BETTENCOURT, A., MENEZES, R. T. (En prensa): Space of memory and representation: Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Maia, Northwestern Portugal), in A. BETTENCOURT e L. B. ALVES (eds.) *Places, Memory and Identity in the European Bronze Age*, Lisbon.

- RICOEUR, P. 2000. *Teoria da interpretação*, Lisboa, Edições 70.
- RINCÓN VILA, R. 1993. El abrigo de La Calderota, Olleros de Paredes Rubia, Palencia. Avance al estudio de los esquematismos rupestres en la Cantabria Antigua y las montañas de Palencia y Burgos, *Institución Tello Téllez de Meneses*, 64, p. 37-179, Palencia.
- RIPOLL PERELLÓ, E. 1961-62. La cronología relativa del santuario de la Cueva de la Pileta y el arte solutrense. *Homenaje al Prof. C. de Mergelina*. 739-751. Murcia.
- 1965. Una pintura de tipo Paleolítico en La Sierra del Montsiá (Tarragona) y su posible relación con los orígenes del arte levantino. *Miscelánea en Homenaje al abate Henri Breuil*, t. II. Barcelona, 297-305.
- 1981. Los grabados rupestres del Puntal del Tío Garrillas (término de Pozondón, Teruel), *Teruel*, 66, pp. 147-155.
- 1997. Historia de la investigación del arte rupestre en Extremadura. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 13-21.
- RIPOLL, S., COLLADO, H. 1997. La Mina de Ibor (Cáceres): Nueva estación con arte rupestre paleolítico en Extremadura. *Revista de Arqueología (Madrid)* núm. 196, Agosto de 1997, pp. 24-29.
- RIPOLL, S., CACHO, C., MUNICIO, L. 1997. El Paleolítico Superior en la Meseta. *Espacio, tiempo y forma. Serie I, Prehistoria y arqueología*, n° 10, 1997, pp. 55-88.
- RIPOLL LÓPEZ, S., MAS CORNELLÁ, M. 1999. La grotte d'Atlanterra (Cádiz, Espagne). *International Newsletter on Rock Art*, 23: 3-5. Foix.
- RIPOLL LÓPEZ, S., MAS CORNELLÁ, M., MUÑOZ, J. F. 2002. Dix années de recherches sur l'art rupestre paléolithique dans la péninsule ibérique. *L'art paléolithique à l'air libre, le paysage modifié par l'image*. Tautavel-Campôme, 7-9 octobre 1999. 159-174. Tautavel.
- RIPOLL LÓPEZ, S., MAS CORNELLÁ, M., TORRA COLELL, G. 1991. Grabados paleolíticos en la Cueva del tajo de las Figuras (Benalup, Cádiz). *Espacio, Tiempo y Forma. Serie I: Prehistoria y Arqueología*, 4:111-126. UNED. Madrid.
- RIPOLL, S., MUNICIO, L. 1992. Las representaciones de estilo paleolítico en el conjunto de Domingo García (Segovia). *Espacio, Tiempo y Forma (UNED), Serie I, Prehistoria y Arqueología*, t. V. pp. 107-138.
- 1999. Dirs. *Domingo García. Arte Rupestre Paleolítico al aire libre en la meseta castellana*. Monografías de la Junta de Castilla y León, n° 8.
- RIPOLL, S., MUNICIO L., MUÑOZ, F. J., PÉREZ, S., LÓPEZ, J. R. 1994. Un conjunto excepcional de Arte Paleolítico: El Cerro de San Isidro en Domingo García (Segovia). *Nuevos descubrimientos. Rev. De Arqueología*, n° 157, mayo 1994. Madrid. pp. 12-21.
- RIPOLL, S., MUÑOZ, F. J. 2003. El arte mueble del yacimiento de la Peña de Estebanvela. En: R. de BALBÍN y P. BUENO eds. *Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella*. 2003. pp. 263-278.
- RIPOLL, S., MUÑOZ, F. J., PÉREZ, S., MUÑIZ, M., CALLEJA, F., MARTOS, J. A., LÓPEZ, R. y AMAYA, C. 1994. Arte rupestre paleolítico en el yacimiento solutrense de la Cueva de Ambrosio (Vélez-Blanco, Almería). *Trabajos de Prehistoria*, 51, 2. pp. 21-39.
- RIPOLL LÓPEZ, S., RIPOLL PERELLÓ, E., COLLADO GIRALDO, H. 1997. Avance al estudio de la Cueva de Maltravieso (Cáceres). El arte rupestre paleolítico en Extremadura. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 95-117.
- 1999. *Maltravieso, el santuario extremeño de las manos*. Memorias 1, Museo de Cáceres, 168 págs.
- ROCHETTE CORDEIRO, A. M., REBELO, F. 1996. Carta geomorfológica do Vale do Côa a jusante de Cidadelhe. *Cadernos de Geografia*, n° 15, 1996, Coimbra F.L.U.C., pp. 11-33.
- RODRIGUES, J. D. 1999. *Conservação da Arte Rupestre do Parque Arqueológico do Vale do Côa*. Relatório 241/99 – Gero, LNEC. Trabalho realizado para o Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, R. M. y SÁNCHEZ SÁNCHEZ, X. M. 2000. Los grabados rupestres de época medieval. Una aproximación teórica, *Congreso Internacional de Arte Rupestre Europea*, Vigo.
- ROMERO CARNICERO, F. 1991. *Los Castros de la Edad del Hierro en el Norte de la provincia de Soria*, Studia Archaeologica, 80, Valladolid.
- ROSSELLÓ, V. M. 1995. *Geografia del País Valencià*. Edicions Alfons el Magnànim. Institució Valenciana d'Estudis i Investigació. Generalitat Valenciana. Diputació de València. València.
- ROUSSOT, A. 1990. Art mobilier et parietal du Périgord et de la Gironde. Comparaisons stylistiques., *L'art des objets au Paléolithique. Colloque international d'art mobilier paléolithique*, Paris, t. 1:189-205.
- ROYO GUILLÉN, J. I. 1986-1987. El abrigo con grabados rupestres de Val Mayor, Mequinenza (Zaragoza), *Bajo Aragón. Prehistoria*, VII-VIII, pp. 179-190.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- 1999. Las manifestaciones ibéricas del arte rupestre en Aragón y su contexto arqueológico: una propuesta metodológica. *Bolskan*, nº 16, pp. 193-230.
- 2004. *Arte rupestre de época ibérica. Grabados con representaciones ecuestres*. Serie de Prehistòria i Arqueologia. Servei d'Investigacions Arqueològiques i Prehistòriques. Diputació de Castelló, 176 págs.
- ROUSSOT, A. 1984. Abri du Poisson. En *“L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises”*. Ministère de la Culture. París. pp. 154-156.
- 1990. Art mobilier et art pariétal du Périgord et de la Gironde: comparaison stylistique. In: Actes des colloques de la Direction du Patrimoine, *L'art des objets au Paléolithique*, Tome 1: L'art mobilier et son contexte, Foix – Le Mas d'Azil, novembre 1987, pp. 189-205.
- RUBIO ANDRADA, M. 1991. *La pintura rupestre en el parque natural de Monfragüe (Cáceres)*. Trujillo, 105 págs., 76 figs. y 1 mapa.
- RUBIO, M., PASTOR, V. 1999. El grabado del Cándalo, Garciaz (Cáceres). *Zephyrus*, vol. LII, pp. 303-318.
- RUST, A. 1943. *Die alt und mittelsteinzeitlichen Funde von Stellmoor*. Neumünster. Karl Wachholtz.
- SACCHI, D. 1984. *L'art paléolithique de la France méditerranéenne*. Musée des Beaux-Arts de Carcassonne: 52 p., 84 fig. (préface de A. Leroi-Gourhan).
- 1987. L'art paléolithique des Pyrénées roussillonnaises. En J. Abelanet et Alii. Eds. *Etudes roussillonnaises offertes à Pierre Ponsich*. Perpignan. pp. 47-52.
- 1988a. Le rocher gravé de Fornols-Haut à Campôme, Pyrénées-Orientales, France. Etude préliminaire, *actes du 1er congrès international d'art rupestre*, 1985, *Bajo Aragon Prehistorica VII-VIII*, 1986-1987: 279-293.
- 1988b. Un témoin de l'art paléolithique de plein air en Roussillon : le rocher gravé de Fornols-Haut, *actes du 7e colloque international d'archéologie de Puigcerdà*, 6-8 juin 1986: 37-42.
- 1993a. Les critères d'authenticité et de datation de l'art pariétal paléolithique. En *L'Art Pariétal Paléolithique. Techniques et méthodes d'étude. Documents Préhistoriques*, 5. París. pp. 311-314.
- 1993b. Les suidés. En: *L'Art Pariétal Paléolithique. Techniques et méthodes d'étude. Documents Préhistoriques*, 5. París. pp. 161-163.
- 1993c. Les Caprinés, Antilopinés, Rupicaprinés. En: *L'art pariétal paléolithique. Techniques et méthodes d'études*. CTHS, pp. 123-136.
- 1995. Brèves remarques à propos du site d'art rupestre de Foz Côa (Portugal), de son importance et de son devenir. En V. O. JORGE Ed. *Dossier Côa*. pp. 519-522.
- 2002a. Propos liminaire. In: *Actes du Colloque L'art Paléolithique à l'air libre: le Paysage modifié par l'image*, 07-09/10/1999. Coord. D. Sacchi, pp. 7-11.
- 2002 b. *L'art Paléolithique à l'air libre : le Paysage modifié par l'image*. Actes du Colloque de Tautavel-Campôme, 7-9 octobre 1999, Gaep & Geopre, Carcassonne. 245 pp.
- SACCHI, D., ABELANET, J. BRULE, J. L. 1987. Le rocher gravé de Fornols-Haut. *Archéologia* 225. pp. 52-57.
- 1988. Un témoin d'art paléolithique de plein air en Roussillon: le rocher gravé de Fornols-Haut. *Actes du 7e colloque international d'archéologie de Puigcerdà*, 6-8 juin 1986, pp. 37-42.
- SACCHI, D., ABELANET, J. BRULE, J. L., MASSIAC, Y, RUBIELLA, C. VILETTE, P. 1988. Le rocher gravé de Fornols-Haut à Campôme, Pyrénées Orientales, France. Etude préliminaire. *I Congreso Internacional de Arte Rupestre. Bajo Aragón Prehistoria VII/VIII (1986/87)*. pp. 279-293.
- 1988b. Les gravures rupestres de Fornols-Haut, Pyrénées-Orientales. *Rev. L'Anthropologie*. T. 92, 1. París. p. 100.
- SAINT-MATHURIN, S. 1984. L'Abri du Roc-aux-Sorciers. En: *L'Art des cavernes. Atlas des grottes ornées françaises*. Ministère de la Culture, pp. 583-587.
- SAINT-PERIER, R. 1936. *La grotte d'Isturitz, II. Le Magdalénien de la Grande Salle*. Archives de l'IPH, 17. Masson, Paris, 139 pp.
- SALMERÓN, J., LOMBA, J. 1996. El Arte Rupestre Paleolítico. En J. Lomba, M. Martínez, R. MONTÉS & J. SALMERÓN: *Historia de Cieza*, Vol. I. Cieza Prehistórica. De la depredación al mundo urbano: 71-89.
- SALMERÓN, J., LOMBA MAURANDI, J., CANO GOMARIZ, M. 1999 a. El arte rupestre paleolítico de Cieza. Primeros hallazgos en la región de Murcia. Resultados de la 1ª Campaña de prospecciones Losares-Almadenes 93. *Memorias de Arqueología* 1993, 8, pp. 94-111.
- 1999b. Las pinturas rupestres de El Paso, Los Rumies y El Laberinto (Cieza, Murcia). *Actas del*

- XXIV Congreso Nacional de Arqueología, Cartagena 1997, vol. I, pp. 197-208.
- SALMERÓN, J., LOMBA, J., CANO, M., GRUPO LOS ALMADENES. 1997. Avance al estudio del arte rupestre paleolítico en Murcia: Las Cuevas de Jorge, Las Cabras y el Arco (Cieza, Murcia). XXIII Congreso Nacional de Arqueología. 201-216. Elche, 1995. Zaragoza.
- SAN ROMÁN FERNÁNDEZ, F. 2006. Librán y San Pedro Mallo: Nuevas estaciones de Arte Rupestre Esquemático en la provincia de León”, *Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica. Comarca de los Vélez*, Almería, 5-7 de mayo de 2004.
- SANCHES, M. J. 1996 a. *Ocupação Pré-histórica do Nordeste de Portugal*, série Monografias y Estudios, Fundación Rey Afonso Henriques, Zamora
- 1996b. Passos/Santa Comba Mountain in the context of the late prehistory of northern Portugal, *World Archaeology*, vol. 28(2), pp. 220-230
- 1997. *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, 2 vols., SPAE, Porto
- 2001. Spaces for social representation, choreographic spaces and paths in the Serra de Passos and surrounding lowlands (Trás-os-Montes, Northern Portugal) in *Late Prehistory, Archeos*, 12, IPT, Tomar, pp. 65-105.
- SANCHES, M. J., MOTA SANTOS, P., BRADLEY, R., FÁBREGAS VALCARCE, R. 1998. Land marks – a new approach to the rock art of Trás-os-Montes, northern Portugal, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 0, Porto, pp. 85-104.
- SÁNCHEZ MORENO, E. 2005. La guerra como estrategia de interacción social en la Hispania prerromana: Viriato, jefe redistributivo [Em linha]. In *Universidad Autónoma de Madrid: Área de Historia Antigua*. [citado em 26 de Setembro de 2006]. Disponível em <<http://www.ffil.uam.es/antigua/piberica/viriato/viriato1.htm>>.
- SANCHIDRIÁN TORTI, J. L. 1981. *Cueva Navarro (Cala del Moral, Málaga)*. Corpus Artis Rupestris, I. Paleolithica. Vol. I. Salamanca.
- 1982. La cueva del Morrón (Jimena, Jaén). *Zephyrus*, XXXIV-XXXV: 5-12. Salamanca.
- 1984-85. Algunas bases para el estudio de los actos funerarios eneolíticos: Sima de Curra (Carratraca, Málaga), *Zephyrus*, XXXVII-XXXVIII, Salamanca, pp. 227-248.
- 1986. Arte prehistórico en la cueva de Nerja. En *Trabajos sobre la cueva de Nerja, I. La Prehistoria de la Cueva de Nerja (Málaga)*. 283-330. Málaga.
- 1987. Arte rupestre en Andalucía. En *Arte Rupestre en España. Revista de Arqueología* (Monografía) 96-105. Madrid.
- 1997. Propuesta de la secuencia figurativa en la Cueva de la Pileta. *El món mediterrani després del Pleniglacial (18.000-12.000 BP)* (Fullola, J. M. et Soler, N. eds.). Museu d'Arqueologia de Catalunya-Girona, Serie Monogràfica, 17: 411-433.
- 2000. Panorama Actual del Arte Paleolítico en Andalucía, *Paleolítico da Península Ibérica*, Porto, ADECAP [Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. II], pp. 541-554.
- SANCHIDRIÁN TORTI, J. L., MAS CORNELLÁ, M. 1993. Discusiones en torno al considerado arte paleolítico del Campo de Gibraltar (Cádiz) . *II Congreso Internacional El Estrecho de Gibraltar*. Ceuta, Noviembre de 1990. UNED. Madrid.
- SANTIAGO VILCHES, J. M. 1982. La cueva de las Palomas en el arte paleolítico del sur de España. *Boletín del Museo de Cádiz* II: 5-11, 1979-1980. Diputación Provincial de Cádiz. Cádiz.
- SANTOS, A. T. 2003. *Uma Abordagem Hermenêutica – Fenomenológica à Arte Rupestre da Beira Alta. O caso do Fial (Tondela, Viseu)* [Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto], Porto.
- En prensa. A Fenomenologia da Pré-história e a Arte Rupestre ou “Como o martelo só se revela no acto de martelar, *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*.
- SANTOS ESTÉVEZ, M. 1998. Los espacios del arte: el diseño del panel y la articulación del paisaje en el arte rupestre gallego, *Trabajos de Prehistoria*, 55, nº2, Madrid, pp. 73-88.
- 2005. Sobre a cronologia del arte rupestre atlântico en Galicia, *Archaeoweb*, 7 (2) Setembro/Dezembro, disponível em Maio de 2007 no site <http://www.ucm.es/info/archeoweb>
- 2006. Respuesta a la réplica firmada por F. J. Costas Goberna, R. Fábregas Valcarce, J. Guitián Castro-mil, X. Guitián Rivera y A. de la Peña Santos aparecida en el foro con fecha 23/01/2006, *Archaeoweb*, 8(1) Abril, disponível em Maio de 2007 no site <http://www.ucm.es/info/archeoweb>

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- SANTOS ESTÉVEZ, M., GARCÍA QUINTELA, M. V., PARCERO UBIÑA, C. 2007. Un programa de investigación para el arte rupestre en Galicia, *Archaeoweb*, 8 (2), Janeiro, disponível em Maio de 2007 no site <http://www.ucm.es/info/arqueoweb>
- SANTOS JÚNIOR, J. R. 1933. O abrigo pré-histórico da «Pala Pinta», *Trabalhos de Arqueologia e Etnologia*, vol. 6 (1), Porto, pp. 33-43.
- 1934. As pinturas pré-históricas do Cachão da Rapa, *Trabalhos de Arqueologia e Etnologia*, vol. 6 (3), Porto, pp. 185-222.
- 1940. Arte rupestre, *Congresso do Mundo Português*, vol. I, Lisboa, pp. 327-376.
- SANZ PÉREZ, E. 2001. *Las montañas de Urbión, Cebollera y Cabrejas. Geomorfología y patrimonio geológico*, Excma. Diputación Provincial de Soria, Col. “Temas Sorianos”, núm. 43, Soria, 244 págs.
- SAUVET, G. 1988. La Communication Graphique Paléolithique (De l’analyse quantitative d’un corpus de données à son interprétation sémiologique), *L’Anthropologie (Paris)*, 92 (1), Paris, pp. 3-16.
- SARMENTO, M. 1933 [1878]. Sinaes gravados em rochas. *Dispersos*, pp. 161-162.
- SAUVET, G., SAUVET, S. 1979. Fonction sémiologique de l’art pariétal animalier franco-cantabrique, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 76 (10-12), Paris, pp. 340-354.
- 1983. *Los Grabados Rupestres Prehistoricos de la Cueva de La Griega (Pedraza, Segovia)*, Salamanca, Departamento de Prehistoria y Arqueologia da Universidad de Salamanca [*Corpus Artis Rupestris I. Palaeolithica Ars*, 2].
- SAUVET, G., SAUVET, S., WLODARCZYK, A. 1977. Essai de sémiologie préhistorique (Pour une théorie des premiers signes graphiques de l’homme), *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 74 (2), Paris, pp. 545-558.
- SAUVET, G., WLODARCZYK, A. 1995. Éléments d’une Grammaire Formelle de l’Art Pariétal Paléolithique, *L’Anthropologie (Paris)*, 99 (2-3), Paris, pp. 193-211.
- SCARRE, C. 2002. Contexts of monumentalism: regional diversity at the Neolithic transition in north-west France, *Oxford Journal of Archaeology*, vol. 21, n° 1, Oxford, pp. 23-61.
- SEGURA, F. S. 1990. *Las ramblas valencianas. Algunos aspectos de hidrología, geomorfología y sedimentología*. Universitat de València.
- SELLAMI, F., N. TEYSSANDIERT & M. TAHA. 2001. Dynamique du sol et fossilisation des ensembles archéologiques sur les sites de plein air. Données expérimentales sur l’organisation des micro-artefacts et les traits pédo-sédimentaires, in L. BOURGUIGNON, I. ORTEGA and M.-C. FRÈRE-SAUTOT (eds.), *Préhistoire et approche expérimentale*: 313-324. Montagnac: Editions M. Mergoil.
- SEVILLANO, M. C. 1976a. Grabados rupestre de carros y ruedas en Vegas de Coria (Cáceres). *Zephyrus*, XXVI-XXVII, pp. 258-267.
- 1976b. Un petroglifo con inscripción en la comarca de las Hurdes, Cáceres. *Zephyrus*, XXVI-XXVII, pp. 268-291.
- 1979. Noticia de un grabado en las Erias (Cáceres). *Zephyrus*, XXVIII-XXIX, pp. 229-233.
- 1983. Analogías y diferencias entre el arte rupestre de Las Hurdes y el del valle del Tajo. *Zephyrus*, XXXVI, pp. 259-265.
- 1991. *Grabados rupestres en la comarca de las Hurdes (Cáceres)*. Acta Salmanticensia, n° 77, Salamanca, 216 págs.
- SEVILLANO, M. C., BÉCARES, J. 1997. Grabados rupestres en la comarca de las Hurdes. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 75-94.
- SHEE, E. 1974. Painted megalithic art in western Iberia, *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. 1, Porto, pp. 105-123.
- 1981a. *The Megalithic Art of Western Europe*, Clarendon Press, Oxford.
- 1981b. A pedra decorada de Ardegães de Águas Santas (Concelho da Maia), *Arqueologia*, 3, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, Porto, pp. 49- 55.
- SEIVEKING, A. 1987. *A Catalogue of Palaeolithic Art in the British Museum*. British Museum Publications, Londres, 115 pp.
- SILVA, E. J. L. 2000. Novos dados sobre o Megalitismo do Norte de Portugal, in V. S. GONÇALVES (ed.), *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos*, *Trabalhos de Arqueologia*, vol. 25, Lisboa, pp. 269-280.
- SILVA, E. J. L., CUNHA, A. L. 1986. As gravuras rupestres do Monte da Laje (Valença), *Livro de Homenagem a Jean Roche*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, pp. 490-505.
- SILVA, A. F., RIBEIRO, M. L. 1991. *Carta Geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 15-A Vila Nova de Foz Côa*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

- SIMMONET, G., L., R. 1984. Quelques beaux objets d'art venant de nos recherches dans la grotte ornée de Labastide (Haute-Pyrénées). Approche naturaliste. *Bull. de la Soc. de Spéléologie et Préhistoire*, XXIV, pp. 25-36.
- SOBRINO BUHIGAS, R. 2000 [1935]. *Corpus Petroglyphorum Gallaeciae*. Seminario de Estudos Galegos, Edición do Castro, A Coruña, edición facsimilae.
- SOÑEÑA, G. 2005. Celtiberian Ideologies and Religion. *e-Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies*. Milwaukee. 6 The Celts in the Iberian Peninsula, pp. 347-410. [Disponível em <http://www.uwm.edu/Dept/celtic/ekeltoi/volumes/vol6>].
- SORIA LERMA, M., LÓPEZ PAYER, M. G. 1999. Arte esquemático en la Cuenca Alta del Segura. Nuevas aportaciones. *Boletín del Instituto de Estudios Gienenses*, nº 176, tomo II (Julio/Diciembre), pp. 909-943.
- SOUSA, O. 1988. As pinturas rupestres da mamoa 3 de Chã de Parada – Baião. Notícia preliminar. *Arqueologia*, nº 17, Porto, pp. 119-120.
- SOUSA, A. C., SOARES, A. M., MIRANDA, M., QUEIROZ, P. F., LEEUWAARDEN, W. V. 2004. *São Julião. Nucleo C do concheiro pré-histórico*. Cadernos de Arqueologia de Mafra, 2. Mafra.
- SOUTO, A. 1932. Arte Rupestre em Portugal (Entre Douro e Vouga). As insculpturas da Serra de Cambra e de Sever e a expansão das combinações circulares e espiraladas no noroeste peninsular, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. V (IV), Porto, pp. 285-300.
- STUIVER, M., REIMER, P. J., BARD, E., BECK, J. W., BURR, G. S., HUGHEN, K. A., KROMER, B., MCCORMAC, F. J., van der PLICHT, J., SPURK, M. 1998. INTCAL98 Radiocarbon age calibration 24,000 – 0 cal BP, *Radiocarbon*, 40, pp. 1041-1083.
- TAÇON, P. 1993. Introduction: Expressing relationships to the land by marking special places, in P. FAULSTICH and P. S. C. Taçon (eds) *Spatial considerations in rock art. Time and Space AURA* 8, pp. 81-83.
- 1999. Identifying sacred landscapes in Australia: from physical to social, in W. ASHMORE and A. B. KNAPP (eds), *Archaeologies of Landscape. Contemporary perspectives*. Blackwell, Oxford, pp. 33-57.
- TERÉS NAVARRO, E. 1987. Pinturas rupestres en El Raso de Candeleda, *Revista de Arqueología*, 73, pp. 60-61, Madrid.
- THOMAS, J. 1996. *Time, Culture and Identity - An interpretive archaeology*, London/New York, Routledge.
- 1993. The Politics of Vision and the Archaeologies of the Landscape, in B. Bender (ed.), *Landscape, Politics and Perspectives*, Berg, New York/Oxford, pp. 19-46.
- TILLEY, C. 1994. *A Phenomenology of Landscape: Places, Pats and Monuments*. Oxford: Berg.
- 2004. *The materiality of stone. Explorations in landscape phenomenology*, Oxford/New York, Berg.
- TOPPER, U. 1975. Felsbilder an der Südspitze Spaniens. *Madrid Mitteilungen* 16: 25-55. Instituto Arqueológico Alemán. Madrid.
- TOPPER, U. y W. 1988. *Arte Rupestre en la provincia de Cádiz*. Ed. Diputación Provincia de Cádiz. Cádiz.
- TOUS LES ANIMAUX DU MONDE. T. III. Larousse, 1971.
- UCKO, P., ROSENFELD, A. 1967. *Arte Paleolítico*. Ed. Guadarrama. Madrid.
- UCKO P. J., LAYTON, R. 1999. *The Archaeology and Anthropology of Landscape. Shaping your Landscape*, Routledge, London/New York.
- UNTERMANN, J. 1972. Áreas e movimentos linguísticos na Hispânia pré-romana. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 72: 1-2, pp. 5-41.
- UTRILLA, P., BLASCO, F. 2000. Dos asentamientos magdalenenses en Deza, Soria. *BSAA, Valladolid*, 2000. pp. 9-63.
- UTRILLA, P., BLASCO, F., RODANÉS, J. M.^a. 2006. Entre el Ebro y la Meseta: el Magdaleniense de la cuenca del Jalón y la placa de Villalba. En G. DELIBES y F. DIEZ (eds): *El Paleolítico Superior en la Meseta Norte Española. Studia Archaeologica*. nº 54, pp. 173-213.
- UTRILLA, P., CALVO, M. J. 1999. Cultura material y arte rupestre levantino: la aportación de los yacimientos aragoneses a la cuestión cronológica. Una revisión del tema en el año 2000. *Bolskan*, 16, pp. 39-70.
- UTRILLA, P., RODANÉS, J. M. 2003. *Un asentamiento Epipaleolítico en el valle del río Martín. El Abrigo de los Baños (Ariño, Teruel)*. UniVersidad de Zaragoza, Departamento de Ciencias de la Antigüedad, Área de Prehistoria. Zaragoza.
- UTRILLA, P., VILLAYERDE, V. 2004. *Los grabados levantinos del Barranco Hondo. Castellote (Teruel)*. Gobierno de Aragón. Departamento de Educación, Cultura y Deporte, 158 págs.
- UTRILLA MIRANDA, P., VILLAYERDE BONILLA, V., MARTÍNEZ VALLE, R. 2001. Les gravures rupestres de Roca

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- Hernando (Cabra de Mora, Teruel) . Les Premiers Hommes Modernes de la Péninsule Ibérique. *Actas du Colloque de la Commission VIII de L'Uispp*: 161-174. Lisboa.
- VALLADAS H., MERCIER, N., FROGET, L., JORONS J. L., REYSS J. L., AUBRY T. 2001. TL Dating of Upper Paleolithic Sites in the Côa Valley (Portugal), *Quaternary Science Reviews*, vol. 20, nos. 5-9, pp. 939-943.
- VAN DEN BRINK, F. H., BARRUEL, P. 1971. *Guide des Mammifères sauvages de l'Europe occidentale*. Delachaux et Niestlé, 263. pp.
- VASCONCELLOS, L. DE. 1897. *Religiões da Lusitânia*, vol. I, Imprensa Nacional, Lisboa.
- VIALOU, D. 1983. Art Pariétal Paléolithique ariégeois. *Rev. L'Anthropologie*. t. 87, 1. París. pp. 83-97.
- 1986. *L'art des grottes en Ariège magdalénienne*. XXVI Supl. de Gallia Préhistoire. Centre National de la Recherche Scientifique. Paris.
- VIANA, A. 1929. As insculpturas rupestres de Lanhelas (Caminha, Alto Minho). *Portucale*, nos. 10 e 11, Porto.
- 1960. Insculpturas rupestres do Alto Minho (Lanhelas e Carreço-Viana do Castelo, Portugal), *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Ourense*, tomo XX (I-IV), Ourense, pp. 209-231.
- VILAÇA, R. 2005. Entre o Douro e o Tejo, por terras do interior: O I milénio a. C. In *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia Actas das 2^{as} Jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, pp. 13-32.
- VILASECA, S. 1934. L'Estació-taller de sílex de Sant Gregory. *Memoria de la Academia de Ciencias y Arte de Barcelona*, XXIII: 415-439.
- VILLAVERDE, V. 1985. Hueso con grabados paleolíticos de la Cova de les Cendres (Teulada, Alicante). *Lucentum*, IV: 7-14.
- 1994. *Arte paleolítico de la Cova del Parpalló*. Servicio de Investigación Prehistórica de la Diputación de Valencia, 2 vols., Valencia. 404, [482], págs.
- 2001. El Arte de los cazadores y recolectores del Paleolítico superior. En V. Villaverde (ed.) *De neandertales a cromañones. Los inicios del poblamiento humano en las tierras valencianas*. Universidad de València: 331-366.
- 2002. Contribution de la séquence du Parpalló (Espagne) à la sériation chronostylistique de l'art rupestre paléolithique de la Péninsule Ibérique". En D. Sacchi (dir.) *L'Art Paléolithique à l'Air Libre. Le paysage modifié par l'image*. Gaep & Géopré: 41-58.
- 2005. Arte Paleolítico de la región mediterránea de la Península Ibérica: de la Cueva de la Pileta a la Cova de les Marevelles. En *Actas del Congreso Arte Rupestre en la España Mediterránea (Alicante, 2004)*. Ed. M. Hernández y J. Soler. 17-45. Alicante.
- VILLAVERDE, V., LÓPEZ MONTALVO, E., DOMINGO SANZ, I., LÓPEZ VALLE, R. M. 2002. Estudio de la composición y el estilo. MARTÍNEZ VALLE, R. y VILLAVERDE BONILLA, V (coord.); (con la colaboración de Guillem Calatayud, P. M. et al.): *La Cova dels Cavalls en el Barranc de la Valltorta*. Monografías del Instituto de Arte Rupestre, 1: 135-189.
- VILLOCH VÁZQUEZ, M. V. 1995. Monumentos y petroglifos: la construcción del espacio en las sociedades constructoras de túmulos del Noroeste peninsular. *Trabajos de Prehistoria*, 52. n° 1; pp. 39-55.
- VIÑAS, R., SARRIÁ, E., ALONSO, A. 1983. *La pintura rupestre en Catalunya*, Barcelona.
- WALDERHAUG, O., WALDERHAUG, E. M. 1998. Weathering of Norwegian Rock Art – a critical review. *Norwegian Archaeological Review*. Trondheim. 31:2, pp. 119-1.
- WATCHMAN, A. 1995a. Executive Summary. *Summary of report to Electricidade de Portugal*.
- 1995b. Dating the Foz Côa engravings, Portugal. En D. Seglie Ed. *News 95-International Rock Art Congress*. Turin. p. 98.
- 1995c. Recent petroglyphs, Foz Côa, Portugal. *Rock Art Research* 12 (2), pp. 104-108.
- 1996. A review of the theory and assumptions in the AMS dating of the Foz Côa petroglyphs, Portugal, *Rock Art Research*. 13 (1), pp. 21-30.
- WHITLEY, D. S. 1998. Finding rain in the desert: landscape, gender and far western North American rock art, in C. CHIPPINDALE, P. S. Ç. TAÇON (eds), *The Archaeology of Rock-Art*, Cambridge University Press, Cambridge, pp. 11-29.
- WHITLEY, A. 2000. Very like a whale: menhirs, motifs and myths in the Mesolithic-Neolithic transition in northwest Europe. *Cambridge Archaeological Journal*, vol. 10, n° 2, pp. 243-259.
- ZILHÃO, J. 1992. *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo*. Trabalhos de Arqueologia, 6. Lisboa.
- 1995a. The age of the Côa valley (Portugal) rock-art: validation of archaeological dating to the palaeolithic